

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em Antropologia**  
**Área de concentração em Antropologia Social e Cultural**



Dissertação de Mestrado

**Passo dos Negros: Entre Narrativas, Etnografias e Conflitos**

Simone Fernandes Mathias

Pelotas, 2020.

Simone Fernandes Mathias

**Passo dos Negros: Entre Narrativas, Etnografias e Conflitos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Área de Concentração em Antropologia Social e Cultural, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Antropologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Louise Prado Afonso

Pelotas, 2020.

Simone Fernandes Mathias

## **Passo dos Negros: Entre Narrativas, Etnografias e Conflitos**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Área de Concentração em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 23 de novembro de 2020.

Banca examinadora:

---

Prof. Dra. Louise Prado Afonso (Orientadora)

Doutora em Arqueologia pelo Museo de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – USP

---

Prof. Dr. Francisco Pereira Neto

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Prof. Dra. Cassiane de Freitas Paixão

Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

*A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da Casa Grande”, e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos.*

*Conceição Evaristo*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, aos meus antepassados, por estarem, sempre, ao meu lado em momentos alegres e difíceis da minha vida. Eu, não poderia deixar de lembrar, de minha avó Ivaema e minhas tias-avós Ines, Iná e dinda Nely (in memoriam). Senti a presença de vocês, enquanto escrevia esta dissertação. Eu ofereço, com muito amor, a cada uma. Seus conselhos, estão vivos e me dando direção, continuamos nos encontrando em sonhos. E aos demais parentes, que estão em outro plano, meu imenso respeito e admiração.

Aos meus pais, Miriam Helem e Francisco de Paulo (in memoriam): a ti pai, que, pela perversidade social, não tiveste oportunidade de estudar. A vocês gratidão, por essa reencarnação, porque é a base, para me tornar a pessoa que sou. Aos meus irmãos/ãs Ricardo, Otávio, Rafael, Leonardo, Patrícia e Tamires, assim como aos meus sobrinhos e sobrinhos-netos, por todo carinho dispensado a mim. A André Luis e Açucena, meus filhos, pelo grande amor que nos une. À minha neta Livía, minha companhia de escrita, nesses meses de pandemia e reclusão. À Thaís Camargo, minha nora, por todo o incentivo e pelos abraços. Aos meus familiares, como a família é imensa e por ter o cuidado de não esquecer algum nome, sintam-se abraçados por mim, beijos no coração de vocês.

À minha orientadora, Dr<sup>a</sup> Louise Prado Alfonso, por me acompanhar nessa trajetória, pelo tempo disponibilizado, pela compreensão em momentos difíceis e pelos conhecimentos transmitidos, pois percebeu, o potencial de meu trabalho, mesmo quando eu não estava convecida disso. À minha banca, na presença do professor Francisco Neto, que acompanha minha caminhada e à professora Cassiane Paixão, por me oportunizar a escrita do capítulo de um livro. Quero, de maneira muito especial, agradecer à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela oportunidade de fazer essa pesquisa, junto à comunidade do Passo dos Negros e a cada interlocutor/a. Vocês me mostraram, através das narrativas, um território vivo e dinâmico, com uma historicidade negra potente.

Ao grupo GEEUR, pela oportunidade de participar dos projetos de extensão, tão gratificantes para mim. Vivenciei, muitas atividades, o que me proporcionou, conhecer pessoas maravilhosas com quem aprendi muito. Aos amigos que lá eu

conheci, muitos já estão em outros lugares, seguindo seus sonhos, tenho certeza que nossas amizades irão prevalecer; a cada um, gratidão pela parceria. Dentre essas parcerias, a minha querida Mestra Griô Sirlei Amaro, que há pouco nos deixou. Foi imenso prazer, estar a seu lado nas inúmeras atividades, dentro e fora da Universidade. Guardo com carinho, minha boneca Aboyomi, construída há tantos anos, com fuxicos e retalhos, através de suas mãos delicadas. Dei-lhe o nome de Oxum e ela tem lugar especial em minha casa.

Ao curso de pós-graduação da UFPel, agradeço aos professores/as, assim como aos/as técnicos/as e funcionários/as, pela disposição de, em todos os momentos, em atender às necessidades que surgiram ao longo de minha participação no programa. Aos queridos colegas de Mestrado e Doutorado, a melhor turma, por nossas parcerias, compartilhamentos, cotidianos, sonhos e trajetórias. Aos amigos/as, que entraram na minha vida e que ultrapassaram as fronteiras do ICH, ajudando-me muito quando precisei: Daniel Vaz, Juliana Flor, Ana Langone, Marta Bonow, Guilherme Rodrigues, Paulo Brum, Rosilene Silva, Melina Monks, Miriel Bilhalva e Vagner Barreto.

À Luciene Barbosa, por nossa amizade construída por laços fortes, a qual transpassou a ponte do Rio Grande. Aos queridos Juliano Domenegueti, Airton Rodrigues e Tainara Carvalho, por nossas conversas e risadas. Ao grupo da UFPel, Diz Ahí, onde encontrei apoio psicológico, para passar por períodos difíceis, neste ano de 2020. Não poderia deixar também de expressar meus agradecimentos a amigos tão importantes nesta caminhada: a Marcos Valença e Ilda Ziemann, que me deram todo apoio necessário; assim como, a Evandro Rossales e Mauricio Wennesheimer por todo carinho e energias positivas dispensadas a mim.

Por fim, peço desculpas para aqueles que não entraram nestes agradecimentos, em virtude do puro e simples esquecimento. E, mais uma vez, gratidão à comunidade do Passo dos Negros, pelos inúmeros ensinamentos e narrativas. Esta experiência linda ampliou meu olhar não só como pesquisadora, mas também, como mulher negra, moradora dessa cidade. E o toque dos tambores continua...

## **São Gonçalo**

*Tão triste a ponto de te achares feliz demais,  
Gonçalo, onde comesças?  
Nem nasceste  
Alguém de pôs aí  
E tu ficaste  
Carregando o céu nas costas  
Estivador das estrelas e das nuvens  
Puxas oxuns pelas mãos  
E por onde elas passam os portos permanecem  
Povoados de saudades e pássaros  
Onde terminas, Gonçalo  
Filho da terra emprestado ao mar  
Talvez dai tua santidade  
Ou porque depara ti não se desfilar nem um rosário  
Bem conhecem as procissões e os calvarios*

*Marília Floôr Kosby – os baobás do Fim do Mundo*

## RESUMO

MATHIAS, Simone Fernandes. **Passo dos Negros**: Entre narrativas, etnografias e conflitos – Pelotas/ RS. Orientadora: Louise Prado Afonso. 2020. 113 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia-área de concentração em Antropologia Social e Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

Esta dissertação de mestrado apresenta um estudo antropológico, sobre o território do Passo dos Negros em Pelotas R/S., sobre a perspectiva das etnografias, narrativas, oralidades e conflitos. Procura-se entender essa região, desde o início de sua construção, nos meados do século XIX, com a chegada de homens, mulheres e crianças escravizadas, assim como a produção do charque, sendo que a partir desse trabalho e de vários outros, deu-se a construção e o apogeu da cidade de Pelotas. Muitas famílias, a maioria delas negras, continuaram no local, trabalhando no Engenho Pedro Osório após a abolição. No entanto, embora a extinção do trabalho escravo tenha ocorrido, devido à assinatura da Lei Áurea, podemos dizer que o pensamento escravocrata ainda continua internalizado na sociedade. Com o fim da era do charque, algumas leitarias e peixarias se instalaram no espaço, tempo depois, acabaram, também, fechando as portas. Atualmente, muitos desses moradores/as são charreiros, profissionais autônomos, trabalhadoras domésticas, que se deslocam para outros bairros para buscarem seu sustento. Neste espaço, nos últimos anos, vem chegando os “empreendimentos” de luxo, trazendo mudanças à paisagem, assim como, insegurança e incertezas para os/as moradores/as que reivindicam o reconhecimento de seus patrimônios, como ferramenta de luta. Assim, busco através das narrativas e do olhar antropológico, entender os conflitos que acontecem no território do Passo dos Negros.

Palavras-chave: **Narrativas; Etnografias; Passo dos Negros; Conflitos.**



## ABSTRACT

MATHIAS, Simone Fernandes. **Passo dos Negros**: Entre narrativas, etnografias e conflitos – Pelotas/ RS. Orientadora: Louise Prado Afonso. 2020. 113 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia-área de concentração em Antropologia Social e Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

This research presents an anthropological study, about the territory of Passo dos Negros in Pelotas/RS. From the perspective of ethnographies, narratives, oralities and conflicts, we seek to understand this region since the beginning of its construction in the middle of the 19th century, with the arrival of enslaved men, women and children, for the production of beef jerky and many others works, which resulted in the construction and heyday of the city of Pelotas. Many of these families, the majority of whom were black, remained in the area in the post-abolition period, working at Engenho Pedro Osório. However, although the extinction of slave labor has occurred, due to the Golden Law, we can say that slave thinking still remains internalized in society. With the end of the jerky period, some dairies and fishmongers settled in the place, but some time later, they also ended up closing the doors. Currently, many of these residents are charioteers, self-employed professionals, domestic workers, who move daily to other neighborhoods to seek their livelihood. In this space, in recent years, luxury loans have been arriving, bringing changes in the landscape, as well as insecurity and uncertainty for these residents. They claim the recognition of their heritage, as a tool of fight. Thus, I seek through the narratives and the anthropological view, to understand the conflicts that happen in the territory of Passo dos Negros

Key words: **Narratives, Ethnographies, Passo dos Negros; Conflicts.**

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Mapa do Território do Passo dos Negros.....	25
<b>Figura 2:</b> Trabalho no charque - Jean Baptiste Debret .....	29
<b>Figura 3:</b> Aquarela Passo dos Negros - Jean Baptiste Debret.....	30
<b>Figura 4:</b> Marambaia – a Vila Rosenthal - Jean Baptiste Debret .....	30
<b>Figura 5:</b> Desenhos de Auguste de Saint-Hilaire.....	31

## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 1:</b> Fotos do Porto de Pelotas.....	34
<b>Foto 2:</b> Moradores do Passo dos Negros.....	43
<b>Foto 3:</b> Acervo Dona M – Charqueada São Gonçalo.....	46
<b>Foto 4:</b> Acervo Dona M – Foto de família .....	47
<b>Foto 5:</b> Acervo Dona M – Foto de família .....	48
<b>Foto 6:</b> Acervo Dona M – Foto de família .....	48
<b>Foto 7:</b> Acervo D. M – Foto de família .....	49
<b>Foto 8:</b> Acervo D. M – Foto de família .....	49
<b>Foto 9:</b> Engenho Pedro Osório.....	54
<b>Foto 10:</b> Engenho Pedro Osório.....	54
<b>Foto 11:</b> Vila operária no Passo dos Negros.....	56
<b>Foto 12:</b> “Castelinho” – charqueada Barão de Santa Tecla.....	56
<b>Foto 13:</b> Escola Visconde de Mauá.....	57
<b>Foto 14:</b> Corredor das Tropas.....	57
<b>Foto 15:</b> Leitaria do Passo dos Negros.....	60
<b>Foto 16:</b> Aljibe.....	61
<b>Foto 17:</b> Sede do Clube Osório.....	64
<b>Foto 18:</b> Ponte dos Dois Arcos (Diário Popular). .....	65
<b>Foto 19:</b> Aquarela Ponte dos Dois Arcos.....	66
<b>Foto 20:</b> Ponte dos Dois Arcos.....	66
<b>Foto 21:</b> Ponte dos Dois Arcos.....	67

<b>Foto 22:</b> Figueira da Noiva.....	69
<b>Foto 23:</b> Figueira da Ponte .....	70
<b>Foto 24:</b> Animais \ Passo dos Negros.....	71
<b>Foto 25:</b> quintal da casa .....	78
<b>Foto 26</b> Imagem área do Condomínio Lagos de São Gonçalo.....	84
<b>Foto 27:</b> Entrada do Condomínio Lagos de São Gonçalo.....	84
<b>Foto 28:</b> Câmera no Condomínio Lagos de São Gonçalo.....	88
<b>Foto 29:</b> Frente do Empreendimento Parque Una.....	90
<b>Foto 30:</b> Área de lazer do Parque Una.....	91
<b>Foto 31:</b> Imagem área Parque Una.....	91
<b>Foto 32:</b> Imagem área Parque Una (vista para comunidade) .....	93
<b>Foto 33:</b> Oferendas\ Passo dos Negros.....	95
<b>Foto 34:</b> Seu J. A.....	98
<b>Foto 35:</b> Campos do território do Passo dos Negros.....	99
<b>Foto 36:</b> Passo dos Negros – habitação.....	101
<b>Foto 37:</b> Corredor das Tropas - habitação.....	101

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1:</b> Território do Passo dos Negros, no período das Charqueadas.....	25
<b>Mapa 2:</b> Localização da Leitaria - GEEUR.....	62
<b>Mapa 3:</b> Cartografia – Passo dos Negros - GEEUR.....	96
<b>Mapa 4:</b> Território do Passo dos Negros .....	101
<b>Mapa 5:</b> Novos Empreendimentos.....	102

## **GLOSSÁRIO**

**APP-** Área de Preservação Ambiental

**BBP-** Bibliotheca Pública Pelotense

**CAPES-** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**CBTT-** Comunidade Beneficente Tradicional de Terreiro Caboclo Rompe Mato Ilê Axé Xangô e Oxalá

**CEEE-** Companhia Estadual de Distribuição de Energia Elétrica

**CRPO-** Comando Regional de Polícia Ostensiva do Sul

**GEEUR-** Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos

**IBGE-** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IPHAN-** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**UCPEL-** Universidade Católica de Pelotas

**UFPEL-** Universidade Federal de Pelotas

**SANEP-** Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas

**SECULT-** Secretária Municipal da Cultura em Pelotas

**TSE –** Tribunal Superior Eleitoral

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2. CAPÍTULO I - TERRITÓRIO DO PASSO DOS NEGROS.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1. Revisitando o Contexto Histórico.....</b>	<b>22</b>
<b>3. CAPÍTULO II - ENTRE O PASSADO E O PRESENTE.....</b>	<b>40</b>
<b>3.1. As Temporalidades.....</b>	<b>41</b>
<b>4. CAPÍTULO III – “EMPREENDEMENTOS”, MUDANÇAS E NARRATIVAS .....</b>	<b>72</b>
<b>4.1. Caminhando pelas Margens.....</b>	<b>72</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>105</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>108</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Entre encontros e desencontros... todo caminho começa com o primeiro passo! Aqui, apresento o resultado de um trabalho que foi construído a partir das minhas indagações, sobre as narrativas e relações de conflito que se dão no território do Passo dos Negros. Mas, para falar dessa região, acho importante iniciar contando um pouco de minha trajetória acadêmica e de como cheguei a meu tema de pesquisa de mestrado. Em abril de 2016, recebo o convite para participar do grupo GEEUR (Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos), estava frequentando a disciplina de Patrimônio Cultural, ministrada pela professora Louise Alfonso, hoje minha orientadora. Desde então, estou vinculada a três projetos de extensão: *O Trabalho Doméstico: Entre o Passado e Presente*; *Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiros em Pelotas e Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para antropólogos/as em formação*. O projeto - *Trabalho Doméstico: Entre o Passado e Presente*, foi o primeiro com o qual me identifiquei, pois sou a quarta geração de trabalhadoras domésticas de minha família, fui bolsista, minha participação possibilitou ouvir e, também, compartilhar narrativas com outras trabalhadoras, nas diversas atividades que foram realizadas, dentre elas, falas e exposições na SECULT (Secretária de Cultura), BBP (Bibliotheca Pública Pelotense).

Estar inserida nessa rede de mulheres, em sua maioria negra, mostraram-me a importância de compartilhar essas narrativas, sendo essa ferramenta, importante para o trabalho etnográfico, o que demonstra a presença e a fala das mulheres trabalhadoras domésticas das comunidades, refletindo que muitos estigmas, dessa atividade, são frutos, em larga medida, de contextos passados, tanto escravistas, quanto do pós-abolição. Essas heranças influenciam diretamente a vida dessas mulheres, tanto nos aspectos afetivos, como profissionais, aprendi que a aproximação entre pesquisa e extensão, pode ser um caminho para que ocorram as mudanças necessárias na visibilização e na minimização dos estigmas do trabalho doméstico, favorecendo a legitimação das histórias que não são reconhecidas pelas narrativas oficiais.

No decorrer da pesquisa etnográfica no Passo dos Negros as mulheres também se fizeram presentes, tendo sido receptivas e trouxeram grande contribuição para este



trabalho. Inclusive algumas delas atuaram e ainda trabalham como domésticas. Na ocasião das entrevistas, além de explicarem a dinâmica de viver no Passo, compartilharam suas histórias de vida.

O segundo projeto de extensão foi o *Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas*. Ele se inicia com um pedido de Patrimonialização de lideranças de um terreiro da cidade. Esse projeto me deu a estrutura para fazer a minha escrita no trabalho final de curso, quando busquei entender narrativas, redes e ensinamentos dos pretos e pretas velhas. Há um ditado antigo, relevante nessa trajetória: “as raízes nos chamam”. Sou bisneta de benzedeira, bisa Candoca, falecida aos 103 anos. O trabalho se deu entre idas a campo, escrevendo em meu diário, acompanhando a diversidade das casas de matriz africana, festas e rituais dentro da Umbanda e das várias nações que existem na cidade. Fui compreendendo as dinâmicas e materialidades que se dão nesses espaços sagrados, esse projeto resultou num pedido de Patrimonialização da Comunidade Beneficente Tradicional de Terreiro Caboclo Rompe Mato Ilê Axé Xangô e Oxalá - CBTT. Para a realização do dossiê, entregue ao IPHAN em dezembro de 2018, pude contribuir com meu trabalho de etnografias das festas, entrevistas, acompanhamento de documentários, assim com fotografias.

Minha pesquisa de mestrado, surgiu a partir de minha participação no projeto de extensão *Narrativas dos Passo dos Negros: Exercício de etnografia Coletiva para antropólogos/as em formação*. A comunidade do Passo dos Negros encontra-se localizada na cidade de Pelotas, às margens do Arroio São Gonçalo, território vizinho aos Bairros Navegantes I, II e III, localidades essas que concentram uma grande população negra da cidade. O objetivo é refletir sobre as dinâmicas que acontecem nesse campo, como as mudanças que resultam nas transformações das paisagens e os conflitos que surgiram entre os/as moradores/as e os “empreendimentos” imobiliários. Assim, essa experiência conduziu meu olhar para esse território, pautando relações, parcerias e me aproximando de meus/minhas interlocutores/as; a prática etnográfica desenvolvida nesta pesquisa, permitiu-me interpretar esse mundo social, aproximando meu olhar de pesquisadora ao outro, tornando-o familiar. (VELHO, 1994).

Dessa maneira, este trabalho se constrói a partir de narrativas, da observação das mudanças e transformações que acontecem nesse território, assim como do cotidiano da comunidade, que percorre um caminho desde o passado até o presente. Essas questões podem ser analisadas conforme um percurso indicado por Malinowski. Segundo Laplantine (2000, p.85):

Malinowski nos ensinou a olhar as sociedades de dentro, a observar participando do seu dia-a-dia e, assim, possibilitando compreender melhor as relações humanas como um todo. Ele nos ensinou também a escrever, restituindo cenas da vida cotidiana, seu relevo e sua cor. Não podemos desprezar a subjetividade desse pesquisador, afinal conhecemos os Tobrinadeses através de seus olhos formados pela história individual de pesquisador' (LAPLANTINE, 2000, p.85).

Ele escreveu que, para alcançar o ser humano em todas as suas dimensões, é preciso dedicar-se à observação dos fatos sociais aparentemente minúsculos e insignificantes, cuja significação só pode ser encontrada nas suas posições respectivas no interior de uma totalidade mais ampla. Pensando nesse contexto, juntamente com essas falas, faço uma reflexão a partir das propostas desses "empreendimentos", as quais fui acessando através de suas propagandas e sites de divulgação, já que as tentativas de entrar no Condomínio Largos de São Gonçalo não foram autorizadas, assim como não conhecíamos qualquer morador/a. Como consequência dessa negativa, optei por não dar continuidade a esse contato, mesmo porque meu foco principal está na comunidade periférica moradora, suas formas de habitar o espaço e suas relações sociais. O método etnográfico foi o que permitiu minha aproximação e entendimento do que ocorre no território do Passo dos Negros, possibilitando identificar as demandas geográficas, sociológicas, assim como os valores culturais que existem e evidenciar alguns conflitos que ali se apresentam. Ao me inserir no Passo dos Negros, tal metodologia direcionou meu caminho até a rede de interlocutores/as.

Conforme o tempo passa e a imersão no campo se aprofunda, o olhar, ouvir e escrever (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006) trazem o sentido para o entendimento da dimensão do campo pesquisado: grupos diferentes, que hoje fazem parte do território, assim como os "empreendimentos" que ali chegaram há alguns anos. Compreende-se, dessa maneira, com esses diferentes atores, que as demandas mudam constantemente. O Passo dos Negros tem um território muito amplo, assim, para ser pesquisado, era preciso delimitar o foco a partir de alguns critérios e, entre tantas demandas importantes, detive-me nos conflitos, pois esse tema surgiu desde o

primeiro dia em campo. É nessa proposta que pretendo desenvolver a pesquisa, mostrando a relação dos/das moradores/as com o espaço, as mudanças e os “empreendimentos” imobiliários de luxo, analisando e narrando esse contexto.

Ouvindo aqueles homens, mulheres – idosos, adultos, adolescentes e também crianças – fui adentrando ao campo, recebendo convites pra conhecer suas casas, rotinas, modos de viver, suas memórias através de narrativas e álbuns de fotos, assim como cartas que foram comigo compartilhadas. Como pesquisadora, escutei cada fala com comprometimento, permitindo-me entrar e perceber esse mundo. Na relação com moradores/as mais antigos/as, chega-se às narrativas do tempo das charqueadas, do funcionamento do engenho, às mudanças, através do tempo, no território e à relação de pertencimento ao lugar. Essas narrativas, trazem, à tona, lembranças, através de fotos de família e amigades que ali se construíram.

A experiência da alteridade é sentida nos termos da própria cultura, ninguém será igual depois da pesquisa, pois o encontro do/a pesquisador/a com a comunidade, resulta em construções de trajetórias e narrativas. Para o autor, é preciso ultrapassar as fronteiras das próprias convenções, investir a imaginação no mundo da experiência, sendo a criatividade e a invenção, qualidades da cultura, pois quanto mais familiar o estranho se torna, mais estranho o familiar se mostrara ao observador.

Neste trabalho, também trago parte de minhas análises etnográficas, com base em Agier (2011), buscando entender a cidade como uma série de processos de resistência, lutas e conflitos, trazendo, à tona, relações, contextos e olhares diferentes. Para o autor, a cidade é uma construção virtual e simbólica, cujas margens não são separadas do centro, mas sim, se constroem juntas em diálogos: o Passo dos Negros possui visibilidade. Corroborando com Agier, acredito que nessas mobilizações, percebemos dinâmicas que acontecem na cidade, são várias formas de construção do pertencimento, identidades e vínculos. No trabalho de campo, então, registramos os detalhes, para compreender e interpretar a pesquisa, como um mundo compartilhado. Dessa maneira, é possível entender as relações que se desenrolam, como alguns dados que, no momento, podem parecer aleatórios, mas que situam a demanda.

Percebo que tudo, ao nosso redor, ganha outros significados e dimensões, quando estamos em campo, mas concluo ele com outros pensamentos, perspectivas

e experiências para a vida, procurando entender diferentes posicionamentos e relações das pessoas com o lugar, já que, além de enriquecerem meu mundo profissional, ético e pessoal, fui afetada. De certa forma, ao longo de minha formação acadêmica, construí-me como pessoa, mulher negra e militante e existe em mim a dificuldade de deixar de lado certas questões que me são caras. Enxergo os mecanismos de opressão no campo, através de meu olhar modificado, do tempo, das leituras e da inclusão em grupos de discussão. Essas questões já me pertencem, fazem parte da minha consciência, como mulher negra, conforme aponta Patrícia Collins (2016, p.114):

[...] a consciência das mulheres negras – a sua perspectiva analítica, emocional e ética de si mesmas e do seu lugar na sociedade – torna-se uma parte crítica da relação entre o mecanismo da opressão e a ação das mulheres negras. Por fim, essa relação entre opressão, consciência e ação podem ser vistas como relação dialética. Nesse modelo, estruturas opressivas criam padrões de escolha que são percebidos de formas variadas por mulheres negras. Dependendo de suas consciências de si mesmas e de suas relações com essas escolhas, mulheres negras podem ou não estruturar esferas de influência nas quais desenvolvem e legitimam o que será apropriado. O ativismo de mulheres negras, ao construírem esferas de influência do feminino negro, por sua vez, afeta as percepções das escolhas políticas e econômicas que lhes são oferecidas pelas estruturas opressivas, influência ações de fato tomadas e, em última instância, altera a natureza da opressão vivenciada por elas. (COLLINS, Patrícia Hill, 2016, p.114).

Entrar em campo e enxergar quem somos, o que pensamos, percebendo nossos avanços e limitações, situar nosso lugar no espaço da pesquisa e no mundo, são aspectos relevantes para que se possa atuar como pesquisadores/as. Percebo essas estruturas e relações como um rito passagem que envolve situações de separação, transições e reagregação (VAN GENEP, 2011). Colocar-me no lugar do outro constantemente, mas sabendo que não sou o outro, nesse vivenciar de emoções, faz com que eu me compare a um pêndulo que deve estar sempre ponderando, essa é uma das principais tarefas, muitas vezes árdua, para pesquisadores/as negros/as. Este trabalho foi dividido da seguinte maneira:

No **Capítulo I: Território do Passo dos Negros**, trago uma discussão sobre o contexto histórico do território Passo dos Negros, o surgimento da cidade de Pelotas, o começo e o declínio do período charqueador. A presença da mão de obra escrava e sua contribuição para apogeu da cidade, assim como os povos indígenas que nesse espaço habitaram. No **Capítulo II: Entre o Passado e Presente**, a proposta é mostrar a discussão metodológica desta pesquisa, trazendo as experiências etnográficas dos interlocutores/as, assim como as dinâmicas que acontecem no território. As

temporalidades que se interligam, com as vivências da oralidade e no caminhar de humanos e não humanos. Por fim, no **Capítulo III: Empreendimentos, Mudanças e Narrativas**, analiso o contexto atual do Passo dos Negros, demonstrando conflitos locais, acirrados devido a chegada dos “empreendimentos” de luxo. As transformações que o espaço vem sofrendo, assim como, construções de pertencimento, pois nesse lugar moram diversos grupos, tornando-o heterogêneo, o que lhe possibilita múltiplos olhares.

## 2. CAPÍTULO I: TERRITÓRIO DO PASSO DOS NEGROS

### 2.1. Revisitando o contexto Histórico

Para iniciar esta pesquisa, começo contextualizando a história territorial do Passo dos Negros, esse local encontra-se na cidade de Pelotas, localizada no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul. Entende-se que foi um dos primeiros centros urbanos nessa região, às margens da Lagoa dos Patos, onde se deu início a um povoamento que se implantou em uma pequena elevação central. Às margens da Lagoa, bem como nas dos Arroios São Gonçalo e Pelotas, região plana, marcada por muita água, localizavam-se as charqueadas. A cidade prosperou devido à produção do charque, assim como, a pecuária teve importância nessa região.

O Passo dos Negros ficou, primeiramente, conhecido como Passo Rico, devido à abundância das mercadorias que passavam por ali; em seguida, passou a se chamar Passo dos Negros, nome este em função da expressiva movimentação de pessoas escravizadas. Segundo Gutierrez (1993), a localidade do Passo dos Negros, era banhada pelo Canal São Gonçalo e, no período de 1812, foi primeiro loteamento urbano, em terras que pertenciam a Francisco Antônio dos Anjos. Hoje, existe uma rua na cidade com seu nome. Ainda segundo a autora (GUTIERREZ 2001), a região de Pelotas concentrou, também, grande população indígena, que, assim como os negros, serviu de mão de obra escrava, nessa região no ano de 1780. Gutierrez, traz observações feitas por Sebastião Francisco Bettamio, secretário da junta da Fazenda do Rio Grande do Sul, compiladas em seu relatório e, dentre elas, discorre sobre a presença indígena na cidade e a movimentação da região:

[...] entrando-se pelo sangradouro da Mirim, três ou quatro léguas (19,8km a 26,4km), há muitas e admiráveis rochas de boa pedra, havendo portos de mar que dão lugar à entrada de embarcações grandes, e chegam quase ao pé dos cerros; que ali se transporte a pedra da vila, [...] uma companhia de cento e cinquenta ou duzentos índios trabalhadores, e que esses se empreguem de baixo da direção de pessoa inteligente em quebrar e arrancar pedras de toda qualidade [...] 9º - No mesmo sítio que se corta pedra, há barro para telhas e tijolos, e como na aldeia há índios que sabem fazer esses dois materiais [...] 12º - Nas mesmas margens da sangradouro da Mirim em pequena distância, consta-me haverem excelentes madeiras, em cujo corte pode se empregar alguns índios [...]" (GUTIERREZ, 2001, pg. 51).

Cabe aqui um adendo. Atualmente, descendentes dessas comunidades indígenas vivem em Pelotas em áreas afastadas, com poucas políticas públicas voltadas a atender suas demandas, suas presenças são vistas no centro da cidade, na comercialização de artesanatos, buscando meios de sobrevivência. A inclusão dos saberes dos povos negro e indígena nas narrativas sobre a cidade, vem sendo buscada em ações culturais, por meio da luta de homens e mulheres considerados lideranças nessas populações. Segundo Carle “assentamentos negros, considerando que do século XVII ao século XIX, negros são indígenas, africanos e descendentes escravizados, os moradores imaginais daquele ethos são os negros, do Passo dos Negros” (CARLE, 2017, pg. 209).

Para Gutierrez (1993), a formação da cidade de Pelotas se estendeu por todo um complexo de comercialização e produção de charque, localizados no território do Passo dos Negros. Por estar próxima a rios e arroios navegáveis, a cidade teve facilitado o escoamento da produção do charque. Essa região, ainda foi marcada por ter muitos campos, um bom pasto, matéria-prima esta utilizada para a alimentação da grande quantidade de animais, que vinham, principalmente, da região de Tapes. O acesso favorável da cidade à água, marcado em sua paisagem, propiciou que cada charqueada tivesse seu próprio porto, dessa maneira se carregava toda a produção em embarcações rasas, sendo a produção transferida em alto mar. Conforme Loner *et al*, (2013), a demanda dessa produção, Pelotas foi considerada o porto principal de exportação de charque, colaborando para o fortalecimento de seu poder político, que conquistou influências e riquezas. Por esses fatores, a cidade se estabeleceu, neste período charqueador, como principal centro cultural e político do Sul; em muitos momentos, com maior influência que a capital Porto Alegre (LONER, GILL, SCHERR, 2012).

Esse território envolve o Corredor das Tropas, que faz parte dos principais caminhos de deslocamento de gado da região. Conforme afirma Gutierrez, a localidade do Passo dos Negros foi cogitada para ser a sede da cidade, mas devido a ser considerado como local perigoso e sujo, decorrente do alto número de pessoas escravizadas e a questão do mal cheiro constante, oriundo da matança dos animais e seus dejetos despejados no canal, a sede foi transferida para outro local (GUTIERREZ, 1993, p.158). A união do charqueador Francisco Antônio dos Anjos com

o influente padre Felício, fizeram com que mudasse do Passo dos Negros para outra imediação, mais central, próxima à atual Catedral da cidade, segundo Gutierrez:

A localização da cidade era defendida conforme essas pessoas estivessem vinculadas à posse da terra. Interessava que a sede da cidade estivesse implantada dentro ou no entorno de suas propriedades ou concessões. Em fevereiro de 1813, o capitão-mor Antônio dos Anjos e o vigário Felício entraram num acordo e começaram as construções da casa do vigário e da igreja no lugar onde hoje se localiza a catedral. Naquele mesmo ano, a igreja era inaugurada, marcando a povoação que ali iria se desenvolver. (GUTIERREZ, 2001, p. 166).

Conforme aponta Vargas (2016), pela facilidade de acesso, via ao canal São Gonçalo, à Laguna dos Patos e ao Oceano Atlântico, serviu como porto de escoamento do charque e praça comercial para a taxaço de produtos vindos de outras regiões. Nesse período, chegou a ser cogitado, como ponto de fundação do traçado urbano, na elevação da Vila de São Francisco de Paula à categoria de Freguesia, em 1812, com a delimitação de seis quadras para a construção de residências. Assim, como outros autores, Rocha (2014), cita que a presença de pessoas escravizadas, condições insalubres do território, a passagem das tropas e as constantes inundações fizeram com que as autoridades optassem por transferir o centro, para uma região mais alta, onde hoje se encontra a Catedral e o sítio de casario ao seu redor. O polo charqueador que se instalou no encontro dos mencionados cursos de água teve início nas últimas duas décadas do século XVIII, tendo, como suporte, a exploração da mão de obra escrava africana. A instalação de, aproximadamente, quarenta charqueadas na região atual do município de Pelotas, às margens do canal São Gonçalo e do Arroio Pelotas, ocasionou uma série de transformações sociais e paisagísticas, dando importância para a localidade e impulsionando o começo da urbanização com o aumento da população na região (GUTIERREZ, 2001; MARQUES, 1987; MAGALHÃES, 2013).



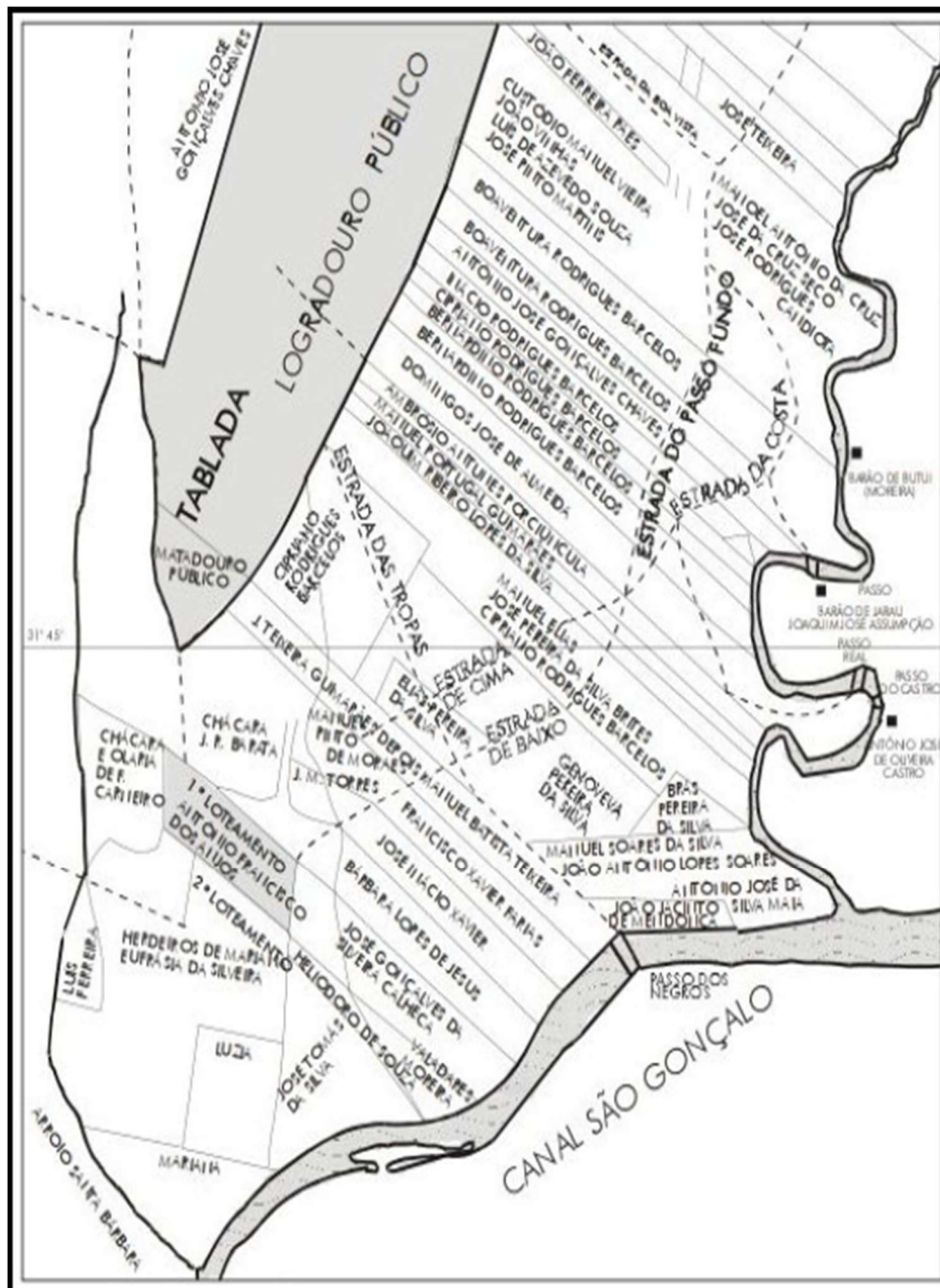


Figura 1 - Distribuição das charqueadas e primeiro loteamento, com Território do Passo dos Negros, no período das Charqueadas. In: Gutierrez, 2001. (p. 164).

Conforme relata Gutierrez (2001), a cidade de Pelotas, por ter aproximação com os arroios, possibilitou a total manutenção das mercadorias. Neste espaço, houve um movimentado posto de cobrança de impostos.

Os cursos de água que banham a cidade de Pelotas facilitaram a navegação bem como a exportação e importação de produtos e a importação de mão de obra escrava que desembarcava no Porto de Rio Grande. Existiam nos cursos de água, locais onde ocorria a travessia das tropas de gado, esses locais eram chamados de “Passos”. Nas margens do Canal São Gonçalo foi rastreado o melhor lugar para o serviço de canoagem e assim foi criado o que veio a se chamar Passo dos Negros. Contando com diferentes nomes, primeiramente se chamou Passo dos Neves, local onde eram cobrados impostos pelo governo, devido ao grande fluxo de escravos bens de consumo como o charque, açúcar, sal, além do gado que ia para as charqueadas, provenientes dos Campo Neutrais e da banda oriental. Popularmente, o local também ficou conhecido como Passo Rico, por ser uma praça de fiscalização e cobrança de impostos. Nesse período era intenso o movimento de entrada e negociação de escravos, o que deu origem ao nome de Passo dos Negros. (GUTIERREZ, 2001; OLHARES SOBRE PELOTAS, 2013; DE LEON, 2016).

Salientando que as famílias aristocráticas enriqueceram com a produção de larga escala do charque, que só foi possível com a mão de obra escravizada, resalto a importância das comunidades negras para Pelotas, pois, sem ela, esse apogeu de riquezas não teria se concretizado. Porém, as benfeitorias só favoreceram a elite da cidade. Conforme SANTOS (2012), a indústria charqueadora de Pelotas teve sua grande produção exportada para os mercados interno e externo, através de cursos navegáveis, que contribuíam para que a cidade de se tornasse o polo charqueador.

[...] o Arroio Pelotas, o Canal São Gonçalo e a Laguna dos Patos – favoreceram a exportação e contribuíram para que no município se criasse um núcleo charqueador. Até a data de 1888, quando foi decretada a abolição da escravatura no Brasil, a carne salgada produzida nas charqueadas pelotenses era escoada por meio da navegação fluvial e lacustre até a cidade de Rio Grande, localizada na margem do canal que liga a Laguna dos Patos ao Oceano Atlântico. 3 [...] De Rio Grande, o charque era transportado por meio da navegação marítima para os núcleos urbanos do centro e do nordeste do país. Servia como alimentação básica dos escravos que trabalhavam nas lavouras, sobretudo, nas plantações de cana de açúcar. As exportações do charque pelotense também alcançavam outros países do Novo Mundo, como Cuba e os Estados Unidos. (SANTOS, 2012, p.156).

A paisagem da região central da cidade passou por transformações, com a construção de residências luxuosas, como os casarões e prédios urbanos, sendo eles em estilo arquitetônico eclético. Essas construções, como o Mercado Público Municipal, casas de famílias charqueadoras, Biblioteca Pública e Theatro Sete de abril, continuam sendo valorizadas, na cidade. (GUTIERREZ, 2004 p.150). Em 1830, a freguesia São Francisco de Paula se torna vila, e poucos anos depois, cidade, quando é afirmado o primeiro traçado urbano, porque a elite organizou as construções

de suas residências, no entorno da praça principal, longe das inconveniências causadas pela indústria do charque, como exemplo, o mal cheiro vindo das vísceras dos animais abatidos (ARRIADA,1994). Os casarões da elite pelotense ficavam distantes das charqueadas do Passo dos Negros, porém isso não era empecilho para que os senhores do charque, as mantivesse controladas de modo eficiente. A produção do charque era sazonal, durante os meses de setembro a março, a mão de obra escravizada era usada, nos demais meses, para as construções das luxuosas casas. Conforme Santos (2012, p.157):

As zonas de salga pelotenses eram compostas de poteiros e do terreno da matança. [...]. Daí os bichos eram levados à cancha, esfolados e esartejados. Os couros eram estaqueados e secos ao ar livre. Em galpões, as carnes eram desossadas, salgadas e levadas aos varais onde secavam ao sol. Em tachos de ferro ou de cobre ferviam-se em água os ossos, extraindo a gordura. Os sebos eram lavados e socados. As múltiplas tarefas eram exercidas pelos cativos, desde o amanhecer ao cair da noite dos meses de verão. A mão de obra era setorializada nas diferentes atividades. As ossamentas eram queimadas e utilizadas como adubo, exportadas com o mesmo fim, ou empilhadas compondo mangueiras e cercas (SANTOS, 2012, p.157).

Segundo Al-Alam (2007), contar sobre a trajetória de negros/as na cidade de Pelotas é refletir sobre o trabalho de homens, mulheres e crianças, sob o regime de escravidão, em charqueadas, em olarias, em fazendas e no centro urbano. Em condições desumanas e insalubres, para muitos, o trabalho desenvolvido nas charqueadas pelotenses, representava um grande castigo, lugar onde chegavam pessoas escravizadas que cometiam delitos, infrações ou desobedeciam. A idéia de criação de um centro urbano, que marginaliza o Passo dos Negros, acompanhava a modernidade e o progresso da cidade que ficou conhecida como a “Princesa do Sul”, com uma aristocracia formada por charqueadores e barões do charque. Hoje, o sítio histórico, formado por casarões no entorno da Praça Coronel Pedro Osório daquele período, foi reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro, pelo IPHAN (Instituto Do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Na descrição de Gutierrez (2004), as pessoas escravizadas cumpriam distintas tarefas, algumas muito especializadas, como as dos carneadores, salgadores, tanoeiros, graxeiros e sebeiros. Informações essas, sobre pessoas cativas, que só viriam à tona anos depois, nas pesquisas de averiguação, levantadas nas atas de registros de internamentos (Livros..., 1870-1880), entre 1870-1871, uma vez que, nos anos seguintes, haveria a generalização do uso do termo trabalhadores. As mulheres,

assim como as crianças, existiam em pequeno número nessas propriedades, sendo elas, auxiliares dos trabalhos. De acordo com Vargas (2016, p.14) muitas escravas realizavam suas atividades nas residências das famílias que buscavam um estilo de vida europeu:

Além das rotineiras visitas de amigos e parentes, as festividades constituíam-se em momentos nos quais os charqueadores e a sua família podiam demonstrar as suas melhores qualidades, não apenas artísticas e intelectuais, como a de bons anfitriões, algo que lhes conferia grande prestígio nas rodas da primeira sociedade, como gostavam de se definir. Uma boa recepção exigia grande número de criados e serviços domésticos, o que ajudava a compreender certos anúncios em jornais relativos à contratação de cozinheiros estrangeiros aptos a trabalharem em casas de famílias, por exemplo. Os mesmos deviam somar-se aos copeiros e demais escravos da casa do senhor, arrolados em seus inventários (VARGAS, 2016, p. 14).

As condições sanitárias precárias da cidade, não só no sítio charqueador, aumentavam a proliferação de insetos devido a quantidade de muitos pântanos e intensa umidade, contribuindo ainda mais para as doenças, principalmente entre a população negra:

Os estabelecimentos compostos de estâncias, charqueadas e olarias, possuíam de 30 a 150 trabalhadores escravizados, o que resultou numa média de 84 cativos por propriedades. A especialização da mão-de-obra alcançava 70%. As mulheres, as menos qualificadas, atingiam um total de 16%, participando das atividades domésticas ou de ofício, provavelmente trabalhavam nas hortas. No total de escravos 10% dedicava-se aos trabalhos domésticos ou ofícios. As crianças somavam 2%, o número reduzido de mulheres e crianças cativos, mostrou que os proprietários não apostavam na reprodução da escravatura. (GUTIERREZ, 2010, p.235).

O francês Jean-Baptiste Debret, pintor e desenhista foi um dos viajantes que passaram pelo território do Passo dos Negros e região, trazendo, em seus relatos, narrativas vividas naquela época, mostrando um lugar de fartura e requinte, mas, ao mesmo tempo, sendo este espaço de extremos castigos aos cativos. Dessa maneira, a partir das descrições feitas nas aquarelas, pode-se entender o surgimento e o papel das charqueadas e como esses fatos mostram na construção do sul do país, o surgimento da vila, assim como as dinâmicas de construção da cidade de Pelotas. Conforme Schlee (2000), Debret ficou por quinze anos no Brasil, na companhia de D. Pedro I, durante as guerras cisplatinas. Em sua visita ao Rio Grande do Sul (RS), o artista deixou cinco aquarelas, onde interpreta iconograficamente as dinâmicas que vivenciou no território do Passo dos Negros, salientando a estrutura social, a residencial, a organização, a arquitetura e a racionalização dos trabalhos, no relato da vida nas charqueadas escravistas pelotenses do século XIX.



Figura 2: “Trabalho no charque” - Debret<sup>1</sup>

Segundo Magalhães (1993), entre o arroio São Gonçalo e a Lagoa dos Patos, encontra-se uma extensão de terrenos pantanosos, a localidade conhecida por Marambaia, ou também por Vila Rosenthal, circunvizinha o território do Passo dos Negros, localiza-se outro lado das margens do arroio. Para se chegar nessa localidade é necessário se deslocar pela rodovia da BR 392, em direção ao município de Rio Grande, pela ponte Engenheiro Leo Guedes, utilizar o primeiro retorno e dobrar na primeira estrada a direita ou chegar de barco, pelas águas São Gonçalo. Conhecida por ser uma colônia de pescadores, as embarcações que chegavam ou saíam do Passo dos Negros, tinham acesso por ali também. Em sua paisagem, encontra-se um casario parcialmente abandonado, algumas ruínas e figueiras centenárias. Trazendo um olhar para o valor patrimonial histórico, que, em outro momento, assistia ao processo de colonização e estabelecimento do município de Pelotas, o pintor Jean Baptiste-Debret, em uma de suas aquarelas, fez referência à localidade da Marambaia, mostrando os fluxos do cotidiano que lá ocorriam:

---

<sup>1</sup> Fonte da imagem: <https://www.bancariospel.org.br/2018/08/13/a-forca-negra-na-construcao-de-pelotas/>

Esse trafego intenso, sobretudo de embarcações que se ocupavam em transportar o charque para os portos do Rio Grande e São José do Norte, felizmente não ficou registrado apenas em letra de forma. Foi documentado, e de forma eloquente, numa impressionante aquarela de Debret que, embora sem assinatura e sem data, é certamente do primeiro quartel do século XIX. Retrata o passo dos Negros – também chamado Passo Rico – no São Gonçalo, e chega a surpreender pela movimentação que sugere: estão ali fixados um grande número de barcos, de animais, de famílias, de peões livres e de escravos que trafegavam na década de 1820 ao longo daquela improvisada alfândega rio-grandense (MAGALHÃES, 1993, p. 35).



Figura 3: Reprodução da aquarela do Passo dos Negros de Jean Debret<sup>2</sup>



Figura 4: Marambaia - A vila Rosenthal – Pelotas – Debret<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Fonte da imagem: [www.vivaucharque.com.br/interativo/artigo27](http://www.vivaucharque.com.br/interativo/artigo27)

<sup>3</sup> Fonte da imagem: [www.vivaucharque.com.br/interativo/artigo27](http://www.vivaucharque.com.br/interativo/artigo27)

Outro viajante que descreveu, em suas viagens ocorridas entre 1820 e 1821, o Rio Grande do Sul, foi o botânico e naturalista Augusto Santi Hilare. Durante suas andanças ele descreve as características, traços e o comportamento de guaranis em suas aquarelas. Em sua visita ao estado, levanta dados junto ao cura da paróquia, que vão desde a extensão do lugar ao número de indivíduos que a compõem (GALMARINO, 2008):

Segundo me informou o cura do Rio Grande, a sua paróquia mede aproximadamente, sessenta léguas de comprimento, por vinte de largura, compreendendo em 1819, 5125 indivíduos, a saber, 1388 brancos, 17 índios, 26 índias, 61 mulatos livres, 98 mulatas livres, 32 negros livres [...], 1391 negros e mulatos escravos, 879 negras e mulatas escravas (GALMARINO, 2008, p. 18).

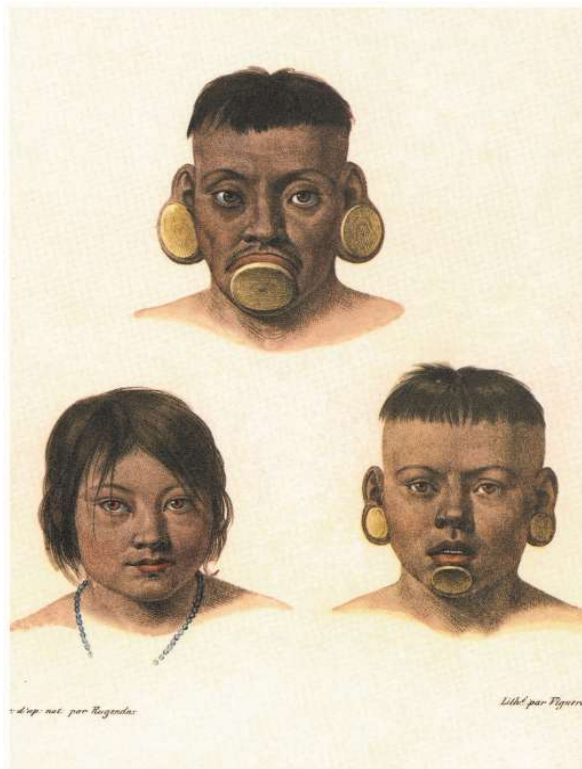


Figura 5: Desenhos de Auguste de Saint -Hilarie (1779-1853)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Fonte da imagem:

[www.google.com/search?q=desenhos+de+saint+hilaire&sxsr=ALeKk0055LIZ6Gp9Hq6k8QZuK-vkfaukBA:1593322335822&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=IrdGs809Nsoq8M](http://www.google.com/search?q=desenhos+de+saint+hilaire&sxsr=ALeKk0055LIZ6Gp9Hq6k8QZuK-vkfaukBA:1593322335822&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=IrdGs809Nsoq8M)

Conforme Maestri (2008) em 1872, o Sul contava como a sexta região em número absoluto de pessoas cativas (p.54), trazendo um outro olhar para a história tradicional contada. Analisando os aspectos sobre a desqualificação do negro escravizado, apagando sua visibilidade na construção e composição da sociedade do Sul. O autor salienta as questões de memória, mostrando, através de documentos e relatos, a presença negra cativa, nesse território, desde há muito tempo. Desse modo, em suas análises, aponta aspectos da sociedade que envolvem não só a presença negra, como também as casas de cultos afro-brasileiros, as charqueadas, cultos da cosmologia sudanesa e as batalhas da Revolução Farroupilha. Pensando, assim, em caminhos para se mostrar a participação do africano e do afrodescendente, na contribuição sociocultural e econômica do Rio Grande do Sul. (MAESTRI, 2008).

Segundo Barbosa (2013), o território do Passo dos Negros, foi palco da Guerra dos Farrapos, conhecida também, como Revolução Farroupilha, um acontecimento regional, contra o governo imperial, resultando na declaração de independência da província, que se estendeu do período de 20 de setembro de 1835 a 1º de março de 1845. Fazendo uma análise, do tempo, do passado e presente, percebe-se que os conflitos sempre estiveram presentes na localidade. Esse confronto ocorreu no território, o desfecho se deu às margens do Canal São Gonçalo, no período de junho de 1836:

Enquanto isso, João Manuel de Lima e Silva, tio do Duque de Caxias, comandante das armas dos revolucionários, desbarata no Passo dos Negros, no Rio São Gonçalo, em Pelotas, a força legalista de Albano de Oliveira Bueno (2.6.1836), o qual foi assassinado quando seguia preso para Porto Alegre. Lima e Silva, na cidade de Pelotas, com 700 farrapos, derrota o Major Manuel Marques de Souza, o futuro Conde de Porto Alegre. Ele e outros prisioneiros foram remetidos para Porto Alegre e postos no velho navio abandonado e prosseguindo no Guaíba. (BARBOSA, 2013, p.107).

Em 1985, o Diário Popular, jornal da cidade, traz um caderno especial com fatos da Revolução Farroupilha, relacionando a cidade de Pelotas à guerra, um destaque especial ao Passo dos Negros. Cita o charqueador Domingos José de Almeida, pois sua charqueada foi por cinco meses, o Quartel General, assim como a Base Logística da revolução. Nessa reportagem foram apontadas, as atividades na charqueada para auxiliar os afazeres farroupilhas; no rio Pelotas foi construído dois fortins, assim como, balsas preparadas para a travessia de munição de artilharia e pólvora. Outro fato importante e pouco falado: três lanceiros negros lutaram bravamente nessa guerra, sendo que dois foram mortos e um acabou ferido e preso (DIÁRIO POPULAR,



20/09/1985, p. 9). No livro *Apontamentos para a história da Revolução*, de 1835 encontramos a seguinte referência sobre o Passo dos Negros:

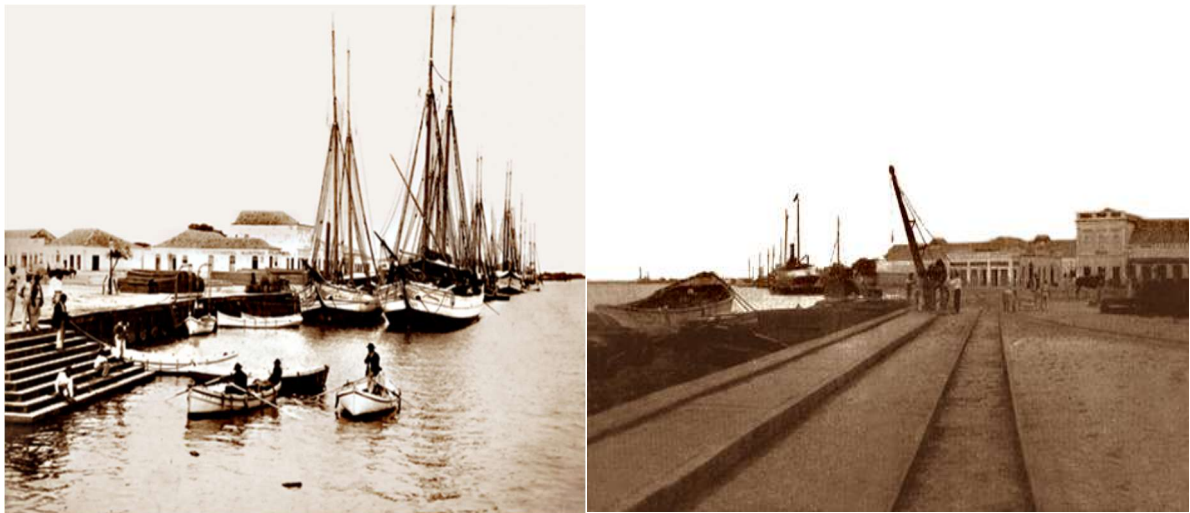
Logo após ao primeiro ataque do Passo dos Negros, o qual se effectuou a 7 de abril de 1836, em que o bravo e intrépido general João Manoel de Lima e Silva depois de ter batido o major Manoel Marques de Souza, que se entricheirára no sobrado á rua hoje Felix da Cunha esquina da Praça da República ahi o aprisionou; e em que o valente coronel de milícias, Albano de Oliveira Bueno ignorando o sucedido com Marques, se encaminhou em direção ao Passo dos Negros, afim de passar o S. Gonçalo, em direcção ao Rio Grande. O Valente general Lima e Silva, porém, seguiu com suas forças a embargar-lhe o passo. Transpunha elle a bagagem e cavahada, quando Lima obrigou-o aceitar combate, destroçando-o completamente. E quando Albano fugindo a perseguição, atirou-se ao rio para transpol-o, foi perseguido pelo cabo João Rodrigues Barcellos e soldado Felisardo Picanço Braga, que o aprisionaram no meio do canal gritando Lima e Silva que o não matassem. (CUNHA, 1902, p. 14-15).

Os trabalhos de Gutierrez (1993; 1999) trazem referências importantes sobre a escravatura, uma vez que a mão-de-obra escrava era utilizada em obras públicas, para abrir estradas, derrubar matos, construir pontes etc. Barcos atravessavam o canal São Gonçalo até o território do Passo dos Negros, local estratégico para a entrada ou saída da cidade, via pluvial. Geralmente as charqueadas e o Arroio Pelotas, estão ligados à história de seus proprietários, famílias abastadas da elite pelotense. Com a união de Domingos José de Almeida a seus sócios Joaquim Vieira Viana, Bernardino José Marques Canarim e Antônio Gonçalves Chaves, foi realizada a construção da Barca Liberal, o primeiro barco a vapor do Brasil que, por ironia, caiu nas mãos dos Imperiais, por requisição do governo Imperial para a Marinha de Guerra do Brasil, passando a servir contra a causa farroupilha (DIÁRIO POPULAR, LEÓN. 20.09.1988, pg.12).

Em agosto de 2009, o grupo CRPO Sul (Comando Regional de Polícia Ostensiva do Sul) de Pelotas, órgão vinculado a Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul, fez uma homenagem á batalha ocorrida na cidade, com a colocação de uma placa, na Chácara da Brigada, localizada no Passo dos Negros. Neste espaço estão objetos usados, pela infantaria, na guerra, como bola e ponta de um canhão. A encenação da batalha foi às margens do arroio Pelotas, em 16 de agosto de 2009, em comemoração aos 35 anos do CRPO. Apesar desse evento ter sido reconhecido como importante fato histórico, o território do Passo dos Negros, lugar considerado como marco inicial da cidade, continua na invisibilidade. Sobre as histórias dessa região,

nas lembranças dos moradores/as, há narrativas de que aqui houve uma guerra, isso remonta de há muito tempo, pela fala de Seu A.; ele lembra, quando criança, essa história sendo contada pelo pai e pelos avós, de que houve uma batalha ocorrida nesse território. Ele diz: “Teve a guerra dos Farrapos aí atrás, os mais velhos contavam, eram umas canoazinhas de pau. E os caras, dando tiros lá de trás do São Gonçalo. Nessas águas tem uma Fragata afundada...”<sup>5</sup> O hino do Osório Futebol clube, de autoria do professor Alcir Moraes, fala dessa passagem por esse território, ele é uma das pessoas que busca resgatar a história do Passo dos Negros. Cabe salientar, que, para preservar a identidade dos interlocutores/as, coloquei apenas as iniciais de seus nomes e, objetivando respeitá-los as nomenclaturas “Seu e Dona”, já que são tratados, dessa forma, pela comunidade.

Abaixo duas configurações do porto de Pelotas, na época das charqueadas, quando a cidade era o principal centro econômico do Rio Grande do Sul. Seu porto, acompanhava esta liderança e era o mais movimentado do estado, até meados do século XIX. Dezessete anos separam as duas fotografias:



Fotos 1: A primeira foto é de 1895, ao lado, o porto em 1912<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Para mais informações sobre a batalha ocorrida nas imediações do Passo dos Negros:

<https://www.youtube.com/watch?v=TJwF3O09O-M>

<sup>6</sup> Fonte das imagens: <http://ronaldofotografia.blogspot.com/2010/12/o-porto-de-pelotas-em-duas-imagens-na.html>

Conforme os relatos de autores/as, sobre a região, o território do Passo dos Negros se mostra um lugar importante na conjuntura espacial e econômica da cidade de Pelotas. O período Charqueador, marcou uma época de prosperidade na região, trazendo a opulência financeira, intelectual e arquitetônica de outros países. O poder econômico foi intenso, proporcionou que filhos dessas famílias abastadas fossem estudar no exterior, dessas viagens vieram muitos costumes e a comparação da cidade como uma metrópole estilizada. Em todo momento, percebemos aqui, uma contribuição em massa de povo negro que, apesar das intempéries do clima, da violência física e moral, sobreviveram nesse espaço.

Nesse território, ainda moram descendentes daqueles escravos e, nesse espaço de pertencimento, suas narrativas atravessam gerações. Necessário se faz lembrar, que as heranças da escravidão ainda estão presentes na cidade de Pelotas, sobretudo nas regiões de periferia, onde a grande maioria dos moradores/as é negro/a, porém, na invisibilização da história, continuam a oralidade e cultura negras, pautadas em um racismo histórico. De acordo com Alfonso e Rieth (2016, p.132).

No Passo dos Negros é marcante a exclusão da memória e da história da escravidão, bem como da funcionalidade daquele espaço como entreposto comercial e fiscal no passado, que reflete, inclusive, em um processo de abandono da localidade pela ausência do atendimento dos serviços de infraestrutura urbana no presente.

Apesar de termos leis, que reconhecem a importância do Passo dos Negros, como lugar histórico das comunidades negras, elas não garantem sua preservação, como, por exemplo, a Lei Municipal nº 4997, de 14 de outubro de 2003, que institui o Roteiro das Charqueadas como Referência Cultural e dá outras providências. Reconhece esse roteiro em sua importância histórica e cultural, com a finalidade de “dar orientação geográfica às atividades educacionais, culturais, turísticas, sociais e econômicas, com vistas ao estudo, conhecimento, valorização, preservação e utilização da memória do ciclo econômico do charque no Município de Pelotas” (art. 2º).

Percebemos que as temporalidades se interligam, nas dinâmicas que ocorrem nesse espaço, não trazer essas transformações é invisibilizar as narrativas e fatos que fizeram parte daquela época e que estão presentes, ainda hoje, no cotidiano de moradores/as. Pensar nesse lugar é refletir como a cidade se constrói, como se reinventa no cotidiano de quem vive ou viveu nesse espaço. Com o declínio econômico do ciclo charqueador, inicia-se um novo advento para a cidade: a economia arrozeira. O Engenho Pedro Osório, localiza-se onde se encontrava uma das antigas charqueadas do Passo dos Negros, às margens do Canal São Gonçalo, tendo duas entradas, uma de frente para o canal e a outra para a Estrada do Engenho. Construído em 1922 e reconhecido como o maior engenho da América Latina, foi idealizado pelo Coronel Pedro Osório, que ficou conhecido como o “Rei do Arroz” devido a grande produtividade do engenho, que chegou, em seu auge, a produzir a quantidade de 700.000 sacos em casca e 120.000 sacos, em dez horas de trabalho, podemos comparar esse engenho, como em grande linha de produção. (COSTA,1922)

O coronel Pedro Osório foi citado em muitas narrativas de moradores /as, como um homem generoso e provedor de melhorias na região, como energia elétrica e saneamento básico. Construiu a primeira escola da localidade, denominada Visconde de Mauá, muitos moradores/as frequentaram esse lugar e trazem em suas narrativas lembranças desse período. O prédio ainda pode ser visto no local com seus vitrais coloridos. Ainda encontramos moradias, conhecidas como “quadrinhas”, para os funcionários e suas famílias, hoje, caminhando pelo Passo dos Negros, ainda vemos algumas delas de pé. O coronel também doou uma área, onde hoje se encontra a sede do Osório Futebol Clube, destinada como espaço de lazer, para os funcionários do engenho. Seu A., morador que nasceu na comunidade e atual presidente do time, diz que nesse lugar “[...] tem uma história rica, que dinheiro nenhum paga e que o Engenho Pedro Osório colocou muita comida na mesa” (2018). Atualmente, as edificações desse complexo industrial ainda se encontram na paisagem do território do Passo dos negros.

A demanda de escoamento da produção do charque e também do arroz, além do trajeto das águas, passavam por caminhos diversos que estão marcados na paisagem do Rio Grande do Sul. O Corredor das Tropas, que passa pelo Passo dos Negros, continua sendo um lugar de passagem, outrora era o caminho que o gado fazia para ser abatido nas charqueadas, assim como a passagem de pessoas

escravizadas e tropeiros que vinham de diversos lugares. Conforme os relatos dos/das interlocutores/as, com o passar do tempo, esse caminho continuou sendo manejado, para que esses animais, fossem levados para os frigoríficos localizados nas áreas urbanas. Segundo RIETH (2013), esses caminhos atravessavam todo o estado do Rio Grande do sul, chegando a outros países, como o Uruguai. Esses tropeiros circulavam, com grande quantidades de animais e por fazerem longos trajetos, ficavam em postos de paragem. Essas construções, conhecidas como currais de pedra, ainda podem ser encontradas, como símbolo de “tropeirismo missionário”. Além disso, alguns municípios se formaram em volta desses *paradouros* para as tropas.

Outra rota que merece atenção por ter vínculo, com esta integração regional é a hoje nomeada BR 293, antigo Caminho das Tropas, ou Estrada Real. Nela o gado que vinha de Biagé em direção às charqueadas de Pelotas passava por cidades como Pinheiro Machado (antiga Cacimbinhas), Hulha Negra, Candiota, Pedras Altas, Piratini, Cerrito até chegar á tablada de Pelotas onde este gado seria vendido e remanejado até seu destino final. (RIETH et al, 2013, ficha 1, p. 5).

Na Corredor das Tropas, atualmente moram famílias como a de Seu P. que chegou a esse território em 1969, vindo da cidade de Canguçu; trabalhou primeramente no Frigorífico Anglo, no ano seguinte já era funcionário do Engenho Pedro Osório, onde participou de várias funções e seu último registro empregativo foi nesse local. Atualmente, seu ofício é o de fazer concertos e pintar charretes. Esses/as moradores/as passam por conflitos de desapropriação, em função da chegada de “empreendimentos” de luxo, que há poucos anos, vêm se instalando no território do Passo dos Negros. As mudanças na paisagem, já são percebidas, nas torres do complexo Parque Una e no extenso muro verde, do condomínio Lagos de São Gonçalo.

Junto a esse Corredor, se encontra a Ponte dos Dois Arcos, construída por mão de obra escrava e datada em 15 de abril de 1854. Essa construção teve um peso importante no desenvolvimento das charqueadas, já que viabilizava extensa movimentação. Nesse espaço passavam cargas, tropeiros, comerciantes, negros e muitos animais para o abate. A economia crescia, assim como o surgimento da cidade, o gado vindo da Tablada, para ser comercializado, passava pelo Corredor das Tropas, que se estendia além da Avenida São Francisco de Paula, a circulação era intensa no Passo dos Negros. Conforme León, 2016:

Ata 44 - 14 de fevereiro de 1854 - "A sessão dava o apregoamento em primeira praça e arrematação da obra na estrada do Passo dos Negros. Em ata 45 - também há referências à ponte citando apreciação e aprovação. Na ata de número 46 - 16.02.54, encontra-se uma curiosidade: apreciação e aprovação de uma praça no Passo dos Negros, sugerindo que seja amurada por causa do cerco das águas. Paralelo ao estudo de dados sobre a ponte concluímos que a região do Passo estava sendo povoada e que havia a preocupação, mesmo que de modo incipiente, com urbanismo (LEÓN, 2016).

Nas atas da Câmara de vereadores, organizadas e publicadas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas (2014) podem ser encontradas referências sobre a ponte<sup>7</sup>. Sendo esta a última da cidade, de acordo com relatos dos moradores/as; as outras duas já não existem:

Esta câmara manda o fiscal da fazenda da cidade e o arruador examinar a entrada do Passo dos Negros do lugar onde se acham um grande tremedal e que apresentem o quanto antes um relatório indicando a quais espaços que precisam dessa ponte e a despesa que se deve fazer e que a câmara nomeia uma comissão para entender se com o vereador Manoel Batista Filho acerca da referida área, providenciando o terreno preciso para o melhoramento da referida estrada. A ponte foi aprovada (Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas, 2014, p.129).

Atualmente, essa estrutura encontra-se arrolada no Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural de Pelotas, sem manutenção, agravando mais ainda a situação de abandono, as famílias que em torno dela residem, zelam pela estrutura, enquanto aguardam ajuda e intervenção dos órgãos públicos. O Passo dos Negros já não se configura como um espaço de produtividade industrial, desde que o engenho Pedro Osório cessou suas atividades, assim como as leitarias e peixarias; a região passou a ser majoritariamente residencial, recebendo moradores/as de outras partes da cidade e abrigando aqueles que vivenciaram o último período de produção do arroz. Esse local, ao longo do tempo, vem passando por muitos conflitos, para entendê-lo é preciso começar por sua formação histórica, compreender como acontece sua transformação social e, também, a relação homem-natureza, através das narrativas dos/das moradores/as.

Para o poder público, nos mapas oficiais, o território do Passo dos Negros é visto como um vazio urbano, pois, os moradores/as que lá estão, não foram

---

<sup>7</sup> Para informações sobre a Ponte: <http://www.vivaocharque.com.br/cenarios/pontes.php>

cadastrados na sua totalidade no censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), assim seus dados não constam, nas plataformas governamentais. No capítulo III - “empreendimentos”, mudanças e narrativas, esse fato fica evidente através da narrativa da interlocutora denominada I, que atuou no cadastramento populacional em uma das edições do censo demográfico do IBGE. Na ocasião da entrevista, I relatou que entre moradores/as, o percentual de pessoas negras era maior e destacou a presença significativa de mulheres como chefes de família, assim como os relatos que estas lhe faziam sobre suas dificuldades de encontrar creches para deixarem os filhos, a fim de poderem trabalhar.

Essa invisibilidade, proporcionou a especulação imobiliária que vem se instalando sobre a região com a construção dos “empreendimentos” voltados à implantação de condomínios de luxo. O espaço urbano é adaptado de acordo com as necessidades impostas pelo poder, que vai ao longo do tempo se organizando e excluindo as comunidades mais vulneráveis. Nas considerações feitas acima, fiz um breve contexto do território do Passo dos Negros, para que o/a leitor /a possa se situar e entender algumas dinâmicas que lá aconteceram ao longo do tempo.

### 3. CAPÍTULO II - ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

#### 3.1. As temporalidades

[...] eu tenho duas histórias para te contar, eu fui para ali com 1 ano e saí com 21 anos, então eu entendo que os anos passaram, e eles foram os anos mais bonitos de minha vida, eu passei ali. e por isso eu tive uma infância, que na época a gente achava que era pobre, Meu pai trabalhava com leite e minha mãe trabalhava no Leivas Leite, a gente estudava na escola pública Padre Rambo e a gente achava que era pobre, e não era, hoje eu me dou conta, hoje não, há muitos anos, de como nós éramos ricos, porque a gente comia tudo natural, carne da Sudeste, galinha se criava no fundo do pátio, frutas e verduras o pai se não plantava, trocava, ia buscar lá fora, sem agrotóxicos sem nada, a gente tinha uma liberdade, ali onde eu morava na Ambrósio Perré.

Eles saíam para trabalhar e colocavam a chave debaixo do tapete, todo mundo sabia que estava ali, nós sabíamos, os vizinhos cuidavam dos filhos dos outros, nós íamos até o Passo brincando, conversando, de charrete ou a pé, atravessava os campos sem medo de nada.

[...] não vão a aula hoje pois estourou uma tropa, dizia meu pai. Tu conheces o Zé Camilo, ele se criou comigo e a gente não podia sair de casa, porque era boi zebu que vinha para ser morto, no Sudeste ou no Anglo, eles vinham de trem, e desciam a Tiradentes com os tropeiros, ninguém saía de casa, por causa das tropas soltas, isso muitas vezes. Nós morávamos no chalé, eles arrebutaram o portão e entraram no pátio, se escutava eles no corredor das casas, pois o pai tinha a entrada da charrete, tu escutavas fazendo barulho no chão, furiosos, ou eles bufando, e depois iam se acalmando, e eles recolhiam.

[...] minha prima me contou que a mãe dela estava brincando no pátio na Tiradentes, entrou um boi no portão da frente, pulou por cima dela, arrebutou os arames dos fundos e foi embora, isso os moradores antigos podem te dizer com certeza, pois foi muitas vezes que os bois se soltavam.

[...] qualidade de quem é criado escutando os mais velhos, a mãe mandava eu dormi, e eu ficava escutando, naquele tempo que as famílias jantavam juntas, ela dizia vai dormir, eu só queria escutar.

Eu vou lá contigo, ali naquela ponte, nem tem mais ponte, naquela entrada que vai para o bairro Nossa Senhora de Fátima, que dá no Sudeste, mas bem a esquerda, tem umas casas ainda, tem a pracinha na Ambrósio Perré, aquilo não existia, era um canal.



[...] o passo era um atoleiro, dizem que ali era horrível, eu tenho um tio que dizia que para trazer os ossos da charqueadinha e as charqueadas da volta, era muito difícil, ele tinha 8 anos e já carregava osso. Se trabalhava muito cedo. Me lembrei. era Química, o nome da fábrica.

[...] Meu trabalho que vai poder te situar e, também, o da Esther Gutierrez, aonde aborda bastante os espaços, mas o que acho mais interessante é os mapas, sem mapas não se trabalha o contexto histórico, sem contar essas coisas, acho que é nesse mapa de 1845 que tu achas as 4 ruas, esse espaço que nós estamos agora, está aqui olha, era dos Barcellos, a senhora do lado aqui, é casada com um descendente deles (Entrevista da Profª R, setembro/2019, ex- moradora do Passo dos Negros).

Nas narrativas da professora R, vamos acompanhando os fluxos que se formaram no Passo dos Negros, na memória da infância livre pelos campos, nas idas e vindas de charrete com o pai, para a entrega do leite, sustento da família. Percebe-se a coletividade entre os moradores/as, a movimentação do espaço, as questões de segurança e as trocas e cuidados mútuos. Desses círculos de amizades, criaram-se laços que se fortaleceram com tempo, pois ainda visitam o lugar para reverem os/as amigos/as. Sendo o Passo dos Negros, espaço de moradias, trabalho, com dinâmicas próprias e lazer compartilhado, o pertencimento está marcado, entre narrativas e lembranças.

O território é contado não só pelo olhar do passado, como também pelas vivências do presente, nas percepções e construção de indivíduos que ali residem e na conjuntura atual da cidade. Conforme Agier (2011), entendo a cidade como organismo vivo, construindo-se de práticas, conhecimentos e relações que produzem seus cidadãos. Uma cidade que se emerge das margens urbanas, assim como lugares precários e acampamentos provisórios, espaços esses, que são construídos com novos significados, no meio cultural, econômico e político do espaço em sua relação com o centro. Compreendendo uma percepção de cidade viva, a partir do horizonte social que parece emergir delas, no que tange às relações sociais entre os indivíduos, práticas realizadas e entendidas numa perspectiva emancipatória e equitativa. Afasta-se também, da compreensão das relações humanas baseadas numa identidade cultural fixa. Para o autor, há uma concepção de cidade, do fazer a cidade em espaços construídos através de uma perspectiva heterogênea, construída nas relações, que envolvem culturas, pessoas e etnias. Sendo assim, o antropólogo se distancia da imagem de cidade vista como definição externa, urbanística, estatística ou administrativa. (AGIER, 2011, p.36)

Ao longo desta pesquisa, alguns/mas interlocutores/as já não moram no território, encontram-se em outra cidade, outros bairros, mas entendo essas mudanças como fluxos, sendo esse espaço, local de constantes transformações, em especial pela pressão exercida pelos grandes "empreendimentos". Muitas narrativas apontam dentre eles, questões de sobrevivência, financeiras, familiares ou religiosas. Entretanto, mesmo não morando no território, os/as narradores/as sabem que fazem parte dali, nesse espaço têm sua história de vida, família, suas raízes, há um elo que os une ao lugar, sendo essas questões fundamentais, para essas pessoas, trata-se do direito de ir e vir.

Na relação com os/as moradores/as mais antigos/as, chega-se ao tempo das Charqueadas, do engenho Pedro Osório, das leitarias, da movimentação e dinâmicas do lugar, à relação de pertencimento. São eles/as que contam aos/às mais novos/as as histórias, trazem à tona lembranças, através da oralidade, as fotos de família, do lugar, as partidas de futebol e amigos/as que ali formaram. Conforme Roy Wagner (2010), através da antropologia, é possível perceber o estudo do fenômeno humano; nesse contexto, pensando e analisando as relações com tudo o que as rodeia e as significa, entender a dimensão desse campo, ouvindo as narrativas dos/das interlocutores/as.

Podemos pensar essas histórias com caráter seletivo que envolvem presenças, lembranças, ausências, esquecimentos e reconhecimentos afetivos, de luta; esses componentes estão presentes nas representações do passado e são trazidos em diferentes narrativas, implicando que acontecimentos não sejam lembrados da mesma maneira ou períodos, por diferentes moradores/as da comunidade. Nos momentos de ruptura, o passado é trazido para restaurar seus vínculos na vida das pessoas, retomando a ressignificação dos fatos e de si mesmos. Nas lembranças da professora R., detalhes e significâncias são trazidos, assim como, pessoas em movimentos, a importância histórica para o território e a cidade, o sentimento de pertencer ao lugar:

[...] O que eu entendo do Passo, é a região mais importante de Pelotas, além do Laranjal, a cidade na realidade, se a gente for ver a história, em 1754, Tomás Luís Osório, recebeu aquela doação no Laranjal, depois ficou para os Assunção e foram dividindo, a cidade começou ali. Então o Passo tem uma importância histórica, tão grande em Pelotas, que eu não consigo entender, acho que vou morrer sem entender, as vezes podem dizer, tu tens uma questão afetiva, vão dizer, sim realmente, eu me criei ali, eu cheguei com um ano e sai com pouco mais de 21 anos e não existia o que tinha de casa, nem

bairro, nem de nada como é hoje. Então, a gente saía e aquilo ali era uma coisa só, eu como era muito grudada em meu pai e ele trabalhava de charrete, andava sempre com ele e vi tudo, e o que não vi, ele, meus tios, a minha mãe, minhas tias contavam. (Professora R, 2019).



Foto 2: Moradores do Passo dos Negros. Fonte: Autoria de Luciene Mourige

Pensar no território do Passo dos Negros, é fazer uma conexão entre o passado e o presente, pois estes tempos são concomitantes nas narrativas, entender as dinâmicas que envolvem os moradores/as, suas motivações, as inter-relações, os conflitos em que os sujeitos estão inseridos nessas malhas. Ou seja, acompanhando esse emaranhado que se cria no campo de pesquisa, percebe-se que elementos se interligam uns aos outros, formando, assim, os discursos que irão predominar no campo. O Passo dos Negros de hoje, pelo olhar dos interlocutores/as, traz mudanças, ao mesmo tempo que se reinventa, seja em malhas de narrativas que envolvem pessoas diversas, animais, edificações, não-humanos, mostrando outras temporalidades; de certa maneira, surge um outro Passo dos Negros em que o tempo, lugar e as famílias se mesclam.

Hoje, ainda existem algumas charqueadas, são propriedades privadas e ainda pertencem à elite da cidade. A construção do engenho Pedro Osório, possibilitou às famílias da comunidade uma remuneração fixa, emprego e moradia. A demanda de transformação continua com a mão-de-obra, oriunda do sítio charqueador e formada, em sua maioria, por moradores/as do Passo dos Negros e arredores da cidade. O Engenho teve um grande significado para os/as moradores/as, assim como para a cidade de Pelotas, pois trouxe consigo transformações na produção com seu amplo

funcionamento, chegaram, do exterior, maquinários e equipamentos, usados para o escoamento da grande produção de arroz. Nas palavras dos interlocutores/as: “A chaminé acesa do engenho, era motivo de boa safra”. Identifica-se, aqui, uma romantização do passado, como um tempo bom de se viver, com melhores qualidades de vida. Conforme a narrativa da professora R., a presença do engenho no território é o olhar para o futuro do coronel Pedro Osório, pois ele, vendo o ciclo charqueador em declínio, buscou outras alternativas econômicas. Investiu na produção de arroz, possibilitou que aquele local mantivesse sua significância para a cidade de Pelotas, já que o engenho foi reconhecido como o maior exportador de arroz da América Latina. Em relação a ele, ela salienta:

[...] O coronel teve visão, para perceber que a economia estava mudando e que deu emprego e, por isso, que o engenho é tão importante para os moradores antigos dali. Para mim, tem duas coisas em Pelotas, que não são reconhecidas, que é o valor do Passo e o valor do coronel Pedro Osório. Para mim o que ele significou para Pelotas: ele chegou a ter três charqueadas, significou muito para a cidade, quando ele percebeu que as coisas estavam mudando, teve a ousadia de mudar para o arroz e transformar a região, ele deu vida a toda a essa região aqui. (Professora R, 2019)..

Pelas suas lembranças vamos descortinando o passado do Passo dos Negros, mostrando o fim do ciclo charqueador. Cabe aqui um questionamento: uma vez que as pessoas, para sua sobrevivência, acabaram ficando nesse ambiente, tiveram sua liberdade controlada? Segundo Silveira, os espaços arquitetônicos do complexo industrial do Engenho foram pensados estrategicamente como um aparelho de disciplinarização e vigilância da vida cotidiana dos/as funcionários/as, até mesmo nas horas de lazer que o futebol proporcionava. (2020, p. 65). As transformações que ocorreram no território e nos arredores da cidade, influenciaram as mudanças que alteram as dinâmicas de mão-de-obra. Assim, hoje, em sua memória, a professora consegue apontar os vestígios de construções das charqueadas, que um dia estiveram presentes naquele lugar:

[...] se eu for no Passo contigo, eu te mostro as ruínas de casas de charqueadores que não existem mais, porque ali, agora, só tem três casas [...] e assim, do que resultou o Passo, que era Passo dos Neves, Passo Rico e que ficou Passo dos Negros. Em primeiro lugar, quando a escravidão terminou, ficou muita gente ali, terminou não né, deram a abolição. [...] nas charqueadas continuaram trabalhando, as pessoas foram ficando por ali, quando as charqueadas começaram a ter problemas econômicos e a maioria foi transformada em frigoríficos, muito mais em Bagé do que aqui, ali na região da Sudeste era uma, na região do Anglo tinha uma fábrica que só matava éguas, para fazer velas e sabão, se eu não me engano, era a Étigas. (Professora R, 2019).

Outra moradora que traz narrativas da época das Charqueadas e do funcionamento do engenho Pedro Osório, que ainda reside no local, é Dona M., aqui ela nasceu, se criou, trabalhou e constituiu sua vida. No território do Passo dos Negros, a família materna de Dona M., veio para trabalhar no engenho, seus avós receberam uma casa, cedida pelo coronel Pedro Osório e se estabeleceram. Ela lembra que o engenho proporcionava muitos empregos a quem precisava de uma oportunidade; lembra, também, as convivências e a solidariedade entre os vizinhos.

[...] minha gente veio pra cá, a mãe não morava aqui, veio pra quadrinha pois os pais dela vieram morar aqui, eram tudo gurias, os pais vieram trabalhar no engenho. Tinha serviço pra todo mundo, hoje a gente diz: trabalhavam pra os ricos, faziam comidas, tomavam conta dos filhos. Tinha muita gente, famílias normais, umas casas bem arrumadas, assim como aquelas que as pessoas que confundem sujeira com misérias e isso são duas coisas que a gente precisa separar. Mas tinha sim, casas boas e gente boa, a vizinhança era muito diferente, muito mesmo, se tinha uma pessoa doente, a mãe mesmo, as minhas tias conversam e se ajudavam, a mãe ia ver se alguém precisava de alguma coisa, hoje não é bem assim. (Dona M, 2019).

As narrativas coletivas sobre o passado são formas pelas quais os fatos sociais se consolidam na vida dos indivíduos, numa época de fartura e emprego, laços foram construídos e, hoje, permite-se uma sensação de pertencimento, dos moradores/as mais antigos do Passo dos Negros. Lembranças essas contadas por Dona M., ela recorda as dinâmicas do território, o que não encontramos nos livros, fatos esses únicos trazidos na oralidade das pessoas que habitam esse lugar. Em nossas conversas, ela vai trazendo lembranças da paisagem, do funcionamento das charqueadas, as dinâmicas do engenho, dos moradores/as e me diz que tudo era sentimento, era amor envolvido, sua família era muito era grande e que agora, eles são bem poucos. Ela é a pessoa indicada pelos moradores/as para contar coisas mais antigas do Passo dos Negros, ela se define como uma mulher reservada e caseira, diz: “Aqui eu nasci e daqui eu vou embora, [...]” as coisas são assim né. Na segunda vez que conversamos, foi no portão de sua casa, quando a situei sobre minha pesquisa e a proposta da escrita.

Outras vezes, nosso contato foi por telefone, resultando num convite para aparecer e tomar um café. Comentou-me que recebeu fotos de sua prima, pois sabem que ela é zelosa em guardá-las e que iria separar para me mostrar. Então, numa quarta-feira de chuva, no horário combinado, chego para conversar com Dona M., enquanto tomávamos café bem quente e forte, fazia-me relatos de uma época, que,

para ela, foi muito boa e tranquila. Relembra do apito do engenho, sinal de entrada, intervalo e saída, dos embarques e desembarques de mercadorias, como ela diz: “tempos esses bons que não voltam mais”. Ela fez a seleção de algumas fotos para a pesquisa, relatou-me que muitas, com o tempo, estragaram, achou importante mostrar como era a charqueada São Gonçalo em funcionamento.

[...] isso é para tu ter a noção de como isso aqui era lindo. [...]. Essa semana eu recebi umas fotos, que a minha prima me trouxe, ela perdeu a mãe e o pai, eles tinham tantas fotos. Aí ela achou que eu ia querer algumas e ela me trouxe essas [...] olha aqui, era a Charqueada São Gonçalo, linda né, [...] eu as guardo como muito zelo, eu digo pra eles, depois que eu morrer vocês podem fazer o que quiserem com essas fotos, mas enquanto eu estiver aqui, eu cuido delas. (2019).



Foto 3: Charqueada São Gonçalo. Fonte: Acervo pessoal de Dona M.

Dessa maneira, compreende-se as fotografias como ferramentas que trazem, muitas vezes, momentos únicos na vida dos indivíduos, pois os conectam aos lugares, às dinâmicas, às pessoas e às narrativas e, quanto mais antigas, o valor sentimental é ainda maior. Na sequência, ela vai apontando seus familiares, dentre eles, seus pais. Comenta que seu pai, D. M., começou a trabalhar muito cedo nas charqueadas e, depois, no engenho onde se aposentou: “ele era um menino, quando começou a trabalhar” disse ela. Muitos outros familiares, em sua maioria, foram moradores do Passo dos Negros e trabalhadores do engenho Pedro Osório. Em sua narrativa, Dona M. vem descortinando fatos que ocorreram naquele período:

[...] ele pegou nas charqueadas, começou a trabalhar com 11 anos. A charqueada era ali e depois ele ia de carroça, sabes aquelas carroças antiga da colônia comprida [...] ele ia lá onde era a Sudeste. Ali era um matadouro que falavam, tinha antes um prédio velho antigo, então ele ia de carroça buscar as coisas, naquele tempo não era da faculdade como é hoje. Aí acharam que ele podia aprender de motorista e aí puxaram ele pro engenho. Ele seguiu trabalhando até o fim, se aposentou e durou só 10 anos. Trabalhou nessa firma 55 anos e 11 meses e uns dias, quando ele saiu, saiu bem, aparentemente, mas quando começou a sentir que estava muito na vida de conforto e o horário não compensava o que ele fazia em casa, ele começou a variar né...e foi ratiando e, assim, se foi (Dona M, 2019).



Foto 4: Família de Dona M. Fonte: Acervo Pessoal de Dona M.

Pensando no cotidiano dessas famílias, em vidas e nas dinâmicas de trabalho que ocorrem nesse território, a questão de pertencimento está bem enraizada. Na fala de Dona M. se entende isso.

[...] para tu ver só, o papai se criou aqui, começou novinho trabalhar, nunca morou em outro lugar, sem ser o Passo. Assim, como a maioria da família, eu, por exemplo, não me imagino fora daqui, [...] aqui está todas as minhas lembranças, [...] nascimentos, amizades, família, os que partiram. Dona M.



Foto 5: Família no Passo dos Negros. Fonte: Acervo de D. M



Foto 6: Família no Passo dos Negros. Fonte: Acervo de D. M.





Foto 7: Família no Passo dos Negros. Fonte: Acervo de D. M.

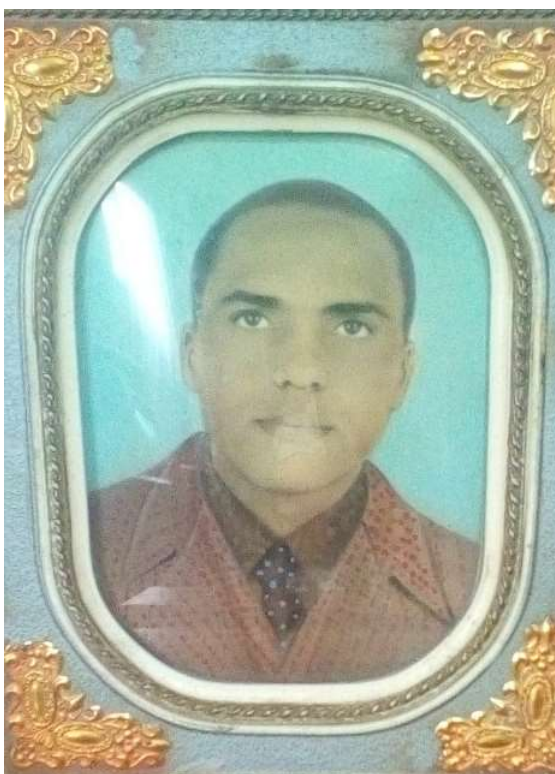


Foto 8: Família no Passo dos Negros. Fonte: Acervo de D. M

Conforme Da Matta (1992), nessa realidade em que o espaço se abre, pensando em nossa escrita antropológica e refletindo as dinâmicas do campo, num estado de ambivalências, onde não se está, nem numa sociedade e nem na outra, ao mesmo tempo, estamos mergulhados nas duas. Para o/a antropólogo/a, a fala do/a interlocutor/a, constrói a relação.

É precisamente esta mistura de autoridade e fragilidade que tipifica o discurso antropológico. A autoridade decorre de ser você quem testemunha e produz o relato. Mas a fragilidade advém da consciência aguda e dolorida de que o 'presente etnográfico' é uma ilusão que dentro de alguns anos será corrigida por outro etnólogo que, numa outra pesquisa, fará outras perguntas [...] Daí a relação íntima entre boa etnografia e confissão (percebida por Lévi-Strauss) e entre boa etnografia e romance." (DA MATTA, 1992, p. 59).

A Secretaria de Cultura de Pelotas, no ofício de nº 0023/2018, o Engenho Pedro Osório e a vila de casas também estão sendo repensadas nas cláusulas da AEIAC (Área de Especial Interesse do Ambiente Cultural), estão incluídos no Sítio Charqueador, conforme artigo 70, do plano diretor. Sua construção continua imponente, de muitas partes da cidade é possível avistá-lo, apesar das rachaduras e o tempo de abandono, assim como pelo descaso dos novos proprietários; suas dinâmicas de funcionamento estão na memória dos moradores/as, nas falas de Dona M. e de seus familiares que trabalharam no engenho, [...] a gente chamava também de engenho São Gonçalo, seu avô materno foi cozinheiro do coronel Pedro Osório e o avô paterno tinha a função de capataz do charque.

Alguns/mas moradores/as lembram a Charqueada São Gonçalo ainda de pé e a descrevem como muito grande e linda, chamavam-na de "casa grande", pertencia aos "chefões". Mas a derrubaram e construíram um galpão no lugar, lembram também da distribuição de carne sendo dos restos da produção. Eram carregadas em charretes e o que não era vendido, era doado: "[...] as pessoas vinham buscar de todos os lugares, precisavam né, davam ossos, carnes". Ressalta que foi um lugar muito farto e bom de morar, a maioria dos moradores/as trabalhavam no local e salienta: [...] a gente era obrigado a nos unir, morávamos e trabalhávamos aqui. (Profª R, 2019)

Segundo Abuchaim (2013), o coronel Pedro Osório foi um dos grandes estanceiros do estado, mas era na cidade de Pelotas, que concentrava a maior parte de seus bens. O coronel possuía o equivalente a quinze mil cabeças de gado, o Engenho Pedro Osório, além de criar parcerias agrícolas, começando, nas lavouras, o plantio de arroz e, mais tarde, o plantio de batatas. Para administrar essas

propriedades, eram contratados capatazes, o andamento e execução dos serviços, controle do ponto dos funcionários, áreas plantadas, máquinas em trabalho ou estragadas, a irrigação das granjas eram algumas de suas funções. As produções de arroz, em Pelotas, foram vistas como as maiores do estado, consideradas devido à pujança de safras colhidas, além do plantio de feijão, alfafa e milho, pomares de frutas e, também, a criação de porcos, ovelhas e galinhas (ABUCHAIM, 2013, P. 172-221).

O Coronel contava com a família e pessoas de sua confiança para dirigir os negócios, assim como parcerias de investimentos e arrendamentos. Segundo Abuchaim, essas criações e plantações se espalhavam por diversas granjas, algumas em Pelotas, outras em cidades vizinhas, são elas: Estância da Granja, da Galatea, São Pedro, da Graça, Retiro, Liscano, Novo Paraíso, Santa Vera, entre outras. “Todas as granjas tinham uma carpintaria e uma ferraria para a confecção de carretas e carroças, com excelentes ferreiros. No meu tempo era o Elidio. O Prudêncio Quintas era o carpinteiro-chefe da Granja Coronel Pedro Osório”. (Informação verbal, 2013, p.172). Nesse território em transformação, Seu C. J. morador há 33 anos do Passo dos Negros, morou em várias casas. Atualmente, sua residência é na Estrada do Engenho. Em sua narrativa fala do seus afazeres como segurança do engenho, do maquinário utilizado e as quatro granjas que forneciam o arroz, suas localizações, sendo que três delas ficavam dentro cidade e a outra mais afastada, na área rural. Lembra a época da boa safra e o desejo de o engenho ter ficado com as portas abertas, sendo ele um dos últimos funcionários a deixar a casa (quadrinhas):

[...] trabalhei no engenho e morei nas casas (quadrinhas), fiquei até fechar. O engenho foi vendido para dois amigos com tudo que tinha dentro, maquinário. [...] eu tenho um aborrecimento quando chego perto, eu achei que ia me aposentar aí dentro. Esse engenho deu muito serviço. Eram quatro granjas que produziam arroz. Era a da Luiscando, Galateia, Cotovelo e Cecilia, esse mesmo ficava no Capão do almoço, a Galateia na Z-3, o Cotovelo aqui pra quem vai para o Corredor da Sanga Funda e o Luiscando na Santa Isabel, indo para o Passo do Ricardo [...] o engenho pagou tudo direitinho, foram colocando aos poucos para rua, todo mundo foi indenizado, eu e uns mais ficamos mais um pouco, éramos os guardas, ficamos ainda mais seis anos aí dentro. (C. J, 2019)

Ao longe, observamos a estrutura do engenho, Seu P., o amigo Seu C. J. e eu conversamos à sombra da Figueira da Ponte, Seu P., em muitos momentos, perde-se em suas lembranças; com olhar saudoso, conta, nos dedos, as amizades que fez ali dentro, os anos em que trabalhou no engenho, e quantos amigos ainda estão vivos, dizendo que:

[...] esse engenho, por dentro, vou lhe dizer uma coisa, era muita gente trabalhando e tinha muito serviço, se mandava arroz pra muitos lugares, era mandado de caminhão, por barcos. Se entrava novo e saia velho, fiz muita amizade ali dentro, trabalhei em muitas funções. Vinha gente de muitos lugares para trabalhar aqui, aquele galpão ali, ainda tem as máquinas, mas tá tudo enferrujado e se terminando, uma judiaria né? (P, 2019).

Seu C. J., completando a fala do amigo diz:

[...] atrás do engenho, ali perto daquelas duas águas, tem uns trilhos da época da charqueada [...] vou te contar uma coisa, eles não querem que essa história de patrimônio saia daqui. Em 1973, esses dois pavilhões aqui da frente foram feitos, era só aquelas partes lá, que era o patrimônio do coronel mesmo. aí quando [...] entraram, mudaram os pavilhões e puxaram os secadores para cá, mais ali tinha um galpão, foi vendido [...] era uma parte feita de tijolos, a outra era com zinco e madeira. Em 1972 essa família que comprou é bem conhecida na cidade, tu deves conhecer, são os [...] eram muito ricos, tinham de tudo, curtume, comércios [...] aquele segundo andar foram eles que fizeram, aquele lá redondo. Lá em cima tinha uma criação de coelhos e no lado de cá, criação de galinhas, quando eu peguei no engenho, a gente foi tirando tudo, por causa dos vazamentos, precisou vedar a laje.(C.J, 2019).

Em suas memórias, está o funcionamento do engenho, as máquinas ligadas, muitas delas vieram de navio, importadas, era um engenho de “primeiro mundo”. Mas, hoje, o cenário está modificado, alguns prédios, já se encontram em total abandono.

Seu C. J, narra alguns fatos:

[...] ele arrancou alguns trilhos no chão pra vender, quebrou uma parede, ali veio a polícia e disse que ele não podia mexer, [...] lá no engenho são quatro andares, de cima do telhado dá para ver parte do Rio Grande. A chamine é antiga, essa já vem do tempo da charqueada, ali tinha uma peça, do lado ali, tinha uma máquina, essa foi lá para o Amazonas, uns alemães compraram e levaram, essa máquina é que dava luz ao engenho [...] tinha o almoxarifado ali do lado, parte disso está desmanchado (C.J, 2019)..

Em alguns momentos eles riem alto, recordando dos acontecimentos diários, as comemorações, quando se reuniam todos funcionários, tempo em que se tinha o emprego garantido e moradia digna para as famílias, Seu C.J. diz: “[...] nós todos os anos fazíamos reparos, se pintava com cal mesmo, tinha uma peça ali, que era o salão de festas [...] mas já caiu, nós se reunia e era bom [...] olha, P., se tu entrar ali dentro, tu vais ficar como eu, me deu vontade de chorar”. Percebe-se, nas lembranças, a vontade de que o engenho fosse valorizado e que também voltasse a funcionar. Tal desejo é forte e constante nas falas. Seu C.J. comenta:

[...] eu gostaria que preservasse, fizessem alguma coisa né? Ficar parado não adianta né? Só para destruir, no pavilhão do meio tem movimentação, [...] uns dizem que é patrimônio né? [...] tinha que pegar alguém que arrumasse, preservasse e cuidasse. [...] tu estás vendo o que está virado isso aí, atirado, a oficina já caiu, ninguém cuida nada, nem zela. Foi feito patrimônio tombado aí né? A oficina, olha lá, já caiu o telhado e ninguém faz nada, não preservam nada, [...] para a construção desse dique, se tirou aterro do lado do engenho e desse lado também (C.J, 2019)..

Completando a fala do amigo, Seu P. vai apontando para longe, a direção em que os tropeiros faziam o trajeto com o gado. Desenha no chão com uma vara fina, os caminhos por onde se entra pelo Passo dos Negros. Fala dos açudes e lamaçais escondidos pelos campos e diz:” [...] antigamente, se caísse um cavalo ou uma vaca, ninguém tirava mais”. Lembra, com tristeza, das enchentes que levaram tudo, principalmente a de 1972, quando arrebentou o dique, a cidade ficou embaixo d’água, os moradores/as dali, perderam todos os pertences, ele relembra: “[...] isso aqui ficou parelho de água, de ponta a ponta, foi muita tristeza. Perdemos tudo, tem bicho meu que morreu, custou a baixar e foi brabo mesmo”.

A região, hoje, faz parte de um projeto, denominado Parque Industrial de Pelotas; o Engenho, embora seja tombado como Patrimônio do Município, encontra-se com sua estrutura em péssimo estado de conservação. As memórias são ativadas por uma série de elementos constantemente mencionados pelos moradores/as do Passo dos Negros, que guiam o nosso olhar sobre aquele local. Um exemplo é o antigo prédio do Engenho Pedro Osório, o qual desperta mais lembranças do que as muitas propriedades de charqueadas que lá existiram. Relacionamos isso à grande lacuna temporal que separa os moradores atuais do local e o período das charqueadas em funcionamento.



Foto 9: Engenho Pedro Osório – Fonte: Luciene Mourige



Foto 10: Engenho Pedro Osório – vista aérea<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup>Fonte: <https://www.facebook.com/Olharessobrepelotas/photos/o-engenho-pedro-os%C3%B3rio-localizado-%C3%A0s-margens-do-canal-s%C3%A3o-gon%C3%A7alo-considerad/1765514870222377>

Atualmente, algumas das casas, conhecidas como “quadrinhas” continuam ainda erguidas, no território do Passo dos Negros. Os moradores/as que trabalharam na época do engenho, dependendo do cargo exercido, podiam ocupá-las. Nesse local, ainda se encontra uma dessas casas, com estrutura de chalé, localiza-se na rua de trás do clube Osório, sendo habitada. Em seu relato, seu C. J., que foi um dos últimos moradores dessas casas, relembra de fazer reformas e pintá-las, para mantê-las em condições de moradia.

[...] eu acho que não deveriam ter desmanchado as casinhas. Eram feitas de argila, com telhas de barro feitas nas coxas dos escravos, as vigas de coqueiro, com tijolos assentados com barro. [...] era cozinha, uma varanda, dois quartos, uma sala e banheiro, era só para as famílias que trabalhavam efetivas no Engenho, os que “tinham profissão”, candango não tinha. Cada casa construída era dividida no meio e moravam duas famílias, só a primeira da ponta, que é separada. Os secadoristas, os moleiros, os encarregados tinham direito, teve uma época que jardineiro, peneirista tinham direito também, só que quando desmancharam aquilo lá [...] a M. sabe bastante coisa daqui.[...]. A água e a luz vinham do engenho, tinha um poço no engenho, era uma água ruim e saloba, mas depois secou e aí começou a água do SANEP aqui, a luz era puxada do engenho, a água passava lá adiante, na reta da oficina passava um cano, por baixo do aterro e passava para o lado de cá do pessoal, a luz vinha por cima, tinha dois postes cravado. Ali no pátio do engenho ainda tem o poço artesiano e uma caixa d’água, esse poço deve ter uns dez metros de fundura, abastecia e a bomba levantava lá pra cima e abastecia o pessoal. No pátio perto das casinhas, tem quatro caixas d’água de mil litros, abastecia as casas tudo.[...] eu não me lembro bem, mas me parece que saí daí em 2005, eu entreguei a casa, aquela segunda que fica dentro do pátio do engenho, ela tá bem preservada, eu reformei o telhado dessas casas tudo, tinha outras funções, agora está atirado. (C.J,2019)

Nas narrativas da época de infância e, ao caminhar pelo Passo dos Negros, a professora R., lembra de fatos de sua família, nas vivências da escuta da oralidade, situando a importância dessas casas:

As quadrinhas, só elas já são patrimônio, as do Areal estão caindo também e a charqueadinha era logo ali, do lado do engenho, foi a primeira charqueada do coronel Pedro Osório, hoje está em escombros, [...] o Castelinho, é o sobrado de Barão de Santa Tecla, essa propriedade ainda é da família, ali que minha tia lembra de ver a dona descendo da carruagem, ela lembra dela colocar o pé no estribo com a botinha, ela lembra que corria para vê-la, porque ela dava dinheiro, isso ficou bem gravado.[...] o castelinho está ainda na família do charqueador. (Professora R., 2019)



Foto 11: Vila operária do Engenho Pedro Osório – Quadrinhas  
Fonte: Autoria de Marcela Dode



foto 12: "Castelinho" – Charqueada do Barão de Santa Tecla – Autoria:  
Luciene Mourige



Assim como essas casas foram importantes para os moradores/as, a escola Visconde de Mauá foi a primeira naquele território, essa estrutura está dentro da propriedade do engenho Pedro Osório. Possibilitou o ensino fundamental para filhos de funcionários, alguns moradores/as estudaram no local, sendo que nos dias atuais, nenhuma outra foi construída, assim, as crianças e adolescentes passaram a estudar nos arredores do bairro Navegantes. Segundo Abuchaim (2013, p.172):

As crianças residentes nas propriedades da empresa, inclusive das arrendadas, filhas de funcionários, eram incentivados a estudar. Segundo Joaquim Alfredo Moreira, sua família era grande (9 irmãos), e todos estudaram, graças á Pedro Osório & Cia., que instituiu e proporcionou o ensino fundamental obrigatório para todos os filhos de seus empregados (ABUCHAIM, 2013, p.172).

Na época do inverno, em função das chuvas, a região do Passo dos Negros, fica de difícil acesso, pois as ruas e vielas, não são asfaltadas. Seu P. relata que, nesse período, seus filhos, para não faltarem às aulas, são levados à escola, de charrete, por ele ou pela esposa, pois o Corredor das tropas e os arredores ficam, praticamente, intransitáveis, em função de ser uma área de banhado, ele completa: “[...] isso aqui fica virado em barro, para vocês chegarem aqui só de botas, [...] nós ficamos isolados aqui” (Seu P, 2018).



Foto 13: Escola Visconde de Mauá. Fonte: A autoria de Luciene Mourige

Em frente à escola, é possível avistar, mais adiante, o Corredor das Tropas que marcou a grande movimentação no Passo dos Negros, com a construção das inúmeras charqueadas. O espaço serviu de entreposto e ali eram cobrados tributos

de passagem. As tropas que conduziam os animais, vinham de muitos lugares, também de outros países vizinhos. As melhorias, como a construção da ponte, foram feitas pela Coroa, para dar segurança contra os contrabandos da época, pois tanto os animais vindos para o abate, como os negros escravos, eram considerados mercadorias valiosas para seus proprietários. O nome dado de Passo Rico ao território, foi em função do grande rendimento gerado pelo fisco arrecadado. Esse lugar está bem vivo nas narrativas dos moradores/as. A professora R., define esses caminhos, com ligações pela cidade, feitas por um mapa mental, com referências de quem viveu no território:

[...] pensando na cidade, como funciona. A Tablada, o Mercado público, o Passo, o Porto, aqui tu vês, [...] o Passo dos negros, do Fontoura, charqueada da Costa, marco os que considere mais importante, que eram os espaços de trocas, posteriormente, o porto e a estação férrea, um dos capítulos. [...] e sobre o passo, a tablada, que é hoje a Ferreira Viana, estrada de baixo I e II, em seguida passou a se chamar Estrada Domingos de Almeida, depois sim avenida. Eu acho que isso faz a diferença, tu conseguir entender o que é, enxergar tudo num espaço só [...]. Nada dessa repartição que tem hoje, assim: Passo dos Negros, corredores das tropas, estradas de baixo, as charqueadas do Areal, as da Domingos de Almeida, Laranjal eram um espaço único. Em seguida, os frigoríficos, as leitarias, chácaras de frutas, tu vais entender o contexto histórico, senão, não se consegue, senão fica tudo separado. Desde 1700, já se fala no Passo dos Negros (Professora R., 2019).

Seu C.J. também percebe, esse território como um espaço único de movimentações que transpassam o perímetro da cidade: “aqui onde a gente está é o Corredor das Tropas, que é a continuação da São Francisco de Paula e se vai né?” (2019). No cotidiano movimentado do lugar, esses caminhos ultrapassavam a cidade. Outra história é a de Seu C, artesão e morador próximo ao Passo dos Negros que ao relembrar as narrativas contadas pelo pai e suas lembranças de menino, relata as muitas vezes que corria para ver a boiada passar, o mugido alto do gado, as manobras e atenção dos tropeiros ao guiarem esses animais ao matadouro.

Salientando que, em alguns momentos, esses animais se soltavam, o cuidado das famílias, no território, era redobrado e observando que, onde, hoje, situa-se o Engenho Pedro Osório era uma charqueada, como tantas que existiram na cidade de Pelotas, é possível pensar em fatos sociais, a partir das percepções e experiências dos moradores/as, nas relações que se interligam através da memória, identidade e representação. Isso é observado na fala de Seu P.: “[...] eu moro ali na beira do patrimônio histórico que é o pontilhão onde passavam as tropas que vinham para as

charqueadas e depois os açougues [...] tudo ali é patrimônio” (2017).



Foto 14: Corredor das Tropas. Fonte: Aatoria de Luciene Mourige

Nas dinâmicas que se encontram no território do Passo dos Negros, observo as transformações do cotidiano, vejo isso, nas narrativas dos moradores/as, ao afirmarem que, no território, teve algumas leitarias. Seu C. J. lembra que, naquela volta depois do engenho tinha poucas casas, fala que conheceu a leitaria, alguns conhecidos ali trabalharam, sendo que essa estrutura, ainda está de pé. Esteve em funcionamento no Passo dos Negros, no período de 1943 a 1973 e, pelas pesquisas levantadas, as outras leitarias daquele lugar, já não existem mais. Segundo Dode (2019), conforme levantamento realizado nos Cartórios de Registros de Imóveis de Pelotas, o imóvel passou por diversas sucessões. O primeiro documento encontrado trata-se de uma escritura de compra e venda, indicando a passagem da propriedade da firma falida de Tavares & Cia, para o Banco Nacional do Comércio, no ano de 1933 (DODE, 2019, p. 34).

Trata-se, segundo a certidão de registro de imóveis de um estabelecimento de charqueada à margem esquerda do Canal São Gonçalo, contendo, além de outras benfeitorias, casa de moradia, seis galpões, mangueiras e máquinas. Tudo circunscrito em um terreno medindo quatrocentos e cinquenta e nove metros e oitenta centímetros (459m80) ou (209 braças) de frente; pelo Norte estava presente a estrada

que segue para a boca do arroio e, pelo Sul, encerra-se no Canal São Gonçalo; pelo Oeste (DODE, 2019, p. 34). Nessa propriedade existe um aljibe – reservatório de água da chuva captada através de calhas no telhado e que era a fonte de água da família.



Foto 15: Leitearia do Passo dos Negros. Fonte: A autoria de Simone Mathias



Foto 16: Aljibe. Fonte: Autoria de Marcela Dodi

Nas lembranças de Seu C.J., comenta dinâmicas das leitarias, dentro do Passo dos Negros:

Ali na Chácara da Brigada, antigamente, eles próprios criavam gado e vacas, para tirar o leite e a carne para os brigadianos, ali eles faziam os abates, eles não gostavam, se a gente pescava ali por perto. Naquela volta depois do engenho tinha poucas casas, [...] a leitaria é antiga e ainda está de pé (C.J., 2019).

A professora R., relata que residia na Rua Ambrósio Perré, vizinha ao Passo dos Negros. Em suas histórias, ela lembra:

A direita tinha leitarias e chácaras de frutas e legumes, meu pai repartia leite de manhã, comprava leite dos mangueristas, um pouco lá da Marambaia, um pouco aqui do Passo mesmo, outro daqui da Avenida Ferreira Viana, onde é o shopping hoje. Ele repartia leite e, à tarde, ele plantava de meio, lá no Passo, legumes. Era como a gente vivia. [...] chegava no açougue pra comprar "cavaco de charque", eles enrolavam as mantas compridas, com cordão, pra vender, exportar. Às vezes as bordas, que nem, quando se faz pastel, essa borda é que chamavam de "cavaco de charque". Eles vendiam ali para os moradores, era uma pobreza louca, mas diferente de agora, uma pobreza sem miséria. Nós éramos pobres, mas os pais todos tinham emprego [...] eles vendiam o cavaco, o guisado, o mondongo o que sobrava para os moradores (Professora R., 2019).



Mapa 1: Localização da leitaria no Passo dos Negros<sup>9</sup>. Fonte: GEEUR/UFPel

Assim ela vai narrando as dinâmicas da paisagem e como esta se modificou no território do Passo dos Negros:

[...] nós saímos de lá em 1977, eu já trabalhava e estudava, ali na Ambrósio Perré. O Navegantes I estava no início, é o que se tornou Ambrósio Perré, pois era uma rua. Hoje é um bairro, era tudo campo, tinha uma, duas ou três casas em direção à Sudeste. No prolongamento da rua que já tinham aberto, quando a gente veio embora, era umas oito, mas atrás era campo. A gente chamava de Chácara da Prefeitura e tudo isso antes, tudo era charqueada [...] na Sudeste, com os varais cheios de charques, como era campo e a gente era criança e não tinha aquele mundo de gente indo e vindo, pois trabalhavam, a gente tinha medo de seguir o Corredor, que a gente chamava de Corredor da Sudeste. Quando não era época de chuva, a gente pulava o tal do valetão, pulava o arame e passava, e ia por dentro do campo da Sudeste, que é o único campo que ainda existe, campo de futebol ali, a gente ia pelo meio e passava nos varais cheios de charque (Professora R., 2019).

Pode-se dizer que a antropologia traz contribuições para entender as transformações que acontecem em campo, abre-se um universo de informações e dados, assim como possibilidades de experiências de perceber aquele cotidiano bem de perto. Na cidade de Pelotas, ouve-se falar dos muitos times de futebol, patrocinados por fábricas, empresas, frigoríficos, mas muitos deles já não existem

<sup>9</sup> Extraído do Google Earth.

mais. Hoje, poucos times pequenos conseguem se manter. O Osório Futebol Clube, está dentro do Passo dos Negros, teve a sua área doada pelo coronel Pedro Osório, para espaço de lazer para seus funcionários. Antigamente se chamava Clube São Gonçalo, esse clube é o único espaço de lazer da comunidade. Foi o primeiro time amador da cidade e vem colecionando muitos troféus. Conforme Abuchaim (2013, p.291):

O Osório Futebol Clube foi fundado por diretores e funcionários do Engenho e da charqueada São Gonçalo, situados no Passo dos Negros, em 25 de dezembro de 1933. Por Grande parte de seus diretores pertencerem ao Esporte Clube Pelotas e por tratar-se de um clube amador, foram adotadas as cores azul e amarelo e um distintivo semelhante ao deste clube. O Osório Futebol Clube tinha como padrinho o Clube de Regatas Vasco da Gama (carioca), por influência do Sr. Ciro Monteiro, seu diretor, também ligado às exportações de arroz do Engenho Pedro Osório. O batizado ocorreu num jogo preliminar entre Esporte Clube Pelotas e o Vasco da Gama, no qual o Osório Futebol Clube goleou o Cerrito por 6x1 (ABUCHAIM, 2013, p.291).

Narrativas aparecem sempre, principalmente, nas falas dos antigos moradores/as e servem de inspiração para os novos. Alguns familiares de Dona M. jogaram no clube Osório e eram funcionários do engenho. Também pessoas e amigos de outras localidades participavam das partidas, como conta: “o Osório sempre foi muito famoso”. Recorda as partidas de futebol, quando as famílias se reuniam, [...] o Osório é um time que a gente se criou, se morre e o Osório, ele tá de aqui de pé”. O clube participa de muitos campeonatos, esses disputados em campo e também dentro e fora da cidade. Ressalta: “[...] ele é campeão amador, ano passado ganhou uma linda taça, vinham os times do Planalto e da Sudeste disputar aqui no Passo dos Negros”. Seu A. comenta que o hino do clube Osório, em sua letra, exalta o pertencimento ao lugar, faz referências às charqueadas, ao engenho e ao coronel Pedro Osório. Muitos homens, assim como as crianças, frequentam e jogam no time. O clube tem uma mascote que se chama Negrinho do Engenho, há quem diga que ele é um menino escravo que viveu pelas charqueadas. No Passo dos Negros, existem muitas histórias e lendas sobre o território, Seu A., assim como outros moradores/as, já ouviu relatos dos mais antigos e diz:

Eu me criei ouvindo essas histórias aqui no Passo, na época que no engenho trabalhava muita gente. Era na semana santa, [...] os caras estavam trabalhando, deixaram as marmitas em cima da chapa, quando foram comer estava tudo revirado, o negrinho do engenho passou por eles, saíram tudo correndo, [...] ele ficou o mascote, ficou a lenda que é o negrinho do Engenho. (A, 2018).

Dessa maneira, deve-se pensar os usos que esses moradores/as, fazem dos espaços em que habitam e constroem, são homogêneos pois são formas de praticar e viver a cidade.



Foto 17: Osório Futebol Clube. Fonte: Luciene Mourige

Nesse território, fazendo uma continuação ao Corredor das Tropas, localiza-se a Ponte dos Dois Arcos, construída em 1854 por escravos. Atualmente, espera por uma restauração que nunca chega e como diz Seu P.: “está abandonada às traças”. Arrolada no Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural de Pelotas, o seu projeto de restauração está incluído no planejamento da Secretaria de Cultura. Ela representa física e emocionalmente um grande valor histórico, não apenas para a comunidade que mora ao redor, mas também à memória do povo negro. Cabe destacar que sua estrutura demarca o apogeu do período charqueador. Entre as fotos que Dona M. me mostrou, está guardada, uma folha de jornal, já amarelada, trazendo uma homenagem a essa ponte. Em sua narrativa, disse que achou importante a reportagem, porque os mais novos precisam dar valor ao que se tem no Passo dos Negros.





Foto 18: Reportagem do Jornal Diário Popular de 21 de julho de 1917<sup>10</sup>

A historiadora Zênia de Léon (2016), em seus artigos e escritos, teve grande interesse em fatos do território do Passo dos Negros, assim como da cidade de Pelotas. Em seus levantamentos analisou atas que trazem passagens do cotidiano, movimentação de escravos, animais e a construção do espaço do período charqueador. Como pintora, esboçou em aquarela uma representação da Ponte dos Dois Arcos.

<sup>10</sup> Fonte: <https://www.diariopopular.com.br/opiniao/sitio-arqueologico-passo-dos-negros-125757>



Ponte dos Dois Arcos na concepção da pintora.

Foto 19: Pintura da Ponte dos Dois Arcos. Fonte: Arquivo de Zênia de Léon



Foto 20: Ponte dos Dois Arcos. Fonte: Arquivo de Zênia de Léon

Reveste-se de importância a ponte dos Dois Arcos a medida que a olharmos como fator de desenvolvimento na época de primitivos recursos. Ela faz parte dos Caminhos da História como ligação necessária, empenho sistemático, trabalho, economia. Quando charqueada é vista como a gênese do escravismo em Pelotas, e aspecto altamente importante nos estudos etnográficos e antropológicos, e quando por esta razão o Rio Grande do Sul entrou na economia mundial competindo com a descoberta do ouro em Minas Gerais, um simples objeto de travessia, uma ponte, centraliza-se como pivô de toda uma estrutura econômica e social. (LÉON, 2016, pg.1)

Nas memórias coletivas, a imagem da Ponte dos Dois Arcos<sup>11</sup> é de um lugar bonito, com água corrente limpa, como diz Seu P.: “[...] Olha vou lhe dizer uma coisa, se vocês escavarem isso aí, vão ver que ai para baixo, tem uns três metros de fundura. Ela está tomada de barro e lodo agora, mas é coisa mais linda” (2018).



Foto 21: Ponte dos Dois Arcos. A autoria de Gilberto Demari Alves <sup>12</sup>

Desta maneira, a comunidade, se articula a essa forma de pensar e sentir as histórias orais da localidade, pois convivem junto no dia a dia, dos que lá habitam. Alguns/mas antropólogos/as trazem questões de como termos um mundo com as crenças do indivíduo, percebendo que os mitos se modificam para poder contar, compartilhado com as emoções. Muitas vezes a natureza é interpretada em categorias, ou seja, classificada em “caixinhas separadas”, minha escrita sobre o território do Passo dos Negros, não dá conta. Como ficar em “caixas? Ele transborda, é amplo, “vaza” constantemente.

É quase impossível, falar do presente, sem olhar o passado daquela localidade. Junto aos relatos, vem surgindo a historicidade negra com questões da religiosidade da matriz africana. A narrativa de A. P., Mãe de Santo, ex-moradora da Estrada do Engenho, traz a importância das figueiras para a realização dos cultos, assim como,

---

<sup>11</sup> Para mais informações sobre a Ponte dos Dois Arcos:  
<http://www.vivaocarque.com.br/interativo/artigo32>

<sup>12</sup> Fonte: Instituto histórico geográfico de pelotas <http://www.ihgpel.org.br/antigo/?p=530>

todo o cuidado com a paisagem, ela diz: *Quando vejo que a figueira está com sujeira, pego o ancinho, capino e limpo tudo. Meus santos não gostam de receber as oferendas em lugar sujo. Ou levo para ser entregue lá adiante, na figueira, na entrada do Navegantes, onde tem a grutinha da lemanjá (2017).*

Por outro lado, percebe-se outras opiniões, como a de Seu C. J:

[...] olha, eu não sou contra a religião, mas eu sou contra a essa função de vela acesa, queima a figueira, elas são antigas né? Eu era guri, e a Figueira da Noiva já estava ali, era muito limpo, passava água limpa, uma prainha onde nós tomava banho, todos os anos vinha uma máquina que puxava tudo, [...] mas depois mudou os caras da prefeitura, despejaram todo o esgoto para cá, esse esgoto era antes despachado naquela canaleta que passa no BIG, no Arroio Pepino, mas depois desviaram para cá (C.J.,2019).

Seu A., nas recordações da infância, lembra do medo de atravessar, à noite, o território em função das assombrações: “[...] lá na Garibaldi, que era tudo mato. Então nós tínhamos aquela lenda de lobisomem, [...], mas eu tinha medo daquilo. Aqui também tem a noiva da figueira, muita gente não passa muito tarde ali, é o respeito né?” (2018).



Foto 22: Figueira da Noiva. Fonte: Autoria de Simone Mathias

Nas recordações dos moradores/as, comenta-se a presença da noiva de branco, Seu C. J., nos anos em que trabalhou no engenho e mora nessa localidade, diz que nunca a viu, mas que para alguns amigos, ela já apareceu. “[...] Os mais velhos diziam que já viram a noiva do Passo, eu soltava tarde, mas nunca a vi” (2019). Na Figueira da Ponte, Seu P. relata que volta e meia, aparecem dois senhores negros, com cabelos já quase grisalhos. Eles fazem orações ao pé da figueira, pelo que contam, são netos de escravos e vêm ao território, fazer suas homenagens aos seus antepassados, uma vez que as figueiras são sagradas para as religiões de matriz africana, fortalecendo os laços da oralidade negra. Em cada narrativa, há uma compreensão do que aconteceu e ainda acontece nesse lugar, os movimentos que são feitos e as transformações que vão além do tempo, podem trazer mudanças significativas na paisagem e nas vidas daqueles moradores/as no presente.



Foto 23: Figueira da Ponte. Fonte: Aatoria de Simone Mathias

Entendi que, para continuar minha pesquisa, foi preciso aprofundar as buscas pelos dados do passado e pelas dinâmicas do presente, analisar com um olhar antropológico sobre a cidade, apoiado na relatividade urbana e, ao mesmo tempo, possuir um olhar sem amarras ou quase livre. A lembrança é um tema trazido constantemente na pesquisa, evocado durante os momentos de ruptura da continuidade histórica, nos quais há a necessidade dela, para mostrar o vínculo com o passado. Seu C. arrenda uma chácara no Passo, para criar seus animais, diz que aquela região parece ser rural “[...] aqui ainda se encontra aves nativas”. Na propriedade, tem uma figueira centenária, em sua sombra descansam alguns cavalos, ao redor, encontro cachorros, patos, gatos e ovelhas. Ele como outros moradores/as teme por esse “progresso” que está chegando, dizendo: “[...] triste pensar que aqui já foi, um dia, uma charqueada, hoje a gente está usando para ser uma hospedaria e,

amanhã, vão ser apartamentos. Isso, já daqui a poucos anos”. (C.2019). Lembrando que as diversidades mostradas situam os sujeitos e seus contextos nas pesquisas etnográficas, evidencia-se seu modo de vida nas subjetividades e nas ações práticas de seu dia a dia. Nesse território, convivem, em seu cotidiano, junto com moradores/as e animais, a Noiva de Branco, o Negrinho do Engenho, lobisomens e bruxas. Pelas histórias dos adultos e também das crianças, esses seres estão vivos e habitam o Passo dos Negros.



Foto 24: Animais do Passo. Fonte: Aatoria de Luciene Mourige

## 4. CAPITULO III - “EMPREENHIMENTOS”, MUDANÇAS E NARRATIVAS

### 4.1. Caminhando pelas margens

Saio de casa por volta das 8h da manhã, pois o dia promete ser bem quente, levo em torno de uma hora pra me deslocar até o Passo dos Negros. Combinei com Seu P. de estar perto das 10h em sua casa, pois me avisou que tem um compromisso na agência do INSS. Vim antes, para dar uma caminhada na comunidade, percebo que mudanças nas paisagens são recorrentes. Desci do ônibus, da linha Navegantes, na esquina do campo do Osório. Olhando para o lado direito, são bem visíveis as três torres do Parque Una, que estão em fase final, as outras três estão na fase inicial, só se percebe quando se está próximo ao Shopping Pelotas, pela avenida Ferreira Viana. Esse novo empreendimento será vizinho da comunidade, está nas costas do clube Osório. Fico, literalmente, no meio da rua para observar melhor, tirei algumas fotos desse ângulo de meu celular, meus pensamentos voam com as muitas questões que se abrem. Sigo adiante; nesse momento cruza por mim, a linha nova de ônibus faladas pela E. e pela professora E. São só três horários, o trajeto dele ali, é bem curto, faz a volta quase em frente à casa de Dona M. Não tinha ninguém na parada e ele retorna para o sentido do bairro Navegantes - centro. Um menino de uns dez anos passa de bicicleta, cruza o pontilhão, e me grita tia “quando vai ter outro passeio na biblioteca, eu gostei de fazer os desenhos!” respondi que estamos vendo a possibilidade, acho que ouviu minha resposta, pois passou de bicicleta, levantando mais poeira do que o ônibus retornando. Tem movimentação no campo do clube, homens estão cortando a grama, os quero-queros voam bem baixo, devem ter ninhos por perto. Seu A. sempre ressalta isso. O calor já começa a ficar intenso, minha sorte é que não esqueci o boné, peguei emprestado de meu filho. Resolvo comprar uma água mineral no mercadinho e recordo-me que, por volta de 2017, o estabelecimento que tinha por essa volta, era uma pequena padaria, uma peça pequena, de material, improvisada na sala da casa. Hoje, final de 2019, a casa continua de moradia, mas agora se transformou em comércio, que está do outro lado da rua, muito amplo, com as paredes pintadas de branco e com laje pré-moldada. Enquanto pago a água, converso com a atendente, os proprietários foram comprar mercadorias no centro da cidade, contei que gostávamos dos pastéis. Comentou que tem muita gente vindo pra cá, por isso a mudança de local e produtos a serem oferecidos. Apontou para a porta, mostrou uns sacos de carvão e garrafas de água mineral. Saindo dali, logo em seguida, vi uma placa: aluga-se duas peças, direito com o proprietário. Há dois números de contato, a demanda de moradia está também crescendo para o lado de cá, as transformações estão chegando constantemente. Essas vindas a campo, abrem minhas oportunidades de perceber esse cotidiano. Enquanto me dirijo para casa de Seu P., alguns cavalos pastam soltos, assim como cachorros circulam pelos arredores, característica do Passo dos Negros, lugar esse com uma mistura de urbano e rural. Na Figueira da Noiva, tem oferenda depositada, são algumas rosas vermelhas, assim como uma garrafa de champagne, taça de plástico, com alguns papéis coloridos. Seu P. já estava à minha espera; fui recebida com um chimarrão e nossa conversa se deu debaixo da sombra da Figueira da Ponte. Sentamos em bancos improvisados de caixotes de madeira, os cachorros, se aproximam, parece que querem escutar também. Enquanto relata como andam as coisas por ali, diz que está conseguindo resolver a questão dos documentos da sua aposentadoria. Observo que seu olhar sempre fica saudoso para o engenho, aponta mais um pedaço do telhado que caiu, ao lado direito. Comenta que seu amigo (trabalharam por anos juntos no engenho), está juntando fotos para me mostrar. Foram tiradas na década de 70, no tempo do “auge de emprego”, como sempre cita. (Diário de campo, setembro de 2019).



Conforme Magnani (2002), o campo se movimenta, assim como nossa escrita, e, nesse contexto, seguimos observando e descrevendo narrativas, no sentido de ‘perto e dentro. Trazendo e especificando, na etnografia, as dinâmicas de deslocamentos, conflitos e as múltiplas redes que se abrem. (MAGNANI, 2002, p.13;16). Assim pensando, na importância do lugar de onde se fala, definindo um contexto antropológico, para se refletir sobre cidade, assunto esse amplo de estudo. Segundo o geógrafo Milton Santos (1999), a proposta é entender o conceito de território, sendo este o elemento fundamental para as análises geográficas e as contextualizações geo-históricas, entendendo o conceito de território usado, permitindo mostrar, a multiplicidade explicativa do contexto de crítica da modernidade. Pensando assim, o território usado traz um conjunto de ações e objetos, num espaço humano e habitado, composto por lugares de redes e contíguos. Atualmente, os “empreendimentos” imobiliários de luxo que se alojaram dentro do Passo dos Negros, têm levantado conflitos na comunidade. A primeira construção, chamada Condomínio Lagos de São Gonçalo, instalou-se ali, em 2014. É fechado, construído numa área de banhado; no seu interior, foram feitos lagos, o que justifica o nome. Conforme Silveira, Mathias (2018, p.4-5):

Resultado de diversos interesses do capital, especulação imobiliária, construção de uma nova vida, discurso de liberdade e de apropriação do ambiente natural como qualidade de vida, com lagos, árvores, espaços de lazer. Tudo construído artificialmente e que, por ironia, já existe no mesmo lugar, no Passo, que foi segregado e separado por um muro. Ali, onde hoje se criou um lago, existia um banhado. Existiam árvores e logo ali do lado, existe já um parque ecológico. Ele não precisa ser construído. Ele já existe na paisagem. A cidade ideal a qual se está sempre buscando, talvez exista e que pode nos permitir encontrar ao se observar as experiências concretas do espaço (SILVEIRA & MATHIAS, 2018).

Segundo os/as moradores/as do Corredor das Tropas, com a circulação de caminhões, levando material de construção para a obra, do Condomínio Lagos de São Gonçalo, a estrutura da Ponte dos Dois Arcos e a Figueira da Ponte estavam ficando danificados. Esses bens culturais estão frágeis, permanecem no aguardo de reparos e cuidados pelos órgãos públicos. Além disso, os moradores/as relatam que o encanamento do esgoto desse empreendimento, escoava para dentro da localidade, onde, hoje, encontram-se, aproximadamente, doze famílias.

Em função de ver a Ponte dos Dois Arcos e a Figueira da Ponte em risco de desaparecimento, Seu P., morador do local, então colocou-se em frente às máquinas, a fim de poder preservar esses elementos. Nos relatos, ele me disse que foi a única

maneira, que encontrou para proteger o local, sabe do risco que correu ao enfrentar a situação, mas não havia outra solução, eu tive que ameaçar: “[...] aqui vocês não vão passar, estão destruindo tudo, [...] isso aqui é patrimônio desse lugar, aqui é o Corredor das Tropas [...] os negos fizeram essa ponte, [...] eu vou chamar a polícia”. Em algumas narrativas, ouve-se, também, que esse empreendimento pagou para que os moradores/as saíssem da área onde foi construído, algumas famílias passaram então para perto do Corredor das Tropas, porém outras narrativas não confirmam esses pagamentos.

As mudanças da paisagem vêm ocorrendo rapidamente naquele lugar. Em 2014, através do pedido de ajuda da própria comunidade, houve o relato dos conflitos que lá existem. Dessa maneira, esse pedido chega ao GEEUR, onde se começa o projeto de extensão, com uma equipe multidisciplinar de pesquisadores/as, levantando informações e dados etnográficos sobre o que acontece no local. Nos depoimentos dos moradores/as, observa-se que, com a chegada do Condomínio Lagos de São Gonçalo, os pedidos de desocupação do espaço começaram, isso também ocorreu com moradores/as da Estrada do Engenho em 2016, dentre eles, famílias de pescadores.

Esses moradores/as, ao questionarem o porquê das casas, antigas charqueadas hoje habitadas por pessoas da elite, essas que encontram-se passando o engenho Pedro Osório, não terem sido notificadas, foram informados que essas habitações não estão em cima de áreas de conservação ambiental (APP). Para Seu V. essa resposta tem um outro significado, pois o discurso de poder está nítido não só nas palavras, como também nas ações realizadas dentro território, em roda de conversa realizada no Osório Futebol Clube, durante sua fala, informa:

[...] eu sou presidente da Associação da Estrada do Engenho, já que aqui a professora está colocando um ponto, eu gostaria de dar um pouco de explicação para vocês a respeito da estrada do engenho [...] ali em 2016 se levantaria um período de o pessoal dali, porque era área de risco. Eles dizendo que representava área de risco, pois trazia poluição para o rio, pelo contrário os moradores que moram ali, limpavam o canal, então para eles, criaram essa forma de dizer que os moradores poluem, como área de risco. Eu não entendo porque só nós precisamos sair e os casarões lá adiante não, porque ali mora gente de dinheiro? (V.,2018).

Outro dado importante veio a campo quase no final da pesquisa: a narrativa de I. que, em 2010, exerceu a função de censitário do IBGE, trazendo em suas avaliações dados importantes sobre a região da Estrada do Engenho. Relatos fortes do desinteresse do poder público, o qual deveria trazer dados da realidade daquele local, mas anula as vozes, o direito de sobreviver daqueles moradores/as. Essa entrevista, achei necessário trazê-la na íntegra, pois a narrativa nos faz entender as dinâmicas que envolvem o espaço:

[...]. Vou fazer o relato por aqui, em 2010 atuei como recenseadora do IBGE no período de agosto a setembro, ficando responsável pela área do Navegantes II.

Ao decorrer do censo ia conhecendo todo o bairro, porém ao terminar os meus setores, quase em dezembro, me foi atribuída outra função no censo. Basicamente, uma supervisão nos locais onde os demais recenseadores não conseguiram realizar o trabalho, foi assim que me direcionaram a Estrada do Engenho, pelo sentido do bairro Navegantes. Fiz as casas que não haviam sido abordadas. Quando estava terminando aquele setor, me deparei com casas quase dentro d'água praticamente, eram casas bastante precárias, não havia praticamente espaço entre elas. Eram um aglomerado de casas, em sua maioria de madeira ou qualquer outro material. Só que no meu mapa de pré-coleta aquele lugar não existia. Para realizar o censo, uma equipe de supervisores foi contratada em janeiro, meses antes da coleta de 2010, para fazer mapeamento do setor censitário. Dessa maneira tínhamos mapas impressoras dos locais, assim como o PDA, aparelho de coleta de dados.

Em nenhum lugar, aquele lugar que avistei existia, entrei em contato com o IBGE e me informei. Uma equipe se deslocou ao local para a constatação do fato e descobrimos que a supervisora responsável por mapear o lugar não fez o seu trabalho, porque não quis "sujar os sapatos". Depois de averiguar o caso fui autorizada a recensear o local, descobri que aquelas moradias foram construídas num terreno de uma família que havia abandonado o local. Eram posses, porém um outro morador dono de enorme terreno ao lado desta, vinha há tempos lucrando com essas pessoas. Esse morador, a priori, se apossou, deste local e resolveu vender por um pequeno valor, pedaços desse terreno para diversas pessoas. Na época me chamou a atenção, pois as casas estavam situadas praticamente na beira do São Gonçalo, era de difícil acesso, pois não haviam ruas ou qualquer tipo de estrutura que possamos imaginar, parecia uma ilha de casas, eram pessoas muito humildes e bastante acolhedoras.

Eles não tinham água encanada ou esgoto. Perguntei como eles faziam para usar o banheiro, muitos usavam latrinas inclusive (banheiros a céu aberto) então tudo é jogado no rio, assim como a água potável que conseguiam para beber e usar para outras finalidades vinha de fora do local. Era uma luta diária para obter água e realizar o mínimo de higiene. A luz era fornecida pela mesma pessoa que vendeu os lotes, era cobrado cinquenta reais por morador [...]. Não lembro certo a quantidade de famílias que moravam no local, mas, no mínimo, cinquenta famílias, fiquei chocada com as precárias condições daquelas pessoas que lutavam, dia a dia, para ter um teto para se abrigar.

Lembro que, um dia, cheguei num domicílio de madeira, era uma peça de madeira com um pequeno pátio onde havia charrete e um cavalo, mas naquele dia, o morador não estava, fiquei sabendo pela vizinhança que era um rapaz e a filha de 7 anos que moravam no local, então fiquei de retornar no outro dia. Na mesma noite, esse morador usou uma vela para ter luz, pois a energia

elétrica havia sido cortada por falta de pagamento, ou seja, luz “fornecida” ilegalmente pelo valor de cinquenta reais. Essa vela caiu sobre algo que provocou um incêndio, queimando tudo que havia no local. Aquilo foi algo que nunca esqueci, tamanha a ganância do ser humano, atrelado ao lucro, é válido “tudo” para poder lucrar. Com muito orgulho terminei o censo naquele local, finalmente eles passariam a existir como moradores, aquelas casas seriam contadas como domicílios e, quem sabe, um dia, eles poderiam ter condições básicas como: água e saneamento básico, luz fornecida legalmente pela CEEE, ou seja, passariam a existir. Não seriam ignorados por alguém, que não gostaria de sujar os sapatos, para viver com o mínimo de dignidade (I, 2020).

Diante das mobilizações que chegaram às mídias, com a movimentação da comunidade, a prefeitura então, tempos depois, formula um novo pedido, dessa vez só as famílias de pescadores podem ficar no lugar, irão ser transferidos para um local mais à frente, num terreno de banhado que será aterrado para a construção das casas. Esse fato gerou novos conflitos, pois muitos desses moradores/as que não têm o ofício da pesca, estão no local há muito tempo, Seu V. diz:

[...] a gente teve uma assembléia na Câmara dos Vereadores, e lá teve uma fala de um professor, da Católica e ali, ele trouxe um parecer do que seria área de risco. A estrada do engenho, apareceu como uma área bem pequenininha de risco para a sociedade de Pelotas aqui. Tinha outros lugares que representariam mais riscos do que nós ali, então o que foi que aconteceu em 2017? O ano passado eles voltaram de novo, com uma modificação [...] que naquele lugar nós teria que sair, abandonar, sair mesmo dali, ou por bem, ou por mal, porque eles tinham que passar a máquina por cima e tirar o pessoal dali. (V.,2018).

A proposta de serem transferidos para lotes do bairro Getúlio Vargas, um dos lugares periféricos da cidade e bastante afastado, trouxe descontentamento entre os moradores/as do Passo dos Negros. Esse foi o principal motivo da mudança de A. P., Mãe de Santo e sua família para outra localidade da cidade, ela desmanchou sua terreira, que já estava, nessa localidade há oito anos. Sua mãe já morava ali há mais tempo. Após o convite da prefeitura para se retirarem do local, ficou apreensiva com os rumos que poderiam dar a essa questão e, também, optou por zelar, pela segurança da família e de seus “filhos de santo”. A. P. disse:

[...] eles chegaram aqui nessa semana, avisando que temos que sair daqui. Disseram que os lotes dados pela prefeitura são lá no Getúlio Vargas. Eu fui lá com meu marido, chegamos lá, nem descemos da moto, é uma tristeza, um descampado. O pessoal começou a sair das casas e ficar nos olhando, encarando, como se dissessem, “o que vocês querem aqui”, me deu uma crise de choro, eu falei pra cá, eu não vou vir. Então decidi comprar um lote, lá no Jardim América, vou levar meus “filhos de santo” pra lá, tu sabes eu tenho uma filha pequena, não vou arriscar, ser corrida daqui. (A.P.,2016)

Pensando que esses moradores/as andam pelos espaços da cidade e compartilham, entre si, redes e informações mútuas, nessas dinâmicas de deslocamentos observam o que acontece ao redor. Nas conversas que tive com Seu C. J., vizinho de A. P., fica claro que tanto ele, como vários outros moradores resolveram não desocupar o espaço e estão no aguardo de alguma solução pela prefeitura. Seu C. J. relata que o motivo de retiradas da comunidade é em função de um projeto antigo da prefeitura, que visa a construção de uma estrada, que vai desafogar o trânsito da cidade até a praia. Ele disse: “[...] vou te contar uma coisa, tu sabes porque não querem nós aqui? É que eles têm o interesse, em ligar a Estrada do Engenho, com a Praia do Laranjal, então precisam passar por dentro da Chácara da Brigada, assim vai sair uma estrada, com nova ponte direto na praia”. (2019)

Em cada fala, há uma compreensão do que acontece com aquela comunidade, os movimentos que são feitos e as transformações que vão além do tempo. Assim como, as cidades em sua maioria são representadas por abordagens quantitativas, gráficos e censos que, muitas vezes, não abrangem uma totalidade espacial, Seu P. em minhas primeiras idas a campo, fez um relato: “[...] as pessoas pensam que o Passo dos Negros, é só isso aqui; é muito mais, antigamente ia passando a Tablada. As boiadas, no tempo das Charqueadas, vinham de longe pra passar aqui no Corredor das Tropas “(2016). O Passo dos Negros vem contando essa história do passado, vivendo o presente e construindo novas narrativas para o futuro, tudo vai se interligando e se reescrevendo através das dinâmicas que ocorrem nesse território. O sentido da importância do lugar, como relevância histórica, é bem marcado nas falas da professora R. que diz:

[...] essa questão do Passo, ser o lugar mais importante da cidade, isso todo mundo sabe. A gente fala isso há anos, o pessoal da universidade também [...] essa senhora que morreu agora, a Zênia de Léon, também. A gente tentou várias coisas, muita gente tentou, [...] a própria Chácara da Brigada é um patrimônio, que está ali fechado. Ninguém pode entrar, tudo compreenderia, eu acho, o mesmo projeto, estaria dentro do mesmo projeto. No meu entender tem o mesmo valor (professora R.,2019).

Para Agier (2015), o fazer-cidade envolve todo um processo contínuo, trazendo dessa maneira, o contexto de universos urbanos, pensando nessas margens como fatos sociais, assim como geográficos, numa posição epistemológica e política, sendo classificada com características centrais, ordenadas e dominantes. Nessas transformações, assim pensando, no fazer cidade, refletindo sobre lugares habitados

e ditos vazios, nesse jogo de fazer cidade, sem cidade dos cidadãos, há múltiplas maneiras de construí-la, com bairros que surgem, espontâneos e informais, com construção permanente, dando reconhecimento de a pertencerem ou, talvez, sentirem-se parte dela, com o direito de estarem ali.



Foto 25: Quintal de residência Autoria: Luciene Mourige

A questão política interfere no cotidiano das pessoas e seus modos de viver; são muitas as questões trazidas pelos habitantes dali, pois os “empreendimentos”, o pertencimento, a falta água, de luz, de iluminação, de esgoto, de correio, de segurança, as posses dos terrenos, o transporte público e a coleta de lixo são algumas das demandas que são trazidas nas rodas de conversa realizadas na comunidade. Segundo falam, essas questões vêm à tona, com mais intensidade, no período eleitoral, quando os candidatos/as se aproximam e fazem diversas promessas de melhorias. Muitos moradores/as ficam com o sentimento de gratidão quando são atendidos, o que era para ser um feito por estar num cargo público, eleito por cidadãos, torna-se uma troca de favores. Conforme Agier:

No caso das “invasões” que estão na origem das favelas alguém chegou e ocupou um espaço vago. Em seguida, outra pessoa chegou, declarando ser o proprietário ou ter o direito sobre esse espaço e disse: “eu te deixo ocupar o espaço com a condição de que a gente entre em acordo sobre isto e aquilo”: “vocês serão minha clientela eleitoral”. “Ok, de acordo” responderam os

ocupantes, “nós seremos seus eleitores, mas com as seguintes condições”. Há uma negociação, mas, para que ela exista, é preciso que um dado momento alguma coisa tenha acontecido, uma comunidade em movimento, pessoas que chegaram e fizeram o gesto público da ocupação. (AGIER, 2015, p.491)

Alguns/mas moradores/as do Passo, que ali estão há poucos anos, já possuem o papel de posse, sendo que outros com mais de quarenta anos vivendo ali, ainda não possuem água e nem luz, ou seja, nem endereço, sem isto, é difícil comprovar a existência. Disputas como essas os/as dividem, condutas que resultam em parcerias, aproximações, mas também distanciamento, porque os modos de ver e perceber o ambiente são diferentes. Na narrativa de Seu P., essa demanda fica bem visível:

[...] já fiz muitos pedidos junto a CEEE e ao SANEP, mas até hoje nunca fui atendido, não só eu, mas muita gente aqui. Sou aposentado do engenho, faço consertos em charretes, eu tenho condição de pagar um valor. Não posso fazer uma compra e mandar entregar aqui. Eu matriculei meus filhos no colégio [...], mas com o endereço de um parente, ali do Navegantes [...] a senhora sabe como é, sem endereço, o cara não existe. (P., 2016).

Nas narrativas levantadas no campo, percebe-se mecanismos de poder, apagamento da história da cidade, falta de interesse dos órgãos públicos em regularizar a posse, em levantar dados sobre o local. No IBGE, essa localidade aparece quase como um vazio urbano, deixando invisibilizadas as famílias que lá residem. Dentre as perguntas levantadas pela comunidade, está o porquê desses “empreendimentos” já virem com toda uma infraestrutura, como iluminação e calçamento, sendo que muitos/as moradores/as da comunidade, ainda não os possuem. No entender de Seu A., os “empreendimentos” não se importam com a comunidade, não querem saber da história do lugar, o que importa é somente o lucro que podem produzir, ele diz: “[...] eles chegam atropelando, levando tudo de arrasto, tudo pela frente’ (2018).

Com a construção desses empreendimentos próximo à comunidade, ocorreram conflitos, descontentamentos, também teve o aumento de moradores/as oriundos de outras localidades. Conforme as narrativas, essas discussões, trazem questionamentos sobre o pertencimento do lugar e, também, as questões da violência e das drogas. Caminhando em campo, outras classificações denominam o território do Passo dos Negros, como Vila Osório e Loteamento São Gonçalo, sendo essas reconhecidas pelos moradores/as há uns vinte anos. Os/as mais antigos/as, não

reconhecem essas novas denominações, pois querem preservar a historicidade do lugar e o nome Passo dos Negros, pois o mesmo carrega simbolismo de luta do povo negro e o início da cidade. Esses/as moradores/as trazem a alteridade, de serem descendentes de famílias que já estavam no local, desde o tempo das charqueadas para legitimar suas falas.

Para entender essa questão do território, ser denominado por muitas classificações, como loteamento São Gonçalo, Vila Osório e Bairro Areal fui conversando com moradores/as, como X., esposa do Seu A., que explicou: “[...] do lado de lá é São Gonçalo, por causa que desses terrenos que invadiram, aí deram esse nome e aqui nós, a nossa parte aqui, sempre foi Areal, Passo dos Negros” (2019). Em minhas caminhadas pelo território, vou encontrando muitas histórias que podem esclarecer, essas denominações, Dona M. Z. moradora há um pouco mais de vinte anos no local, disse: “[...] eu vim pra cá conhecendo como Passo dos Negros, mas de uns anos para cá, começou chegar mais gente, e aí ficou loteamento São Gonçalo, já está vindo assim nas contas de luz” (2018).

Enquanto Seu M, morador do local há uns dezesseis anos, denomina-o como Vila Osório, entende-se que os indivíduos se percebem no mesmo espaço, nas denominações que, para eles, os representam, ou os identificam. Alguns/mas interlocutores/as, como Dona M. Z., possuem “papel”, o documento de posse. Elas conseguiram com o prefeito da época. A prefeitura abriu as ruas com máquinas e a CEEE instalou postes de iluminação. Como ela diz: *“ficou melhor para viver”*. Salienta que deu estudo para os filhos, que gosta de morar ali, pois não se envolve na vida de ninguém, mas que a violência aumentou, trabalha no seu pequeno comércio de grades fechadas, essa renda auxilia nas despesas da casa. Já terminando a conversa, ela me mostra uma fotografia antiga, de alguns parentes no campo do Osório.

As falas são muito importantes para se construir a pesquisa, assim como o silêncio, o não querer falar também é um dado para a pesquisa. Nas entrevistas, muitos não quiseram dizer seus nomes, algumas pessoas não autorizaram a gravação: “[...] gosto no olho a olho, guria essa coisa de gravado, eu não gosto”, como me disse Dona M. Z. É necessário estar em campo, aberto a negociações, nesses contextos, ouvir, escutar e entender com empatia cada caso, são ferramentas fundamentais para a pesquisa. A crescente demanda de moradores/as no Passo dos



Negros, trouxe transformações, como a pequena padaria, que virou um minimercado amplo, uma sala de alvenaria, bem iluminada com lâmpadas de LED, com paredes pintadas de branco, muitas prateleiras e variedades de mercadorias; ao fundo, tem a parte do freezer com carnes. Lembro que em uma das primeiras vezes que fui a campo, entrei pra conhecer o famoso pastel folhado vendido a um real. Nós alunos do projeto sempre comprávamos, era nosso lanche. O estabelecimento mudou de lado, era vizinho de seu A.; hoje está quase em frente, possui caixa registradora, venda de lenha, garrações de água mineral, cigarros, frios e embutidos, ou seja, tudo que se encontra em supermercados, está dentro da comunidade, trazendo comodidade, não precisando sair longe para comprar. Dessa maneira, a localidade está em constante mudança e crescimento.

Relações de amizade e poder surgem. Conforme as narrativas chegam, percebo o direito de ir e vir; há os que moram por um tempo em outro lugar e retornam, por diversos motivos; o principal é a questão do sustento. Numa caminhada pelo beco, como alguns denominam, parei e conversei com Seu D.; em seu relato, falou-me: “[...] aqui é muito tranquilo de morar e não mexem em minhas coisas, mas preciso de dinheiro né? Tenho parente pro lado do Areal, faço uns serviços e volto” (2018). Nesse período muitas dessas propriedades são cuidadas por parentes e amigos, o “estar fechado” não significa estar vazio, pois o espaço pertence a alguém. Dessa maneira, as demandas de conflitos se expandem, assim como as vendas dos lotes, originando e trazendo para a região, pessoas sem vínculos de pertencimento ao lugar. Essas novas transformações com a chegada de moradores/as, impulsionaram o abaixo-assinado para ter uma linha de ônibus, que, no momento da pesquisa, teve uma nova alteração de horários.

Por outro lado, de acordo com a professora E., moradora do Passo dos Negros surgiu um novo conflito, pois foi informado, pela empresa responsável pela linha, que se o número de usuários não for constante, corre-se o risco de ser retirado o ônibus de circulação. Adaptar-se a essa nova realidade leva tempo, além do alto custo das passagens muitos não possuem condições de arcar com essa despesa. Justifica-se, assim, os relatos de que os moradores/as se locomovem muito em charretes e bicicletas, pois estão habituados assim. Na sua página do facebook, ela postou os horários da linha. Ela conta:

[...] em relação ao transporte coletivo, nossa luta é de longa data, visto que os ônibus dobram na rua 10 do Navegantes e seguem para o término do itinerário. Conseguimos alguns horários mediante um abaixo-assinado, um encontro com o secretário de transportes e a intervenção do vereador R. Ao solicitar mais horários, o secretário alegou um número reduzido de pessoas que utilizam o transporte. Nossa proposta seria a de que todos os ônibus entrassem na comunidade, independente de horários, pois a frota está com horários muitos distanciados, [...] conforme verificamos no direito do consumidor, que o usuário de transporte coletivo também é consumidor. (Professora E, 2019).

Nessas transformações constantes, aparecem relações contrárias, múltiplos olhares, diferentes modos de pensar e agir. Dentre as muitas histórias que ouvi, há as de moradores/as que possuem o documento de posse de seus terrenos e, na sua maioria, não veem os “empreendimentos” como um perigo. Porém outro caso é a situação do Osório Futebol Clube, que não percebia a ameaça do Condomínio Largo do São Gonçalo, até a construção das torres do Parque Una, que ficam nas costas do clube. Em muitas de nossas conversas realizadas no pátio do Osório, o dirigente comentou suas preocupações com o futuro da sede, porque anda apreensivo com essas construções, pois quem está adquirindo esses imóveis, são uma categoria de alto padrão da cidade. Ele salienta: “[...] pessoas com dinheiro podem mudar o rumo das coisas. [...] aqui nesse lugar tem uma grande história que não se pode deixar apagar” (2019).

Trazendo as memórias de interlocutores/as, é possível observar que muitas delas dialogam entre si, tendo em vista as trajetórias de vida na localidade, a identidade, o sentido de pertencimento: alguns nasceram e ainda estão nesse lugar, assim como, um dia, seus pais, avós e bisavós estiveram. É importante salientar, no entanto, que, enquanto habitantes mais antigos – principalmente – mantêm o sentido de pertencimento, parte dos moradores não se sentem vinculados, especialmente aqueles, cujas famílias eram oriundas de outras localidades. Por outro lado, encontrei pessoas que não moram mais nesse ambiente, mas continuam próximos dali por conta de familiares, amizades e vínculos. Nessa conjuntura, vou desenvolvendo minha escrita, na fala da Professora R.:

[...] então as pessoas só tinham aquele lugar ali para morar: o Passo. E foram se acomodando ali, muitos do Bairro Nossa Senhora de Fátima que é um dos bairros mais antigos, junto com esse aqui: o Cruzeiro, [...] as pessoas foram formando casas, suas amizades, tendo aonde morar, tinham que ter aonde morar, a população negra era muito grande. O Sergio Buarque de Holanda, diz que, parece que em “A vida privada no Brasil”, é interessantíssimo a narrativa dele, ele diz que essa região, fora o recôncavo baiano, a que mais teve a presença do negro do Brasil e eu já ouvi outros relatos sobre isso. (Professora R., 2019).

As empresas de construção, enxergam nesse espaço urbano um “vazio”, sendo estas comunidades um empecilho à paisagem que se quer para o local, apropriada para chamar a atenção de novos empreendedores e compradores, trazendo em seus anúncios a exuberância do território, os banhados, a flora e aves nativas, que estão próximos ao Arroio São Gonçalo. Ao mesmo tempo, essa questão abre margens às discussões, refletindo como acontecem as dinâmicas de autorizações, dos laudos ambientais e arqueológicos, o censo populacional do espaço e como são avaliados esses fatores pelos órgãos públicos, para novas construções, dentro do território do Passo dos Negros. O condomínio Lagos de São Gonçalo, segundo o site de propaganda, é considerado um marco na cidade, o empreendimento oferece condomínio fechado, com segurança de 24h, o acesso a ele, é pela Tv. Leonel de Moura Brizola, ao lado do Shopping Pelotas. Mostrado como ótima localização na cidade, em sua portaria de acesso, é preciso identificações, mesmo sendo funcionário/a ou prestadores/as de serviço. A construtora oferece estrutura para a construção de 243 lotes de terreno. Esse empreendimento vem com a proposta de lugar amplo, seguro, confortável, próximo à natureza, com a beleza de lagos naturais e no melhor local da cidade, segundo o site de divulgação.



Foto 26: Imagem aérea do Condomínio Lagos de São Gonçalo<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Fonte: [www.diariopopular.com.br/geral/um-novo-marco-para-pelotas-146502/](http://www.diariopopular.com.br/geral/um-novo-marco-para-pelotas-146502/)



Foto 27: Entrada do Condomínio Lagos de São Gonçalo<sup>14</sup>

A chegada desses “empreendimentos” trouxe mudanças no cotidiano dessa comunidade, com ela surgem os conflitos, de um lado, aqueles que veem os condomínios como algo negativo, refletindo sobre suas retiradas do local, trazendo assim, o apagamento das memórias – fundamentais para preservar o território com importância da história da comunidade negra, na construção da cidade; outra parte percebe essa aproximação como algo benéfico, acreditando que a implementação da infraestrutura da localidade chegará, valorizando-a, gerando mão de obra e benefícios, principalmente, através dos “empreendimentos” de luxo, que ali estão se instalando, os quais abrangem construções e melhorias urbanas que não são comuns aos bairros periféricos. Essas disputas dividem os grupos que ali habitam, já que resultam em parcerias, aproximações, mas também distanciamentos. Os modos de ver e perceber o ambiente são diferentes.

---

<sup>14</sup> Fonte: [www.diariopopular.com.br/geral/um-novo-marco-para-pelotas-146502/](http://www.diariopopular.com.br/geral/um-novo-marco-para-pelotas-146502/)

Conheci Dona C., moradora do Navegantes, essa trabalhadora doméstica, do condomínio Lagos de São Gonçalo, numa atividade ocorrida, no campo do Osório Futebol Clube. Estava acompanhada das filhas e alguns netos. Em nossa conversa, falei sobre minha pesquisa, assim como a importância dessas narrativas estarem escritas. Assim, ela aceitou o convite para conversarmos, passou-me o contato da filha C., explicou-me que nos finais de semana, seria o melhor dia para encontrá-la em casa, em função de seus horários. Combinamos nossa conversa para o feriado de 2 de novembro, a partir das 14h. Em um dia chuvoso, ela narra fatos de sua trajetória de vida, dizendo: “[...] eu faço ações sociais, organizo a festa de Natal há uns 7 anos, onde se fecha a rua principal, onde passa o ônibus. Consegui arrecadação de brinquedos e já tem pessoas certas, que doam os pães, salsichas, balas e refrigerantes...”

Ela me fez um convite para participar da festa. Foi me contando que está na localidade há 32 anos e gosta de morar lá, todo mundo a conhece, falou que, antes, toda essa região, era compreendida como Passo dos Negros. Mudou-se do Bairro Areal, pois já não conseguia manter o aluguel, então ficou sabendo dos lotes do Navegantes, muitos invadiram e depois conseguiram a posse, através do mandato antigo de um prefeito. Ela começou a trabalhar desde cedo, aos 12 anos e está na mesma família empregadora, há 40 anos. Trabalha em dois lugares, um deles e com o filho da patroa, no Condomínio Lagos de São Gonçalo, duas vezes na semana; assim que ficou pronto, já foi trabalhar lá, salienta ser perto de casa. As dinâmicas do funcionamento do condomínio incluem regras de segurança, como a identificação de funcionários/as, assim como, horários de entrada e saída. De acordo com Dona C.:

[...] são bem rígidas, os funcionários precisam ter um crachá de autorização, dizendo em qual residência trabalham, assim como a autorização, de quem faz serviços terceirizados no local. Com crachá e identidade se entra para trabalhar. A portaria liga para a residência confirmando a entrada, os horários são fixados, para a saída dos funcionários às 17:30h. Se precisar ficar mais um pouco, os proprietários precisam ligar para a portaria e autorizar. (Dona C.,2019).

Contou-me que o empreendimento deu oportunidade de trabalho, para muitas pessoas. A maioria daquelas casas tem trabalhadoras domésticas e muitas são diaristas, assim como os jardineiros, prestadores de serviços. Não soube me dizer, ao certo, quantas mulheres do bairro trabalham ali, geralmente o emprego é por indicação. Questionei o que pensam os/as condôminos/as do empreendimento, sobre os moradores/as do lado de cá da comunidade. Referiu-se, então, à questão do

desconforto da reciclagem, percebida como lixo: a sujeira provoca mal cheiro. Não possuem contato, mas ouvem falar que a comunidade do Passo será retirada dali. Nas idas a campo, conversando com os moradores/as, as falas revelam que, na construção do Lagos de São Gonçalo, teve mão de obra dos moradores da comunidade. A moradora do Corredor das Tropas, E., fala que seu filho mais velho trabalhou ali e disse que sem a carteirinha de identificação, não se entra naquele residencial.

Relacionando as histórias contadas, me pergunto se é por esse motivo que contam sobre a questão de o esgoto do condomínio ser despejado no território do Passo dos Negros. Sendo que moradores, terem trabalhado na construção, sabem das dinâmicas que ocorreram na obra.

Em 2018, houve o incêndio na casa de Seu P., no Corredor das Tropas e, alguns moradores/as do Condomínio Lagos de São Gonçalo, vendo a situação de Seu P. e sua família, prontificaram-se a ajudar, mandaram marmitas, cobertas e roupas.

Nas narrativas locais cogitam que esse incêndio pode ter sido provocado, em função de disputas de poder. Seu P. teve queimaduras na cabeça e nas mãos, ficando impossibilitado de trabalhar, num dos relatos disse que:

[...] olha não sobrou nada, foi uma tristeza, graças a Deus que eu me acordei e deu tempo de disparar, de sair correndo. E muito rápido, o fogo foi alto, perdemos tudo, não temos mais documentos, as nossas fotos, o material de reciclagem que eu vinha guardando se foi tudo. Mas eu tenho certeza, que dentro de meu pátio, não tinha nada para pegar fogo deste jeito, [...], mas se recomeça né? Tenho braços pra trabalhar, simhora, é a vida né.? (P.,2018).

Há algum tempo, já vem ocorrendo pesquisas que abrangem as áreas de antropologia, arqueologia, arquitetura, educação, turismo, história, geografia e tantas outras em que atuam a UFPel e a UCPel. Essas parcerias colaboraram, quando profissionais da arquitetura se juntaram, para apoiar a família de Seu P., já que tinham seu contato, pois ele é conhecido na comunidade. Então, foi montado um projeto, dando início a uma casa sustentável, feita de caixas de leite, com a proposta de ser térmica, mantendo-se quente no inverno e, no verão, mais fria, com um custo baixo para construção. A casa construída é a única com uma infraestrutura melhor.

Nessa época, enquanto estava em campo levantando dados, ouvi alguns relatos, de que gostariam que houvesse uma parceria da prefeitura com a equipe de

profissionais, para que fossem feitas outras iguais e que pudessem pagar um valor de acordo com suas condições. Assim, outras famílias teriam a oportunidade de moradia digna. Alguns desses moradores/as procuraram a Câmara de Vereadores, para levarem a proposta, porém, não obtiveram resposta.

Em uma conversa, Seu P. disse que não queria se afastar muito dali, pois precisava cuidar de seus animais. Enquanto a casa estava sendo construída, ficou junto com a família na casa de vizinhos. Atualmente as relações da comunidade, com o condomínio Lagos de São Gonçalo estão estremecidas, já se transformaram com o passar do tempo, é um misto de cordialidade com embate. As principais reclamações continuam sendo a armazenagem dos materiais para reciclar, nos pátios das casas, sendo o sustento das famílias dos recicladores/as. Como o próprio Seu P. argumenta: “[...] uma vez por semana, uma empresa de reciclagem, vem buscar o material”.

Questões como essas apontam, desde o início da pesquisa, falas dos/das moradores/as tanto da Estrada do Engenho, como do Corredor das Tropas, sobre o descarte de lixo por pessoas de outras localidades, em sua maioria de sobras de obras, móveis, podas de árvores, assim como animais mortos. Como Seu P., salienta, essas sobras são, na maioria, de restos de tijolos, contrapondo com suas casas de madeira, diz: “[...] a gente vê que anoitece está dum jeito, acorda tá tudo cheio de lixo”. Há pouco tempo, os moradores/as do Condomínio Lagos de São Gonçalo fizeram uma nova denúncia, alegando que Seu P., estaria provocando maus tratos em um cavalo. Ele se defende: estava tentando erguer a égua debilitada do chão, levantando-a com cordas e panos, era a única maneira que tinha para ajudar. Seu P. disse:

A senhora sabe, que a gente não tem muito não, mas a gente vivia muito mais tranquilo, sem essa gente rica aí, eles nos cuidam nessas câmeras todo o dia, [...] no dia que aconteceu a função do meu animal estar ruim, eu comprei a égua com cria e doente e não sabia. Fiz tudo que pude, dei medicação, mas não adiantou, fiquei numa tristeza. A senhora sabe né? Eu cuido meus bichos, os cachorros aqui estão bem, sem sarnas. Aí, nesse dia veio o guarda do condomínio, saber se eu estava carneando o animal, eu mostrei para ele, [...] cara eu to tentando aqui com meus amigos, levantar ela, mas não adiantou, eles chamaram a fiscalização da prefeitura (P., 2019).

Outra questão que gera conflitos: as câmeras do condomínio, voltadas para o lado dos/das moradores/as, durante 24 horas. O drone também é um objeto que traz desconforto, diz “[...] tenho vontade de atirar uma pedra, quando esses drones ficam em cima de minha casa” (2019). Assim como a fala de Seu P., que se mostra apreensivo com os rumos das mudanças, o amigo C. J. concorda e enquanto

conversa, vai apontando, no muro verde, as câmaras de segurança que separam a comunidade, do condomínio Lagos de São Gonçalo, completa dizendo: “[...] essa gente quer tirar nós daqui. A senhora vê? Tem câmera para tudo que é lado e agora mais esse negócio voando” (2019).



Foto 28: Câmera do Condomínio Lagos de São Gonçalo. Fonte: A autoria de Luciene Mourige

Segundo os moradores/as deduzem, esse aparelho é de alguma empresa, observando os campos para comprar os terrenos. Paro para refletir de que maneira direciono o olhar: vejo a cidade, como ela se mostra nos cartões postais, nos dados levantados pela mídia, nos discursos prontos ou nos slogans de propaganda? Não! Esse olhar muda quando percebo as práticas antropológicas levadas a campo, que vão além de rastros e ruídos. Na proposta de uma etnografia que traz narrativas “vivas”, experiências cidadinas, de observação, percepções, linguagens, oralidades e saberes. Enquanto isso, os indivíduos mantêm dinâmicas de sobrevivência, códigos entre eles, para continuarem seu caminhar. (Barthes *apud* Certau, 2009, p.165).

Entre circulações, proibições, os “jogos dos passos” nem sempre se localizam, mas especializam, ou seja, revelam as apropriações nesse fazer cidade que se dá por inúmeras combinações. O caminhar se coloca como um espaço de enunciação, o passear, o andar apressado, o vagar, o apropriar-se dos espaços para fazer o lazer, para o trabalho, para diversas deambulações, tornam-se expressões e pontos de partida para compreender



“ o que faz andar”, onde e como se criam atalhos, desvios diante das proibições, como se vive e se contorna o lícito, o não lícito. Essa é a cidade metafórica, diante da qual “o usuário da cidade extrai fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo”. (Barthes *apud* CERTAU, 2009, p.165)

Em meados de 2017, os moradores perceberam a movimentação de um novo empreendimento de luxo avançando no território, nas imediações da Avenida Ferreira Viana, espaço esse atrás do Shopping Pelotas, perto do Fórum da cidade, Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Defensoria Pública, dentre outros órgãos públicos, sendo este, vizinho do condomínio Lagos de São Gonçalo. O Parque Una é um bairro planejado, com proposta de moradia e de trabalho; a obra tem a construção de seis torres no local, sendo que uma delas se chamará “Torre de São Gonçalo”. Hoje, o empreendimento está em avançado andamento e vem com diversos slogans, conforme sua página do site: “Pelotas como eu Quero”; “Mude que o mundo muda”, “Um bairro como deve Ser”, “As ressignificações do Viver” e “Bairro com Vida”. Assim como o Lagos de São Gonçalo, também possui um lago natural, que tem a função de escoamento e drenagem das águas das chuvas, segurança 24h, modernidade, áreas de lazer, urbanização.

Na proposta de um de seus idealizadores, essas torres e seus arredores, devem ser um lugar aberto e compartilhado, com a comunidade da cidade. A idéia desse lugar é: “rompermos com o que não funciona e explorarmos novos conceitos”. Para uma parte dos/das moradores/as do Passo dos negros, esses “empreendimentos” envolvem uma grande movimentação de dinheiro, com perspectivas e cotidianos diferentes do qual vivem. Seu C. J., diz que para o “lado de cá” não há nenhuma vantagem a construção, comenta os valores altos de venda de terrenos. “[...] aqueles aranha-céus, esses “empreendimentos” é só pra quem tem dinheiro né? Para nós não há vantagem nenhuma, vai ser só para eles, para quem tem dinheiro” (2019).



Foto 29: Frente do empreendimento Parque Una<sup>15</sup>



Foto 30: Área de lazer do Parque Una<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Fonte: [www.google.com/search?q=parque+una+pelotas+fotos&sxsrf=ACYBGNTZ\\_n5K-EdnrLGRPIMwYzlvHhhSCA:1581442266133&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=UMnXNQG2evX9vM](http://www.google.com/search?q=parque+una+pelotas+fotos&sxsrf=ACYBGNTZ_n5K-EdnrLGRPIMwYzlvHhhSCA:1581442266133&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=UMnXNQG2evX9vM)

<sup>16</sup> Fonte: [www.google.com/search?q=parque+una+pelotas+fotos&sxsrf=ACYBGNTZ\\_n5K-EdnrLGRPIMwYzlvHhhSCA:1581442266133&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=UMnXNQG2evX9vM](http://www.google.com/search?q=parque+una+pelotas+fotos&sxsrf=ACYBGNTZ_n5K-EdnrLGRPIMwYzlvHhhSCA:1581442266133&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=UMnXNQG2evX9vM)



Foto 31: Parque Una – vista aérea<sup>17</sup>

Conforme Agier (2011), a cidade pode ser compreendida enquanto espaço e lugar, onde sobressaem as diferenças, como as complexidades culturais. Assim, percebemos lugares estratégicos para pensar a cultura em termos de uma organização da diversidade” (AGIER, 2011, p.33-34). Nas questões levantadas sobre o funcionamento, do empreendimento Parque Una, o qual vem com a proposta de ser um “espaço aberto”, alguns moradores/as questionam, o que esse empreendimento de alto padrão fará quando a comunidade local de bairros vizinhos começar a usufruir de suas áreas de lazer. Provavelmente, como citam, haverá um número maior de seguranças, com intuito de intimidar e o monitoramento por câmeras, pois uma das propostas, da construtora, é zelar pela segurança.

Na entrevista com Dona C., ela questionou, já que seus netos e moradores/as do bairro frequentam o espaço do Parque Una, se com o termino obra, eles teriam essa mesma liberdade. Nesse dia da conversa, havia ali alguns netos adolescentes, ela me incentivou a perguntar a eles sobre o Parque Una, já que estão sempre por lá. Apresentei-me como pesquisadora e perguntei se gostariam de conversar. M. (aparentava uns 16 anos) falou: “[...] eu vou seguido ali com o pessoal, vamos tomar mate e conversar. É um lugar bonito, vem gente de muitos lugares da cidade, a gente

<sup>17</sup> Fonte: [www.google.com/search?q=parque+una+pelotas+fotos&sxsrf=ACYBGNTZ\\_n5K-EdnrLGRPIMwYzlvHhhSCA:1581442266133&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=UMnXNQG2evX9vM](http://www.google.com/search?q=parque+una+pelotas+fotos&sxsrf=ACYBGNTZ_n5K-EdnrLGRPIMwYzlvHhhSCA:1581442266133&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=UMnXNQG2evX9vM)

faz amizades, [...] tem guardas sim, mas são tranquilos, [...] é um lugar aberto, tranquilo” (2019). Os outros três não falaram, mas ficaram na sala, observando a conversa. Mesmo não estando com gravador, senti desconfiança, a universidade ainda traz um certo receio. Seu P., num final de tarde, foi recolher os seus cavalos e andava por perto do final empreendimento, foi surpreendido por um dos guardas, perguntando o motivo dele estar ali, ele é um dos moradores/as que tem a percepção de que “as coisas vão ficar mais difíceis”, disse-me:

[...] essas torres, dizem que vão ser abertas, mas com muito guarda né? Eles andam com aqueles carrinhos elétricos, um dia levei um susto, fui buscar os cavalos de noite, aquilo não faz barulho nenhum, [...] o guarda me perguntando o que eu estava fazendo ali, eu disse: tô procurando um cavalo, [...] ele disse, olha eu fiz toda a volta e não vi nenhum animal (P., 2019).

Em conversa informou que onde mora, no Corredor das Tropas, passará a se chamar Rua Leonel Brizola, assim como os moradores/as foram notificados que, a partir de fevereiro de 2020, vão começar a retomada de desapropriação no local que eles estão habitando. Dessa maneira, será apagada toda a historicidade do lugar, esta que muitos habitantes de Pelotas, ainda não conhecem. Cabe analisar que esses “empreendimentos”, são oferecidos ainda quando estão na planta, dessa maneira, muitas vezes, quem compra, guia-se pela propaganda. Esse é o jogo de ferramentas que as empresas, usam para atender as dinâmicas do setor capitalista e imobiliário. O produto oferecido, sempre vai vir com o slogan de “qualidade”, seja de vida, financeiro, segurança e outros benefícios que sustentem a proposta. Será que os proprietários desses condomínios, vieram averiguar o espaço, antes da compra? Sabiam que ali habita uma comunidade, ou foram seduzidos por um local perto do Shopping e do Fórum? Afinal, é uma localidade privilegiada, perto das águas do Arroio e da Marina da cidade, trazendo, nas paisagens, espaços verdes.

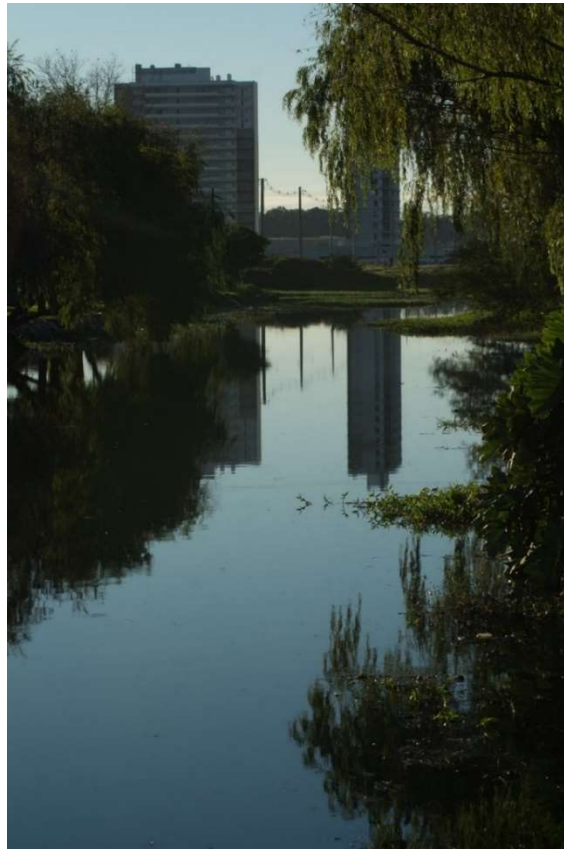


Foto 31: Parque Una – Vista da comunidade do Passo dos Negros  
Fonte: Aatoria de Luciene Mourige

Conforme Agier (2015), pode-se dizer, então, que a cidade é virtual, interpretada por vários olhares e ângulos, pois tudo depende de quem conferirá seus sentidos. É feita de movimentos, isso representa o fazer-cidade e o território do Passo dos Negros vem contando essa história do passado, vivendo o hoje e construindo novas narrativas para o futuro; tudo vai se interligando e se rescrevendo através das dinâmicas que lá ocorrem, a partir de diferentes concepções da cidade.

O princípio de relatividade pode ser aplicado à dinâmica urbana como a todos os objetos da ciência social. Ele nos permite evitar os pensamentos normativos que, por sua vez, tendem a congelar as dinâmicas sociais. De fato, para o universo urbano, assim como o universo em geral, podemos evocar simultaneamente a relatividade no espaço (ela pode ser observada quando postulamos a igualdade epistemológica entre todas as formas humanas assim como em todas as culturas) e a relatividade no tempo (as cidades nascem, transformam-se ou desaparecem) (AGIER,2015, p.484)

Entender as dinâmicas do viver às margens, ao caminhar pelo Passo dos Negros, é compreender resiliências desse lugar, num cruzamento de fronteiras, entre a cidade de lá e a de cá. Sendo que a cidade de Pelotas, segundo as estatísticas, é uma cidade negra, mais da metade de seus habitantes assim se declara. É possível entender que tanto a história, como os costumes são vividos diariamente. Em caminhadas pelo centro da cidade, é frequente encontrar indivíduos vestidos como filhos de santo. Assim como o grande comércio de casas de artigos das religiões de matriz africana, que, também, movimentam a economia, com o comércio de velas, imagens, produtos, bebidas, vestimentas e acessórios, ou seja, há uma rede de relações. Esses caminhos se interligam por essas casas, assim como os lugares sagrados, que atravessam a cidade, cruzamentos esses que vão do centro à praia, ou aos outros bairros. Pensando a partir, das construções e desconstruções que acontecem naquele ambiente, onde o passado se interliga com o presente, através da ancestralidade do povo negro, trazido como escravo para este país.

O Passo dos Negros, possui uma história relevante do que foi vivido naquela localidade. Pelotas, desde seu princípio de construção, sobressaiu-se, na arquitetura, monumentos, culturas, equipamentos que chegaram de navios. Mas ao mesmo tempo que é considerada patrimônio, ela traz uma invisibilidade aos mesmos grupos que a construíram. A presença negra está nas “beiradas”, nos “cantos”, nos bairros periféricos. Então entendo, que a cidade tem múltiplas pontas conectadas e o Passo dos Negros é uma referência, um lugar sagrado, que abrange vários grupos com sentimento de pertencer ao território, assim como, as práticas das religiões de matriz africana, vistas como oferendas depositadas nas figueiras centenárias e nas esquinas, ou seja, no cruzamento das encruzilhadas:

O batuque foi uma manifestação de resistência na cidade de Pelotas e região, surgida a partir de tensões étnico-classistas. As batucadas e a mobilização em torno delas constituíram uma forma de construção de identidade étnica, de sociabilização (entre escravos, como também entre estes e negros libertos) e de protesto. Os negros se mantiveram organizados nos terreiros, onde praticavam os seus cultos buscando uma ligação com a África. A realização das batucadas foi uma forma de resistência mais furtiva, porém não menos eficiente que outras. Além de demonstrar contrariedade ao escravismo, os encontros desses grupos religiosos procuravam romper o monopólio espiritual da Igreja Católica, que criava irmandades para negros, com o fim de sufocar a sua necessidade de expressão religiosa. Uma importante forma utilizada, pelos africanos, na tentativa de preservar sua cultura religiosa da destruição ou do esquecimento foi o sincretismo religioso, que constituía uma associação conscientemente estabelecida entre os santos católicos e os orixás africanos. (Dicionário de História de Pelotas 2017 p.33).



Foto 33: Presença de tradição de Matriz Africana também aparece nos artefatos  
Fonte: Aatoria de Luciene Mourige

É necessário pensar uma cartografia através das margens, enquanto territórios com dinâmicas próprias. Dessa maneira não só se guiar pelo que está pronto, mas pensando na possibilidade de algo novo, proposta feita com a comunidade, que indicou caminhos, fazendo uma nova linguagem de cartografia da realidade, próxima de saberes, desenhos, fotos. Entende-se que os mapas tradicionais da cartografia ocidental, de certa forma, apagam os aspectos vivenciais do espaço, formando um retrato estático da realidade que, muitas vezes, pode atualizar a exclusão das comunidades negras. Pensando nessas dinâmicas, montou-se, para o trabalho da disciplina, uma cartografia junto à comunidade, mostrando como ela se reconhece naquela localidade, assim como os pontos importantes para quem julga se pertencer àquele lugar. A cartografia é uma imagem escrita, mas com grande potência, pois permitiu refletir, afetar, devir e escutar vozes.



Mapa 2: Cartografia do Passo dos Negros  
 Fonte: Disciplina Cidades e suas Margens: Trajetos, Percursos e Mapas



Ao longo de minhas caminhadas pelo território, conheci Seu J. A., 73 anos, ex-morador do Passo dos Negros. Ele, nesse dia, estava fazendo uma entrega, pois é charreteiro. Relatou-me que morou por um tempo na localidade e que tem amigos por ali conversamos sobre o Passo, e disse que o lugar está esquecido pelos órgãos públicos:

[...] eu vivi aqui uns bons anos, no Passo dos Negros, na minha juventude. Meu pai acabou indo embora pra a Bom Jesus (bairro periférico), hoje vivo no Dunas, me casei e tenho dez filhos. [...] eu gosto muito daqui, volta e meia aparece um carreto para trazer, assim já vejo o pessoal. Geralmente, venho ali por trás, é mais tranquilo, assim não pego o movimento. Depois das 18h, é horário de pico, aí já não pego nada, os caras da fiscalização “atracam” a gente. Entro ali na avenida e quebro lá pra casa. [...] as coisas aqui estão jogadas, como um todo nas vilas. (P., 2019).

Contou-me que é pedagogo, formou-se em junho de 2018, pela universidade ANHAGUERA, num projeto que abrangia, pessoas de baixa renda, proposta do governo do PT. Comentou as dificuldades de terminar o curso, em função da idade, como aprendeu a “lidar” com o computador, e os preconceitos pela falta de entendimento dos textos. Mas o que valeu foi a oportunidade de aprendizado e os ensinamentos de Paulo Freire. Ele compartilhou sua foto de defesa do TCC, com muito orgulho, e disse que só, através da educação, pode-se mudar os pensamentos e o rumo do mundo. Seu J. A. foi aprovado no curso de Ciências Sociais da UFPel, pelo telefone dava para sentir sua euforia ao me dizer: “nós negros não podemos parar!”



Foto 34: J. A. No dia de sua apresentação de Trabalho Final de Curso – 2018

Fonte: Acervo pessoal de J.A.

Outro fato que moradores/as compartilham, e se mostram preocupados, é com uma obra inacabada “atrás” das casas do Corredor das Tropas. Uma empresa começou a construção de um parque aquático, recebeu dinheiro e não finalizou a obra. O fosso aberto, para a colocação da piscina, nunca foi fechado. Aquele local é zona de perigo, pois só quem mora lá sabe exatamente sua localização. Seu C. J., foi um dos moradores, que pagou algumas parcelas para aquisição de um título, porém nunca teve seu dinheiro ressarcido.

[...] Tu sabes que a “C” fez uma doação para o Sport Clube Brasil né? Fizeram os imensos buracos, deixaram tudo aberto e se foram, eu ainda tenho o papel do título das piscinas, vou combinar para te mostrar, nunca mais nos ressarciram, colocaram a piscina e um tobogã, era só para pegar o dinheiro da gente, quem me alertou foi um rapaz do Fragata. Eu paguei umas cinco ou seis parcelas [...] fizeram isso aqui e deixaram atirado (C.J., 2019).

Seu P. e sua companheira, relatam-me que o buraco é muito fundo, a obra parou e os serventes foram embora, muitos animais já morreram por ali e fala com tristeza: “não se tem o que fazer”; ele alerta as crianças que jogam futebol e gostam de andar a cavalo por ali:

[...] até aonde sei, doou parte do campo para um clube da cidade. onde abriram e cavaram um grande buraco, para colocação de uma piscina [...] ia sair um tal de parque aquático, e no fim, colocaram aquele tanque e se foram embora, as armações ainda estão lá. Dizem que faliram, olha eu nem sei, só sei que, até hoje, ficou esse buraco aberto, um perigo para nós, para as crianças, os animais. Nunca se importaram de mandar tapar, ou fazer alguma coisa. (P., 2019)

A foto a seguir mostra vestígios da construção em abandono, a realidade de quem vive nas margens e almeja um futuro melhor:

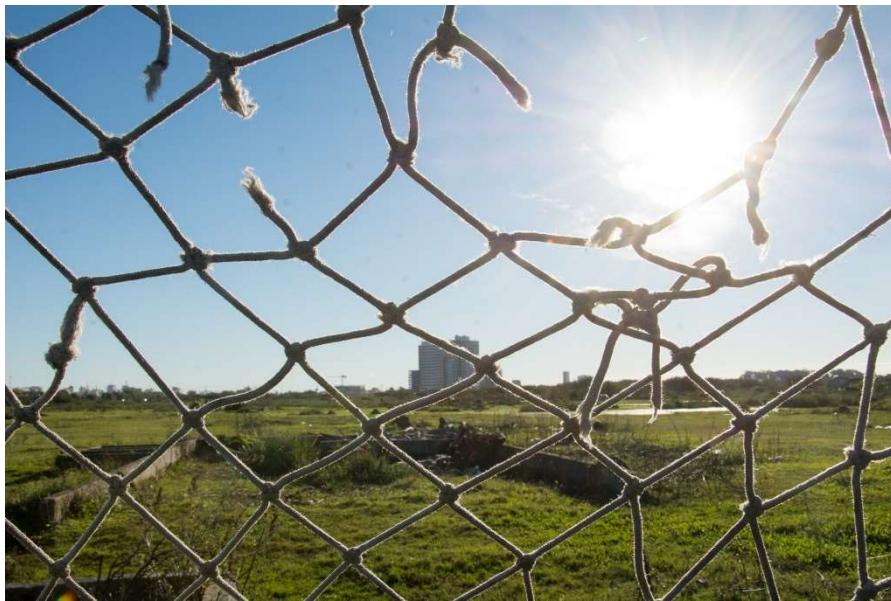


Foto 35: Campos do Passo dos Negros. Fonte: Autoria de Luciene Mourige

Nesse tempo que estive em campo, novos espaços de moradia foram ocupados, muitas casas foram construídas onde havia campos vazios; hoje, tem famílias vindas de diversos bairros da cidade. O cenário de transformações do final de 2017, até o momento, está bem diferente, as casas foram sofrendo modificações e uma das primeiras demandas que percebi foi que muitas substituíram as cercas de bambu e madeira por muros.

Em minhas caminhadas pela localidade, pude perceber esses dados, assim como, o crescente número de construções, pelo lado do Loteamento São Gonçalo e Vila Osório, casas com dois pisos de alvenaria estão sendo erguidas. No contexto atual, os moradores estão investindo em melhorias, pois se vê obras, tanto do lado dos “empreendimentos” de luxo, como no Passo dos Negros, ou seja, grande movimento de fluxos.

O Passo dos Negros continua em constante transformação e firme, após tentativas de erradicação pelos poderes públicos, num processo permanente que envolve afastamentos, distanciamentos, desobediências, ilegalidades e sobrevivência. Nessas transformações, estruturas ligadas ao fator econômico também se modificaram: as Charqueadas que faziam ligação com a escravidão; em seguida, o ciclo do arroz, que traz referência ao trabalho remunerado e à figura da carteira de trabalho assinada que aparece nas narrativas saudosas de um tempo de fartura e “comida na mesa”, como citam muitos moradores/as. Hoje, esses moradores/as almejam a estabilidade de um emprego, com seus direitos, muitos continuam fazendo reciclagens, também são vigias, pedreiros, serralheiros, pescadores, trabalhadoras domésticas, comerciantes, autônomos; assim como Seu P., que pratica o ofício de concertos em charretes. Em relação aos acontecimentos do futuro nada se pode prever. No momento o necessário é o viver.

Pensando nas diferentes relações e na diversidade de moradores/as, para os quais o pertencimento ao lugar é um dado forte, observa-se enraizamentos. Fica clara essa ideia na fala mansa de Seu P., quando diz emocionado: “[...] meu umbigo está enterrado aqui, neste local” (2018). Com o tempo, o que emerge do interior desses locais precários, no lugar das primeiras casas e peças, são porções de cidade feitas de tela, sucata, zinco, lona e madeira, que servem de segurança. Essa cidade é reconstruída no Passo dos Negros, quando percebo nas casas, nos canteiros de flores e de verduras, nas pracinhas improvisadas com balanços de pneus, no escorregador de tábua, provavelmente a sobra de alguma construção. Além disso, os anúncios de produtos de limpeza, os pequenos comércios, a promoção de pastel folhado na padaria, o brechó de roupas usadas, os bancos embaixo das árvores, onde encontro rodas de chimarrão, impulsionam o Passo, fazendo-o pulsar. (MATHIAS, 2018).

Abaixo, a frente de uma das casas do Passo dos Negros, área de lazer construída pela comunidade.



Foto 36: Área de lazer em frente a residências  
Fonte: Autoria de Luciene Mourige



Foto 37: Moradia do Corredor das Tropas  
Fonte: Autoria de Luciene Mourige

Seu P., fala com determinação e carinho do lugar, buscando em suas memórias, fatos que há muito tempo aconteceram. Lembra de vizinhos e amigos que formou por ali, muitos viraram compadres, outros já foram embora e vários já faleceram. Por debaixo de seus olhos esverdeados, com o rosto enrugado, devido ao sol e, provavelmente, muito trabalho braçal, com estrutura pequena, mas com a sabedoria e serenidade de seus 72 anos, tem muito a falar e contribuir, costuma dizer: “[...] eu não tenho estudo, mas conheço o Passo dos Negros, como a palma de minha mão”. Isso se percebe, nas rodas de conversas em que os moradores/as, trazem essas pautas. Seu V. em sua fala, situa que todo aquele espaço em um só, que todos estão na mesma situação e, neste momento, a união da comunidade se faz necessária. Em seu relato diz:

Nós precisamos nos juntar, que eu quero dizer ao senhor, seu P. e a todos que estão aqui, é que um sozinho não consegue nada, mas se tiver todos reunidos, unidos aqui, tem uma conquista porque a massa está aqui, todas as pessoas juntas reunidas, lutando e criando uma idéia, levantando uma idéia, isso é muito interessante e positivo, para umas discursões, porque ai começa a entrar as ideias, elas começam a se encaixar e as coisas começam a tomar uma posição. E a posição, às vezes, está no lado diferenciado, do que eles estão colocando, pois eles dizem, que essa área é a do Pedro, essa e a do Paulo, mas na verdade tecnicamente se nós se organizarmos, essa área é de todos que tem direito. (V., 2018).

Uma situação delicada, perante o mundo em que vivemos, mundo este, cada vez mais produzido pelas redes de mídia, pensando esses espaços como campo de forças, mas numa batalha desigual. O mapa, construído pela mestrandia em Artes Visuais, e pesquisadora do GEEUR, mostra a localização atual da comunidade do Passo dos Negros, assim como seus bens culturais, as posições dos “empreendimentos” construídos, ou em fase de construção, trazendo a nova proposta de “empreendimentos” que chegam a esse lugar.



Mapa 3: Território do Passo dos Negros. Fonte: Autoria de Ana Langone

Nas últimas idas a campo, novos relatos surgiram, uma vez que os moradores/as do Corredor das tropas estão apreensivos, com a presença de pessoas medindo o local. Essa área pega boa parte dos campos, que ficam atrás do Osório Futebol Clube. A empresa notificou a última casa do local, dizendo que devem se retirar, pois a área que foi vendida engloba essa parte. Isso só confirma o que já tinham ouvido falar, pois seria construído um novo condomínio de casas de luxo no local. Seu C. J., está preocupado com essa situação que vem se agravando.

[...] agora mais esse outro, e aqui vai ser a mesma coisa, se for o Lagos, provavelmente o dois, igual a esse aí, vai ser valorizado, [...] eles vão aterrizar, eles vão fazer melhorias, então vai ser um absurdo de caro, pra pobre não tem, nem a classe média tem condições de comprar, isso quem compra, é da advocacia para cima, aqueles lá de cima, [...] estão ficando muito bonitas. [...] a imobiliária já veio medir, diz que vai ser um mundo de casas. Eles vão tomar conta de tudo. (C.J., 2019).

Em sites da internet, é possível ver, nesse território, propostas para construção de novos “empreendimentos”.



Mapa 4: Novos “empreendimentos” na região do Passo dos Negros<sup>18</sup>

As incertezas de um futuro sem moradia têm aumentado a tensão na comunidade, refletindo que esse olhar de interesse, pelo Passo dos Negros, vem há muito tempo. Isso mostra, que o plano diretor da cidade está sendo modificado, estão cientes e autorizam essas construções. Nesse tempo de pesquisa, observa-se que a chegada desses “empreendimentos” trouxe mudanças irreversíveis a esse território que pode vir a desaparecer, assim como sua história. Esta escrita etnográfica, vem das observações em campo. Posso dizer que as desigualdades sociais e econômicas, estão entre as principais gestoras de conflitos.

<sup>18</sup> Fonte: Google Earth, 2020.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mulher mulher negra, bisneta de benzedeira, venho de uma família com histórico de mulheres trabalhadoras domésticas. Algumas dessas mulheres, ingressaram em universidades, ocupando espaços, que antes eram destinados só aos filhos dos patrões. Quando entrei para universidade, em 2014, levei minha experiência de trabalhadora doméstica, ao participar do meu primeiro projeto de extensão, “Trabalho Doméstico: Entre o Passado e o Presente”. Junto a minha mãe, na época graduanda de História e minha irmã, graduanda em Museologia, compartilhamos nossas vivências, com outras mulheres. A participação em outros projetos, até a chegada ao Passo dos Negros, foram importantes para a construção de meu olhar antropológico.

Sou moradora da cidade de Pelotas, em casa ouvia os mais velhos falarem do Passo dos Negros, mas só vim a conhecê-lo em 2016, ao fazer parte da equipe do projeto. Entrando em campo, deparo-me com a questão dos conflitos, entre os moradores do Passo e os empreendimentos de luxo que chegam ao território. Dessa maneira, busco entender, através da etnografia e das narrativas, as demandas que acontecem naquele espaço.

Assim, para descrever o Passo dos Negros, foi preciso apontar suas diferentes temporalidades vivas, de modo a evidenciar os processos relacionados à escravidão de africanos/as e afro-brasileiros/as que aqui chegaram na região de Pelotas. Passaram-se poucos anos da abolição, pois 132 anos não foi tempo suficiente para reparar as mazelas e desconstruir um racismo que é estrutural, chama-se a atenção para as seleções na construção das narrativas locais, o que se quer fixar e o que se quer esquecer, quando alguns elementos não são incluídos na história oficial da cidade e do país e o porquê.

Hoje, pelos caminhos do Passo dos Negros, pode-se ver essas feridas abertas, indivíduos empurrados para as margens, um território em disputa, invisibilizado mas que continua contando sua história e em construção.

Conforme Santos (1991), é preciso pensar que os mecanismos da invisibilidade, podem ser vistos por muitos lugares desta cidade, que continua elitista, denominando seus patrimônios, selecionando narrativas, separando espaços:

[...] a intelectualidade empenhava-se em inculcar a idéia de que a escravidão riograndense se caracterizava pela relação paternal e benigna, devido ao fato de serem fraternais. Em verdade, esta versão é o mascaramento da realidade, pois aspecto fraternal pode apresentar-se quando muito, como mecanismo de dominação, na medida em que não excluía as relações de produção escravista. Mascaramento da realidade, exclui-se o negro do processo histórico e privilegia-se o branco, identificado como classe senhorial opressora [...] (SANTOS, 1991, p.135).

A história do Passo dos Negros, é contada por esse passado, a partir de narrativas do presente, escolhidas por significados e pertencimentos. Elas, de certa maneira, servem como estratégias de luta, pois muitos/as moradores/as daquele lugar, usam a oralidade e acabam sendo os guardiões da memória. A comunidade reivindica sua história, assim como seus bens culturais e o direito de ali permanecer. A paisagem há muito tempo vem sofrendo modificações, não só físicas, como também estruturais, desde o trabalho escravo nas charqueadas ao trabalho remunerado, este com vigilância, no cotidiano de seus trabalhadores/as, em seu lazer e moradia. Através dessas memórias, é possível entender as temporalidades, fundamentais para as dinâmicas de convivências, assim como, percebe-se as estratégias de sobrevivências. Muitas estruturas físicas já desmoronaram ou foram derrubadas, no entanto, elas continuam vivas nas lembranças de pertencimento.

Neste trabalho, trago dados etnográficos, buscando entender o território do Passo dos Negros, observando a cidade como uma série de processos de resistência, luta e conflitos, trazendo à tona uma malha de relações, contextos e olhares diferentes, com a chegada dos “empreendimentos” na localidade, quando adentramos o campo e passamos a entender as suas demandas. Nesse contexto, nota-se um território onde ocorrem dinâmicas de relações e também estratégias, pois o Estado, de certa forma, apresenta-se, na região, como parceiro dos condomínios, pois acaba deixando os moradores/as da comunidade invisibilizados e vulneráveis.

Atualmente, essas pessoas se tornam empecilhos, para os políticos, investidores e para a prefeitura. Por anos, a localidade foi silenciada e passou por processos de exclusão. No momento elas se recusam a desocupar o espaço para o qual o próprio poder público os empurrara, já que o território, classificado como periférico por muito tempo, atualmente virou zona nobre da cidade. Como

pesquisadora, não posso esquecer minha fala e do quanto nossa escrita tem a potência de chegar a muitos lugares, trazendo visibilidades ao campo pesquisado. Para a antropóloga, Uriarte (2010), o fazer antropológico é jogar-se de cabeça, num campo ou mundo desconhecido, o qual só desvendaremos quando chegarmos ao seu final:

A conclusão é simples: a rigor, fazer etnografia não consiste apenas em “ir a campo”, ou “ceder a palavra aos nativos” ou ter um “espírito etnográfico”. Fazer etnografia supõe uma vocação de desenraizamento, uma formação para ver o mundo de maneira descentrada, uma preparação teórica para entender o “campo” que queremos pesquisar, um “se jogar de cabeça” no mundo que pretendemos desvendar, um tempo prolongado dialogando com as pessoas que pretendemos entender, um “levar a sério” a sua palavra, um encontrar uma ordem nas coisas e, depois, um colocar as coisas em ordem, mediante uma escrita realista, polifônica e intersubjetiva. (URIARTE, 2010, p. 10).

Do ponto de vista empírico, do mundo em concretude, tornam-se importantes e fundamentais as observações em campo, pois no território do Passo dos Negros, há uma Pelotas, que não encontramos nos mapas oficiais, contudo, surge, em narrativas, uma cidade reescrita pela oralidade. Nós, antropólogos/as, temos ferramentas; pela base teórica e etnográfica, posso dizer, que esta escrita foi densa, pois as estruturas que a envolvem, trazem muitas dinâmicas, grupos diferentes, assim como a temporalidade, pois sem esta, não se compreende a dimensão do campo e suas particularidades. Considero relevante apresentar as narrativas e o olhar dos próprios moradores/as, assim, compreendo o território a partir de suas vivências e práticas de discursos.

Pelo olhar metodológico, identifiquei pertencimentos, lugares de fala, relações de poder, patrimônios, desigualdades, humanos e não humanos, moradias, “empreendimentos”, falta de oportunidade, esquecimento. Elementos fortes de um espaço que há muito tempo vem sobrevivendo, porém, eu encontrei além disso, narrativas de vida. Como pesquisadores/as temos meios de abrir brechas, para que essas vozes voem e ocupem um lugar na cidade, quem sabe mais além. A demanda de crescimento econômico imobiliário é global, clamor do “mundo moderno” que impulsiona a economia e, como os moradores/as dizem: “passando como se fosse um trator”.

Confesso que me fiz diversas perguntas e para muitas, ainda não tenho respostas, sei que um grão de areia pode se tornar uma montanha e, nesse pensar, acredito num futuro melhor para a comunidade. Mudanças e transformações fazem

parte das dinâmicas de vida e, também, de nós. Pela convivência na comunidade, acredito que vão continuar com “suas armas” defendendo o lugar, vivenciando-o no seu dia a dia, tentando uma inclusão social em que sejam valorizadas as diversidades. Nesses anos dentro da universidade, ouvi uma frase que hoje faz todo o sentido: “o campo te escolhe!”. Não saímos iguais, somos remexidos interna, política e intelectualmente. Quem me acompanha nessa caminhada acadêmica, sabe que meu lado pesquisador transpassou as águas turvas do São Gonçalo. A historicidade do Passo dos Negros, também é minha.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUCHAIM, Vera. R. SANTOS, CUNHA, Maria, R. Cadernos IHGPEL: **Portugueses insulares e suas descendências no sítio charqueador pelotense**. Pelotas: Pallotti, v.4, abr. 2015.
- ABUCHAIM, Vera Rheingantz. **O Tropeiro que se fez Rei**. Porto Alegre: Gráfica Mosca Ltda., 2013.
- ABUCHAIM, Vera Rheingantz; BETEMPS, Leandro Ramos (Orgs). Cadernos IHGPEL: **visita da Princesa Isabel à cidade de Pelotas**. Pelotas: Ed. Universitária UFPEL, v.1, 2010.
- AL-ALAM, Caiuá Cardoso. **A Negra Força da Princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2007.
- ALFONSO, Louise; RIETH, Flávia. **Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto bem cultural**. In: SCHIAVON, Carmem Burget; PELEGRINI, Sandra de Cássia. (Org. Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios. Rio Grande; Ed. da FURG, v.p.131-147, 2016.
- ALFONSO, Louise Prado. **Margens: grupos de processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas**. Projeto de Pesquisa. UFPel.2017.
- ALFONSO, L; LIMA, D; SILVA, M; e tal. **Do lado de cá da ponte: nossas histórias sobre o passo dos negros**. Dia do Patrimônio- Territórios Daqui: Identidade Pertencimento 2017.
- ALFONSO, L. P.; Ortiz, S; SEGER, D; PEREIRA, I. K. S.; ARAUJO, J.M. **Aflorando memórias narrativas de escravidão do Passo dos Negros**. In: XVIII Congresso da SAB, 2015, Goiânia. Livro de Resumos XVIII Congresso da SAB, 2015
- AGIER, Michel. (2011). **Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos**. Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- ARRIADA, Eduardo. (1994). **Pelotas: Gênese e Desenvolvimento Urbano (1780 – 1835)** Pelotas: Armazém Literário.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: O trabalho do antropólogo. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.
- CARLE, Cláudio, UFPEL, Brasil. v. 5, n. 1 (2017): **Dossiê: Saberes e Territorialidades Marítimo-Costeiras: estudos e perspectivas antropológicas**.

CERTAU, M de. **A invenção do cotidiano: artes fazer** (vol.1). 13º ed. Petrópolis. Vozes, 2007

COLLINS, Patrícia. **Aprendendo com a outsider within\*: a significação sociológica do pensamento feminista negro\*\*** Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 janeiro \ abril 2016. p. 114-123.

COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande do Sul**. Vol. I. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, Barcellos, Bertaso & Cia. 1922

CUNHA, José, Z da. **Apontamentos para a História da Revolução de 1835**. Biographia de Domingos José de Almeida. Pelotas, RS: Typographia da Livraria Americana Pinto & C., 1902.

DIÁRIO POPULAR. **Revolução em Pelotas e São Lourenço do Sul**, pg. 9 20.09.1985

DIÁRIO POPULAR. LEÓN, Zênia de. **A barca liberal e sua participação na Revolução Farroupilha** 20.09.1988, pg.12

**Dicionário de História de Pelotas**, Beatriz Ana Loner, Lorena Almeida Gill, Mario Osorio Magalhães, [organizadores]. 3. ed. – Pelotas: Editora da UFPel FAU – 2017, 295 p

DODE, Marcela, S. **Outras Temporalidades do Passo dos Negros: A Leitaria na visão da Arqueologia da paisagem**. Monografia 2019. 82f. UFPel.

**DOSSIÊ De Patrimonialização do Passo dos Negros-** 2019-GEEUR

GAIMARINO, E.M.W. **Viagem de Augusto de Santi-Hilare ao Rio Grande do Sul (1820-1821) – O que torna legítima a apreensão de um monumento enquanto documento**. UFRGS - 2008.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUTIERREZ, Ester Judite B. (2001). **Negros, Charqueadas e Olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. 2ª ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL

/as \_\_\_\_\_. (2004). **Barro e sangue: mão de obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)**. Pelotas; Ed. UFPEL

\_\_\_\_\_ (2011). **Negros, Charqueadas e Olarias: Um estudo sobre o espaço pelotense**. 3 ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011

IPHAN: **Processo de Tombamento nº 1.512-T-03-Conjunto Histórico de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul**.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos. Ensaios de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 1994.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000

LEÓN, Zênia de. **Viva o Charque – A memória do Ciclo do Charque em Pelotas. “A Ponte dos Dois Arcos**. Artigo n. 32. 2016. Disponível em: <http://www.vivaucharque.com.br/interativo/artigo32>

LIMA, D.V.; ARAUJO, J. M.G.; ALFONSO, L. P.; RIETH, F. **Ao passo de humanos e cavalos: etnografia na localidade Passo dos Negros em Pelotas-RS**. Anais do XVIII Encontro de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016

LIMA, D. V; ALFONSO, L. P. RIETH, F. **Os seres da/na cidade: experiência vivida no vilarejo Passo dos Negros, Pelotas/RS**. Anais da IV Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia (REACT), USP, 2017

LONER, Beatriz, **A. Construção da classe: operária de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)**, Pelotas: Universitária, 2001.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; SCHEER, Micaela Irene. **Enfermidade e morte: os escravos na cidade de Pelotas, 1870-1880**. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*: Rio de Janeiro, v. 19, supl., dez 2012, pp. 133-152

MAESTRI, Mário José. (1984). **O Escravo no Rio Grande do Sul: a charqueada e a gênese do escravismo gaúcho**. Porto Alegre: EST (Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes); Editora da Universidade de Caxias do Sul.

MAGALHÃES, M. O. **Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio grande do Sul: Um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Dissertação de mestrado, Florianópolis, 257p. 1993 Pelotas: EDUFPEL/Livraria Mundial.

\_\_\_\_\_. (2013). <Pelotas: Origem e Apogeu. >. In: RIETH, et al. **Inventário Nacional de Referências Culturais – Lidas Campeiras na Região de Bagé/RS. Relatório Final**. Arroio Grande: Complexo Criativo Flor de Tuna.

MATHIAS, Simone, F. **Corpos que se Vestem, Corpos que Contam Histórias: narrativas sobre a escravidão através de um olhar de Pretas Velhas e Pretos Velhos em Pelotas– RS**. Monografia. 60 f. UFPel. 2018

MATHIAS, S, F; SILVEIRA.M, M; ALFONSO, L, P: **“Eles nos descobriram: Às margens do Passo dos Negros (Pelotas\RS)**. Anais do XX Encontro de Pós-Graduação. UFPel, 2018.

PARADEDA, M. R. **Arquitetura da paisagem e modernidade: Um estudo sobre representações e memória das praças de pelotas (1860-1930)**, dissertação de mestrado, Porto Alegre, 349 p. 2003, acesso em 15/04/2014.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, Ano, 20, n.42, p.377-391,2014

PICCOLI, Valeria. **O Brasil na viagem pitoresca e histórica de Debret**. I Encontro de História da Arte – IFCH / UNICAMP 2005

ROCHA, Marcelo, G. **Arqueologia da Escravidão e Patrimônio Cultural no Passo dos Negros (Pelotas, RS)**. 2014. 156 f. (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

ROSENTHAL, M.A; GONÇALVES, E.A. **Marambaia História, Memória e Poética**. Seminário de História da Arte – Anacrônicas do tempo. n.4 – UFPel 2014.

SANTOS, Milton. **O território e o saber local: algumas categorias de análise**. **Cadernos Ippur**, V. 2, p.15-25, 1999

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Ed. USP, 2002.

SANTOS, C.R.Á. **Influências Francesas na Organização dos Espaços Verdes de Pelotas e nos Edifícios da cidade: 1870-1931** FURG – Artigo da Faculdade de Direito – JURIS- vol. 17, (153-171), 2012.

SECRETÁRIA DE CULTURA DE PELOTAS: **Ofício nº 0023/2018 –DI 00824.00311/2017**

SEVAIO, Joanna; ALFONSO, Louise. **Lugares múltiplos, narrativas uniformes: O fazer cidade no Passo dos Negros**. In: IV Congresso de Ensino de Graduação. 4º Semana Integrada UFPel – Pelotas. Livro de Resumos: IV. 2018.

SILVEIRA, Melina Monks. O complexo industrial do engenho Pedro Osório a partir da arqueologia da arquitetura. **ARCHE-REVISTA DISCENTE DE ARQUEOLOGIA**, p. 64. 2020

SILVEIRA, M.M; MATHIAS.S, F. ALFONSO, L.P: **Cidade - conceito e cidade- vivida: 71 Mapeamento das dinâmicas e temporalidades no espaço urbano\ rural do Passo dos Negros em Pelotas\RS**. In: V Congresso de extensão e cultura.2018, Pelotas. Livro de Resumo: 4º Semana Integrada UFPel.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. Disponível em [www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/824](http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/824), acesso em 24/06/2020.

ROCHA, Marcelo, G. **Arqueologia da Escravidão e Patrimônio Cultural no Passo dos Negros (Pelotas, RS)**. 2014. 156 f. (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) Universidade Federal de Pelotas, Pelotas

RODRIGUES, Marta Bonow. **“A vida é um jogo para quem tem ancas”:** **uma arqueologia documental de mulheres escravas domésticas em Pelotas\ RS no século XXI**. Dissertação de Mestrado, 2015.

MAGNANI, J. G. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002

MAESTRI, Mário José. (1984). **O Escravo no Rio Grande do Sul: a charqueada e a gênese do escravismo gaúcho**. Porto Alegre: EST (Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes); Editora da Universidade de Caxias do Sul.



VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: Individualismo e Cultura. Ed: Zahar, 1987.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.